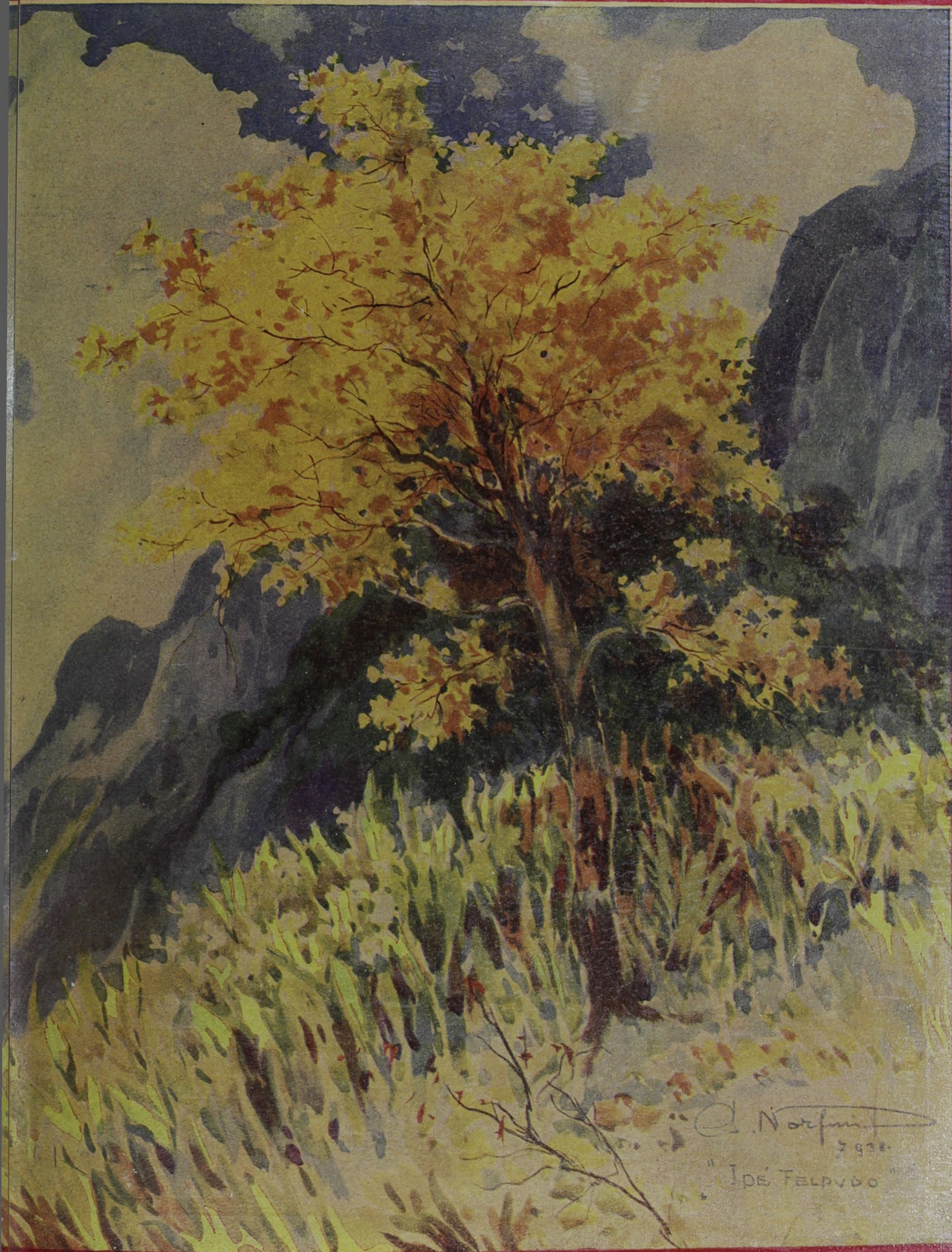


O MALHO



ANO XLI - NUMERO 26 - MARÇO, 1942 - PREÇO 3\$000

A LINGERIE

A mais útil das iniciativas da Bibliotéca de "Arte de Bordar", concretisada num

Precioso álbum com 170 modelos escolhidos, do mais fino gosto e absolutamente originais.

CADA um desses 170 modelos é acompanhado do respectivo risco em tamanho natural.

"LINGERIE"

Traz ainda em suas 48 páginas indicações, sugestões sôbre pontos, linhas, côres, etc., constituindo um belo presente e um útil conselheiro.

PRÊÇO 10\$000

Faça seu pedido acompanhado da respectiva importância em Vale Postal, Carta Registrada ou mesmo selos do correio. Aceitamos encomendas pelo Serviço de Reembolso Postal, para as localidades servidas por esse sistema de cobrança. — PEDIDOS à S. A. O MALHO -- Trav. Ouvidor, 26 -- C. Postal, 880 — RIO. À VENDA NAS LIVRARIAS.



CASEMIRA



" O PANO QUE NÃO ACABA "

O MALHO

MENSÁRIO ILUSTRADO

Edição da S. A. O MALHO

Diretores: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
OSWALDO DE SOUZA E SILVA
JOSÉ MARIA BELLO

ANO XLI — NÚMERO 26

MARÇO — 1942

PREÇO DAS ASSINATURAS

Um ano	35\$000
Seis meses	18\$000
Número avulso	3\$000
Número atrasado	4\$000

EM TODO O BRASIL

Redação e Administração
TRAVESSA DO OUVIDOR, 26
Caixa Postal, 880 — Tels. 23-4422 e 43-9453
Oficinas

RUA VISCONDE DE ITAÚNA, 419

End. Teleg.: O MALHO

ESTE NÚMERO CONTÉM 74 PÁGINAS

A NOSSA CAPA

A bela e sugestiva tela que apresentamos na capa desta edição, é mais um lindo trabalho do pintor Alfredo Norfini e se intitula "Ipê Felpudo".

Norfini é um grande apaixonado da natureza brasileira e tem sabido fixar, com carinho que ninguém excede e felicidade rara, coisas lididamente nossas, como essa árvore típica da nossa flóra, que lhe proporcionou ensejo de produzir mais uma das suas verdadeiras obras primas de gosto e delicadeza.

NÃO SÒ NO ENXOVAL

mas também nos detalhes da ornamentação do novo lar devem pensar as jovens que se casam.

Ambas essas coisas serão feitas com requintes depois do manuseio do GUIA DAS NOIVAS, a magnífica publicação da "Biblioteca de Arte de bordar".

LIVROS & AUTORES

VIDA MARAVILHOSA E BURLESCA DO CAFÉ

Este é um desses livros que representam esforço, estudo, paciência e que, apesar de versar sobre assunto aparentemente estático contém páginas cheias de vibração, movimento e interesse. Teixeira de Oliveira realizou uma obra acessível, fácil de ser manuseada, leve, agradável, e que nem por isso se ressentia de falta de precisão, de segurança e amplitude.

A edição é de Pongetti e se apresenta atraente e bem cuidada, e é grande o sucesso que está obtendo esse excelente trabalho do jovem escritor.



Teixeira de Oliveira



Luiz Anibal Falcão

COLOQUIOS TRANSATLANTICOS

O escritor e teatrólogo Luiz Anibal Falcão, tendo enfileirado em volume vários coloquios de fundo altamente intelectual que manteve com notabilidades das letras francesas, vem de ser lançado pela Atlantica Editora com mais uma contribuição valiosa para os estudiosos da literatura de além-mar.

Maurois, Armoux, Jaloux, Duhamel, Berrier, Bedel, Carco, entre outros, aparecem em curiosos depoimentos neste precioso trabalho e os comentários de Luiz Anibal Falcão dão ao seu livro um sabor todo especial.

CARTAS DO MEU AMOR

Numa belíssima edição da livraria Martins, de São Paulo, acaba de aparecer, sugestivamente ilustrado por Noemia, "CARTAS DO MEU AMOR", de Guilherme de Almeida. Volume destinado, por todos os títulos, ao mais amplo sucesso de crítica e de publico, "CARTAS DO MEU AMOR" reafirma as qualidades admiráveis do lirico cantor de "NARCISO". Encontraremos nesta obra, o mesmo poeta de "NÓS", "ERA UMA VEZ" e tantas outras obras primas da nossa poética. Com acentuado um crítico, a alma do poeta "retornou a um grande amor, pois que só o amor é capaz de fazer grandes coisas em arte, em literatura... Bastaria aliás, mencionar "BILHETE PERDIDO", pequena joia que se lê e guarda para sempre, ou então aqueles admiráveis versos que começam assim, "Minhas mãos estão com saudades das tuas..."

Um belo livro. Um livro para se guardar, para se oferecer, para se encadernar. Um livro precioso, em suma.

O SOLAR DA MURALHA DE PEDRA

Através do romance "O SOLAR DA MURALHA DE PEDRA" que acaba de ser editado pela Livraria José Olympio, e traduzido por Ilka Labarthe, o público brasileiro vai conhecer mais um nome de destaque na pleiade de romancistas americanos contemporâneos: Lella Warren. Dotada de poderosa imaginação, sem afastar-se, ao mesmo tempo da realidade, a autora arquitetou a história de uma família ligada a importante período da vida americana no século 19. Fez assim um romance sentimental, de fundo histórico-social e ação intensa, capaz de prender inteiramente a atenção do leitor. Obrigados a emigrar, devido o esgotamento das terras, onde há muitos anos tinham lançado raízes seus antepassados, os Whetstones, foram erguer o ar em outra região, depois de uma luta heroica, não só com as asperidades da natureza, como as hostilidades dos homens, enfrentando os índios e os horrores da Guerra Civil, que dividiu o país em dois campos antagônicos. E ao lado disso, uma história de amor, as figuras admiráveis de Yarbough e Gerda Whetstones dominando o romance e impressionando o leitor pela tenacidade com que afrontam os revezes, escudados sempre no estímulo de um grande amor.

O MORRO DOS MAUS ESPIRITOS

Este romance é um hino de fé ao amor, um cântico à vida, e uma exaltação do que a mulher, incomparável companheira de nossa jornada, supõe e representa para o homem.

Salvar o homem querido, arrancando-o do mau caminho; purificar-lhe a alma pelo amor, eis a redentora tarefa de Sammy Lane, a apaixonada e terna figura central de O MORRO DOS MAUS ESPIRITOS.

Harold Bell Wright pinta-nos magistralmente esse drama feito de brutalidade e delicadeza, de egoísmo feroz e sublime renúncia — desharmonias que compõem a harmonia universal.

A tradução brasileira feita por Estela Martins Paredes, e a edição, da Editora Vecchi, do Rio, além de bem cuidada, está enriquecida com esplêndidas fotografias.

DOIS GURIS

A escritora Elza Almeida entra para o rol dos verdadeiros autores didáticos com o seu livro "Dois Guris", que Zélio Valverde acaba de editar num formoso volume, cartonado e impresso a cores, cheio de ilustrações de página inteira, o que desperta nos pequenos leitores, aos quais é destinado, o mais veementemente desejo de aquisição...

História de dois meninos na fase escolar, a autora soube incluir no enredo os prolegômenos de cultura necessários à infância. E obra que istruir distraindo, trabalho onde todos os itens imprescindíveis à educação pueril foram tecnicamente observados.

Nenhuma criança brasileira deixará de ler em "Dois Guris" um lindo conto que lhe dará prazer e lhe fará, sem que ela o pressinta, aprender coisas uteis à sua instrução.



CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS

JUVENTUDE
ALEXANDRE

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu figado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gazes incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martyrio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada ha como as famosas Pillulas CARTERS para o Figado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam damno; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Figado. Não aceite imitações. Preço 3\$000

Guia da Belleza

Este livro ensina a fazer, na propria casa, os tratamentos de belleza mais uteis e proveitosos. Traz os processos feitos pelo medico especialista

DR. PIRES

na sua Clinica de Belleza da RUA MEXICO, 98-3, e and. Rio de Janeiro

Preço: 8\$ pelo correio ou nas livrarias.



Busto

Augmente, fortifique e diminua o busto com os productos á base de HORMONIOS.

Hormo-Vivos 1 e 2

Para desenvolver e fortificar use o n. 1 Para diminuir use o n. 2. Resultados rapidos. Gratis: Peça informes á Caixa Postal 3.871 - Rio

Nome.....
Rua.....
Cidade..... Estado.....

OS NOVOS BACHARÉIS DO PIO AMERICANO



Bacharelados do Ginásio Pio Americano, que concluíram o curso em 1941



Os bacharelados do Ginásio Pio Americano, após a missa em ação de graças, na Matriz de São Cristóvão



CASA DE MINAS GERAIS — Grupo de gentis senhorinhas da nossa melhor sociedade que compareceram à mais recente reunião com que a "Casa de Minas Gerais" vem proporcionando aos seus associados momentos de agradável convívio

Casa Spander

RUA MIGUEL
COUTO, 29-Rio

Artigos para todos os sports
Football, Basketball, Volley-
ball, Atletismo, Tennis e
Ginástica

Sandows de elastico e Alte-
res. Encordoamos Rackets
para Tennis

Peçam Catálogos gratis

LEIAM

"ILUSTRAÇÃO
BRASILEIRA"

Aparece nos dias 15 de cada mês
PREÇO 5\$000

"BOB BOLACH E SEU CRIADO
PAÚRA"

(Em viagem de Belém do Pará ao
Araguaia)

de JOAQUIM SILVEIRA THOMAZ
Livro de história para criança, pre-
miado no PRIMEIRO CONCURSO
DE LITERATURA INFANTIL insti-
tuído pela SECRETARIA GERAL
DE EDUCAÇÃO E CULTURA do
Distrito Federal em 1940.



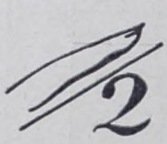
(São páginas alegres, patrióticas,
instrutivas, cheias de ensinamentos,
dignas de figurar nas bibliotecas in-
fantís, as mais exigentes).

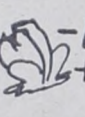
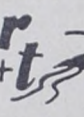
À venda em tôdas as livrarias
Pedidos à Redação do O TICO-
TICO — Travessa do Ouvidor, 26
— Rio de Janeiro


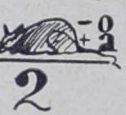
PREÇO 8\$000



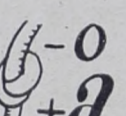
Aceitamos pedidos pelo serviço de
reembolso postal.

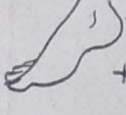
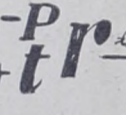
TEXTO ENIGMATICO

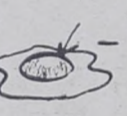
Um  $n \frac{2}{2}$  $\frac{2}{2}$ 


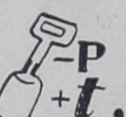
Cons  $-r$ $+t$  $-r$ $+c$ Vigil:

Vi  $-P$ $+V$ R 8^{-0} $+en$ $\frac{2}{2}$ 

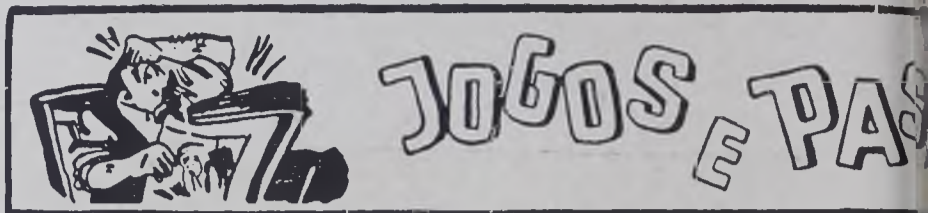
a  $é$  $-P$ $+f$ Zer  -0 $+a$

 $-P$ $+t$ $r \frac{2}{2}$  UO^{-0} $+a$

Via  $-a$ $\frac{2}{2}$

i  $-P$ $+d$ e vol  $-P$ $+t$.

Solução no próximo número



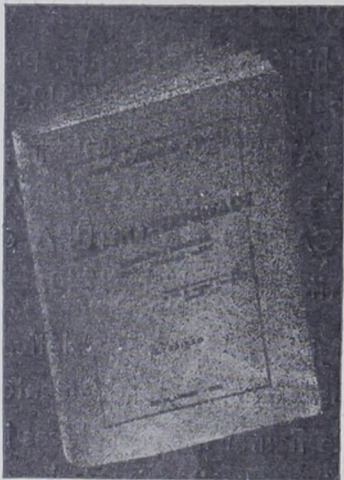
CRUCIGRAMA

1	2	3	4		5	6	7	8
9					10			
11			12	13			14	
		15				16		
	17					18		
19		20	21		22			23
24	25		26				27	
28		29			30	31		
32					33			

HERMANO - ARACAJU

PROF. ARNALDO DE MORAES

Sã Maternidade



Conselhos e sugestões para futuras mães

"Prêmio Madame Durocher", medalha de ouro, da "Academia Nacional de Medicina".

152 páginas e 48 ilustrações.

PREÇO 12\$000

Pedidos a S. A. O MALHO — Travessa Ouidor 26 — RIO

Aceitam-se pedidos pelo serviço de reembolso postal.

CHAVES:

HORIZONTAIS

1 — Moeda chinesa; 5 — Cuidado! Cautela! 9 — Descanço; 10 — Discursar; 11 — Preposição; 12 — Filho de Jacob; 14 — Interjeição; 15 — Espaço; 17 — Grande número; 18 — Prefixo privativo; 20 — Idade; 24 — Nota musical; 26 — Atilha; 27 — Rios da França, Suíça, Rússia e Holanda; 28 — Terra argilosa, para pintura; 30 — Cana de açúcar; 32 — Reino de Guiné; 33 — De boca em boca.

VERTICAIS

1 — Pássaro; 2 — Bebida nas Índias Orientais; 3 — Preposição; 4 — Baixeza, ignominia; 5 — Superfície; 6 — Garbo; 7 — Cruz de Sto. Antônio; 8 — Lago da América do Norte; 13 — Ave galinácea da América do Sul; 15 — Rio da França; 16 — Curso de água; 19 — Soberba; 21 — Neto de Noé; 22 — Habitantes da mesma região; 23 — Principal divindade dos Chaldeus e dos Fenícios; 25 — Celebre Teólogo Alemão; 27 — Título de bispo síriaco; 29 — Alegre; 31 — Partir. Dicionários — Simões da Fonseca e Jayme Seguiér. (Solução no próximo número).

XAROPE

TOSS

AJUDA A COMBATER A TOSSE E RESFRIADOS

TOSS SÓ PODE FAZER BEM

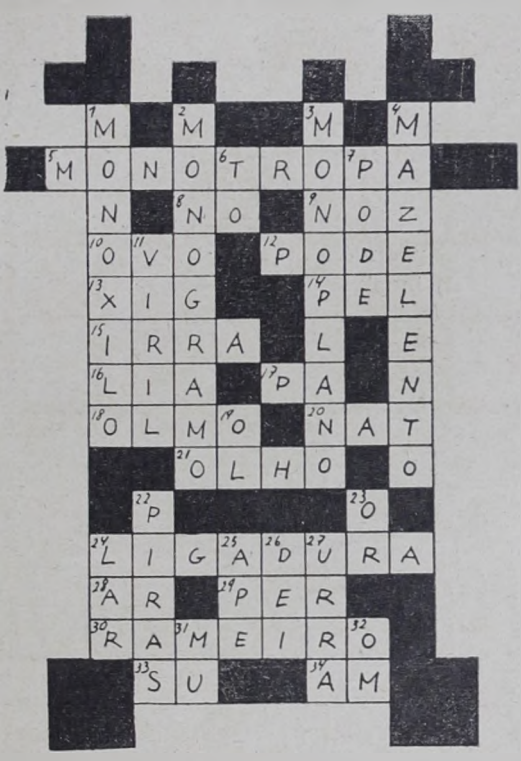


LEIAM
ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA
A mais linda revista do Brasil

SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS DA
EDIÇÃO PASSADA
TEXTO ENIGMÁTICO
SABEDORIA ANTIGA

A verdadeira medida da riqueza é não
estar nem extremamente perto, nem extrema-
mente longe da riqueza.

(Pensamento de SENECA)



CRUCIGRAMA

COCKTAIL DE LETRAS

(GREGOS ILUSTRES)

- | | |
|-----------------|----------|
| 1. APRUCLOT | 1. |
| 2. FLOOSCES | 2. |
| 3. COSTERAS | 3. |
| 4. PERICOU | 4. |
| 5. QUELIOS | 5. |
| 6. THOODREO | 6. |
| 7. TOSSEMENDE | 7. |
| 8. SAFOSENTIRA | 8. |
| 9. EXTIRPALES | 9. |
| 10. MOOHRE | 10. |
| 11. SIEMPREDAN | 11. |
| 12. SIPLERCE | 12. |
| 13. SISECORTA | 13. |
| 14. DRONIPA | 14. |
| 15. SEPUDIERE | 15. |
| 16. SALTE | 16. |
| 17. SITERIDAS | 17. |
| 18. LEGANO | 18. |
| 19. POOSE | 19. |
| 20. ASIÉSLEITOR | 20. |

Formar com as letras das palavras da esquerda,
nomes de personagens gregos notáveis da História.
(Solução no próximo número)

A "Sul America"

Companhia Nacional de Seguros de Vida

tem a grande satisfação de
anunciar ao público o lan-
çamento do seu novo plano

SEGURO POPULAR

Trata-se de uma modalidade na qual,
mediante a economia mensal de

16\$000 para cada apólice de **5:000\$000**

qualquer homem sadio, en-
tre 15 e 40 anos de idade, po-
de obter para a família, sem
exame médico, uma proteção
de 5 a 20 contos de réis, com
pagamento de premios men-
sais durante prazo limitado.

Sul America

Fundada em 1895



O seguro de vida ao alcance de todos

Queiram enviar-me um folheto explica-
tivo sobre esta modalidade de seguro.
8 - M M M M M

Nome.....
Rua.....
Cidade..... Estado.....



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



GRANADO & CIA
RIO DE JANEIRO
T. TARQUINO

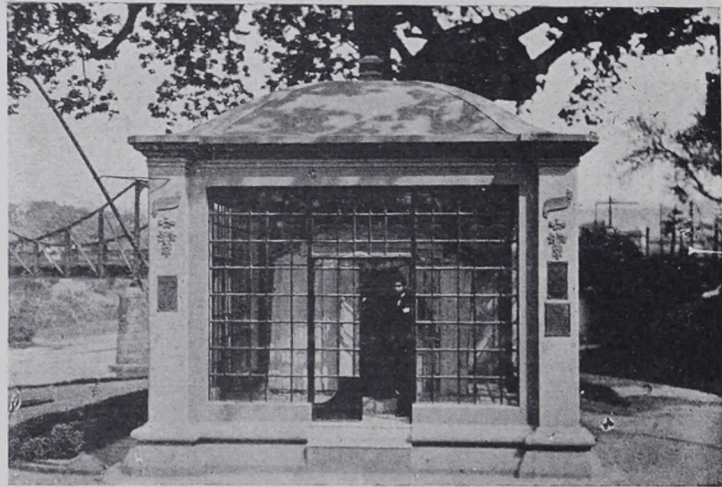
TODOS OS ARTISTAS
e todos os filmes passam
por

Cinearte

Fátos inéditos. A vida
dos studios e a alma
das "estrelas". Entrevistas
com os produtores.
O mais perfeito desfile
das coisas do cinema —
Preço 3\$000.

São José do Rio Pardo se tornou notável desde aqueles dias em que, encarregado da construção da grande ponte local, Euclides da Cunha ali escreveu essa obra ciclópica da literatura nacional, "Os Sertões".

Ao par da realização imponente em que revelou seus conhecimentos de engenheiro, Euclides realizou, ali, numa cabana paupérrima que



A cabana onde Euclides da Cunha escreveu "Os Sertões"

ONDE EUCLIDES DA CUNHA ESCREVEU "OS SERTÕES"

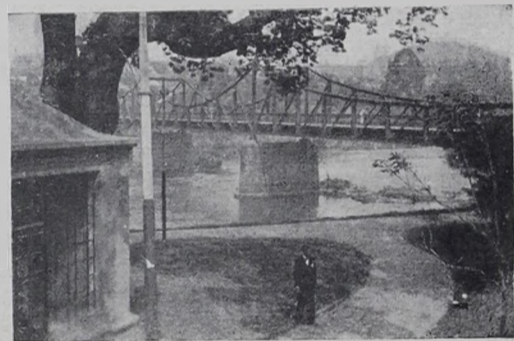
ainda lá existe, esse verdadeiro monumento das letras nacionais, livro que, por si só, lhe deu o renome que hoje envolve sua memória.

A cabana do engenheiro daqueles tempos ainda lá está, abrigada sob uma espécie de nicho, com as inscrições esclarecedoras do seu passado, de sua importância e de seu valor histórico.

E não lhe falta, como reliquia, o dom de inspirar poetas e literatos, não sendo poucos os que a visitam com a alma cheia de emoção por penetrar num verdadeiro lugar sagrado para os homens de espírito e de cultura.

O poeta Assis Fêres, que publicou agora um pequeno volume de poesias, "Sonhos Mutilados", fez mais do que

isso, muito mais do que uma simples visita à cabana histórica de São José do Rio Pardo: ali esteve em procura de inspiração para seu éstro, e compôs, na mesma mesa em que Euclides trabalhou suas páginas magistrais, os poemas desse seu pequeno livro, cheio de inspiração e de beleza.



A ponte sobre o Rio Pardo, cuja construção foi dirigida pelo engenheiro Euclides da Cunha



O poeta Assis Fêres, na mesa em que Euclides da Cunha escreveu "Os Sertões"

MOVEIS DE ESTILO

Grande Sortimento - Preços Modicos

A Renascença

CATETE 55, 57, 59

NEM TODOS SABEM QUE...

Entre as curiosidades antigas de Mecca, ha o Templo de Kaab, edificio quadrado de doze metros, em todos os sentidos, que foi construido segundo a lenda por Abrahão, para lhe servir de oratório.

Chama-se Iakutas, um povo da Sibéria, de raça turca, habitando na provincia de Iakutsk.

O tumulo de Saul, um dos reis de Israel, acha-se nas visinhanças de Jabes — Galaad, na Palestina.

Em Kabr — Ibrahim, na Syria, existe uma mesquita, onde se pretende estarem sepultados Abrahão, Sara e os seus descendentes até José.

São Miguel de Ibarra, cidade do Equador, fica ao pé do vulcão Iambaburú, tendo sido fundada em 1597.

Nas montanhas do Atlas, em Marrocos e na Argelia, vivem os Kabylas, que resistem a todas tentativas dos europeus para conquistá-los.

Nascido em Saragossa, em 1725 e morto em 1785, em Madrid, o impressor Joachim Ibarra dedicou-se à arte tipográfica, na qual foi um artista de mérito e muito procurado no seu tempo.

Gotthelf Kaestner, lente na Universidade de Goettingue, nasceu em 1719 e morreu em 1800, deixando o seu nome ligado a uma excelente "História das Matemáticas" e uma "Nova Demonstração da Imortalidade da Alma".

Todo mundo fala na península da Ibéria, sem saber que esse nome era outróra dado sómente a uma certa região da Espanha, referente às terras banhadas pelo Ebro, antigamente Iberus.

Kafur, soberano do Egipto, foi es-cravo antes de subir ao trono, no ano 996 da era atual.

Os egipcios veneravam o Ibis, ave aquática, por acreditarem que ela se nutria de serpentes e destruía uma grande quantidade desses animais venenosos.

A mitologia dos Zend-Avest designa o primeiro homem que viveu sobre a Terra pelo nome de Kaiomarts, o que equivale ao nosso Adão.

O viajante árabe Mohamed Ibn Batouta, nascido em 1302, viajou muito, percorrendo o Egipto, Persia, Arabia, India, Ceilão, Sumatra e China, Espanha e o interior da Africa. Escreveu a história das suas viagens especialmente para o Sultão de Marrocos.

O pequeno reino de Jacatra, fica situado na Ilha de Java, entre os reinos de Bantam e Cheribon.

Além do Sahara, a Africa possui o Deserto de Kalahari, que fica no Sul do continente africano, ao Norte do Rio Orange.

Entre os grandes viajantes do século X, está Ibn-Hancal, que viajou durante vinte e oito anos consecutivos.

O patriarca hebreu Jacob nasceu no ano 2206 antes de Cristo, sendo filho de Isaac e Rebecca, tendo vivido cento e quarenta e sete anos.

O poeta indiano Kalidasa, escreveu poemas e dramas na lingua sanscrita, depois traduzidos para outras linguas, tendo vivido no século I da era atual.

O nome Ibrahim, que não é mais do que uma fórmula do nome Abrahão, é muito comum no Oriente.

O célebre matemático C. G. Jacobi, nasceu em 1804, na cidade de Potsdam e morreu em 1851, sendo membro da Academia de Ciências de Berlim.

O reino de Maghada e de Bahar, na India, foi fundado 3101 anos antes de Cristo.

O poeta lirico Ibycus, natural da Grécia, viveu 540 anos antes da era moderna, na côrte de Polycrates, tirano de Samos.

Chamava-se Clube dos Jacobinos a sociedade popular e política, que foi fundada em 1789, em Versailles e que teve grande influência nos acontecimentos da Revolução Francesa.

Os Eleuthos, povo de raça mongólica que habita em certas regiões da China, vieram do Turquestão e emigraram no século XVIII, através da Russia, através dos Montes Uraes.



Esta pequena joia

Não sabe que a diarreia é um perigo para a sua vida.

A mamãe porém sabe que nesse caso deve dar-lhe imediatamente Eldoformio, o remedio sem igual contra esta terrivel doença.

Para combater as diarreias nada existe melhor que os famosos comprimidos de



Eldoformio

Bom para os adultos como para as creanças.

Leiam

Cinearte

A melhor revista cinematografica

PILULAS



(PILULAS DE PAPAINA & PODOPHYLINA)

Empregadas com successo nas molestias do estomago, figado ou intestinos. Estas pilulas, além de tónicas, são indicadas nas dispepsias, dores de cabeça, molestias do figado e prisão de ventre. São um poderoso digestivo e regularizador das funções gastro-intestinaes.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Depositarios:

JOÃO BAPTISTA DA FONSECA

Vidro 2\$500, pelo Correio 3\$000

Rua Acre, 38 — Rio de Janeiro

O sensacional e o pitoresco na Conferência dos Chanceleres

A Conferência Panamericana realizada no Rio de Janeiro marcou o início de 1942 com o sinal de um acontecimento de excepcional importância, capaz de influir decisivamente no destino do mundo.

Daqui a muitos anos, ainda se recordará essa reunião como um monumento da História da América. E tudo quanto se passou sob os olhares do público terá uma grande significação e um extraordinário valor histórico.

E' por isso que o número especial de "Ilustração Brasileira" sobre a III Reunião de Consulta dos Ministros do Exterior das Repúblicas Americanas está despertando tão grande interesse, não apenas entre as élites culturais brasileiras, mas até mesmo no seio do povo.

E' que nenhuma publicação realizou uma reportagem tão completa, tão interessante, tão perfeita.

Texto e gravuras aliam-se para formar um conjunto maravilhoso, proporcionando uma impressão indelevel sobre os fatos e a significação da Conferência dos Chanceleres.

Todos os aspectos aí aparecem em relevo: a informação precisa, o comentário vigoroso, o histórico, o sensacional, o pitoresco.

Não resta dúvida de que, daqui a muitos anos, quando se quizer ter uma idéia clara da Conferência Panamericana do Rio de Janeiro, a melhor de todas as fontes será este número especial de "Ilustração Brasileira", o grande mensário da intelectualidade patricia.

(Do "O Globo" de 26 - 2 - 1942)

I L U S T R A Ç Ã O B R A S I L E I R A
Está à venda em todos os pontos de jornais e livrarias do Brasil ao preço de 5\$000 o exemplar.

NÃO SÓ NO ENXOVAL

mas também nos detalhes da ornamentação do novo lar devem pensar as jovens que se casam.

Ambas essas coisas serão feitas com requintes depois do manuseio do **GUIA DAS NOIVAS**, a magnífica publicação da "Biblioteca de Arte de Bordar".



A vida de hoje

precisa do ENO

porque a agitação cansa, a atividade gasta... ENO constitui a melhor ajuda para a "preguiça intestinal". Mas insista no único e verdadeiro "Sal de Fructa": - ENO!



ENO "Sal de Fructa"

VULTOS DO IMPERIO E DA REPUBLICA

VIEIRA DA SILVA

O dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, embora nascido acidentalmente no Ceará, pertencia a uma ilustre família do Maranhão, e nessa provincia viveu e fez carreira politica. Como tivesse feito seus estudos superiores na Alemanha e fosse formado pela célebre universidade de Helderberg, onde consistiu, se bateu em vários duélos, era visto, vez por outra, de cachimbo à boca. Mas como a perversidade, tal como a hipocrisia humana, não têm medida nem limite, assoalhou, à meia voz, que ele era, não só um inveterado fumador de cachimbo, como também um grande amante da cerveja, à ponto de ficar, não raro, em "estado de não poder deliberar". Os vago rumores dessa insidia chegaram aos ouvidos do Imperador, quando o nome de Vieira da Silva apareceu numa lista triplíce senatorial. D. Pedro II tinha a alta e nobre preocupação de fazer do Senado do Imperio uma insigne expressão da nossa educação politica e da nossa cultura moral e intelectual. Assim, aproveitando a presença do dr. Silva Maia deputado, também, pelo Maranhão, numa recepção oficial, disse-lhe: "Não conheço o senhor Vieira da Silva. Nunca nos procurou. Não é estranho?"

Silva Maia, que gosava das simpatias do soberano e das de Vieira da Silva, fez sentir a este a estranheza daquele, em não procurá-lo.

A primeira recepção realizada depois do encontro dos dois representantes maranhenses, o futuro companheiro de João Alfredo, no gabinete libertador, compareceu. Ao ser anunciado o seu nome, o monarca saudou-o amavelmente: "A Imperatriz está ali. Vá conversar com ela". Obedecendo-o, o recém-chegado dirigiu-se à "mãe dos brasileiros". Acoitando-o, carinhosamente, assim falou ela:

"O senhor não imagina o prazer que nos dá com a sua presença! O seu nome figura numa lista triplíce senatorial. Pedro é excessivamente escrupuloso na escolha dos que devem fazer parte da câmara vitalicia. Nada sabemos a seu respeito, senão que é um homem de bela intelligencia e profundo saber. Mas isso não basta. Pedro não quer ter motivos de arrependimento pela escolha de um homem que não seja digno da investidura senatorial. Sabemos que o senhor não os daria..."

O eminente politico compreendeu o alcance de tais palavras. E, com dignidade, gravemente, declarou: "Senhora, póde garantir ao seu augusto esposo que se fôr honrado com a sua escolha para senador do Imperio nem a elle, nem à vossa majestade jamais darei motivos de arrependimento por tal ato".

A Imperatriz sorriu jubilosamente e, cerrando entre as suas as mãos daquele que viria a ser um dos mais acatados conselheiros da monarquia nos seus ultimos tempos, voltou quasi infantilmente: "Que imensa satisfação para Pedro, a escolha de um brasileiro do seu valor, e com as suas credenciais, para o Senado do Imperio!"

LEONCIO CORREIA

GRIPE / RESFRIADOS / NEURALGIAS /



DÔRES de CABEÇA

TRANSPIROL



**M A T E R N I D A D E
A R N A L D O D E M O R A E S**
PARTOS E CIRURGIA DE SENHORAS
TEL. 27-0110

Instalações e aparelhagem modernissimas. Ar condicionado nas salas de partos e de operações e nos apartamentos. Internamento e assistencia a parto por 1:200\$000, com inserção prévia Radioterapia profunda. Raios X, diagnostico. Tenda de oxigenio e Eliot-terapia. Parto sem dor.
RUA CONSTANTE RAMOS, 173 — COPACABANA



mais!

É o pedido instintivo de quem experimenta **CASCATINHA** — a cerveja pura, leve e do mais agradável sabor, fabricada com as excelentes águas da Serra da Tijuca. A sua superior qualidade satisfaz plenamente aos mais exigentes.

AO PEDIR UMA CERVEJA,
DIGA APENAS:

CASCATINHA

Galeria Santo Antonio

Restaurações de quadros a óleo. Molduras simples e de estilo.
Exposição permanente de quadros a óleo de artistas nacionais.
Especialistas em restaurações de Quadros a Óleo

Couto Valle & Cia.

RUA DA QUITANDA, 25

TEL.: 22-2605

RIO DE JANEIRO

BALADA PARA OS TEUS OLHOS

Olhos que ao luar com carícias eu beijo
E neles eu vêjo luzir os meus olhos...
Olhos que dirigem meu barco da vida,
Nas noites escuras em plenos abrolhos...

(Comparo os teus olhos a dois canarinhos,
Que vivem cantando, alegrando o meu lar.)

Olhos que os brilhantes invejam seu brilho
E mesmo uma estrêla no céu engastada...
Olhos que num beijo me contam histórias,
De algum paraizo de fada encantada...

(Eu sempre hei de amar e beijar os teus olhos,
Porque eles me contam histórias de amor.)

Olhos que me fazem feliz, venturoso,
Que são meu tesouro na terra e nos céus...
Olhos que distantes dos meus vivem tristes,
E os meus sempre tristes, distantes dos teus...

(De todos os olhos que existem na terra,
Os teus se distinguem por serem mais belos.)

Olhos que sonhando, contemplo absorto
Dois mundos de amor em saudades imersos...
Olhos que eu adoro e venero por fim,
Porque eles me inspiram a glória dos versos...

(Comparo os teus olhos a grandes tesouros,
Que vivem guardados no meu coração.)

Olhos que ao luar com carícias eu beijo
E neles eu vêjo luzir os meus olhos...
Olhos que dirigem meu barco da vida,
Nas noites escuras em plenos abrolhos...

(Comparo os teus olhos a dois canarinhos,
Que vivem cantando, alegrando o meu lar.)

JONAS NASCIMENTO

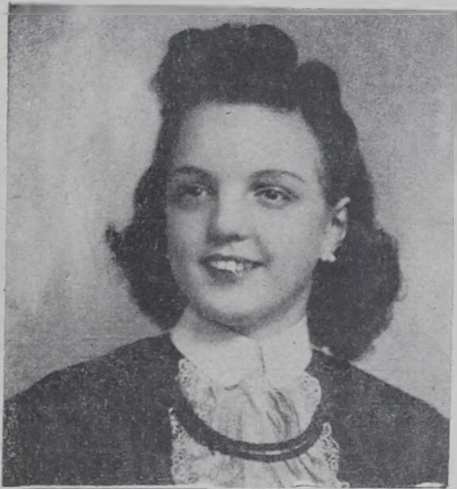




A jovem bacharelada Sirena Rodrigues Jones, que acaba de concluir, com as melhores notas, o curso de Perita-Contadora. Dona de grandes dotes de inteligência e mais bonita ainda do que aparece no retrato, a senhorinha Sirena foi alvo, por ocasião da sua formatura, das maiores homenagens de admiração e estima do seu grande círculo de relações. Apadrinhou-a no ato da colação de grau o poeta, nosso colaborador, Atilio Milano

FORMATURAS

Senhorinha Leda Maria Luglio, residente na Capital de São Paulo e que acaba de concluir, com brilhantismo o curso de Contadora pela Escola Alvaes Pentead



Prof. Jorge Fontana, secretário do Ginásio Paraense, de S. Sebastião do Paraíso, Minas, que acaba de concluir, com grande brilho, o curso jurídico na Faculdade de Direito de Niterói

epoca

TINTURA FLEURY

O verdadeiro restaurador da juventude para o seu cabelo!

EM 18 TONALIDADES DIFERENTES RESTITUE A COR NATURAL EM POUCOS MINUTOS

APLICAÇÃO FACILÍMA Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite a interessante folheta **A ARTE DE PINTAR CABELOS**, que distribuímos grátis

CONSULTAS **APLICAÇÕES** **VENDEDAS**

Rua Sete de Setembro, 40 sobr. Rio de Janeiro C.M.

NOME RUA
CIDADE ESTADO

DR. ARMINIO FRAGA

DA ACADEMIA DE MEDICINA E LIVRE DOCENTE DA FACULDADE

MOLESTIAS DE PELE

RAIOS X E FISIOTERAPIA EM GERAL

Travessa do Ouvidor, 36-1. — Tel. 23-4310

TECIDOS E TELAS DE ARAME

PARA TODOS OS FINS

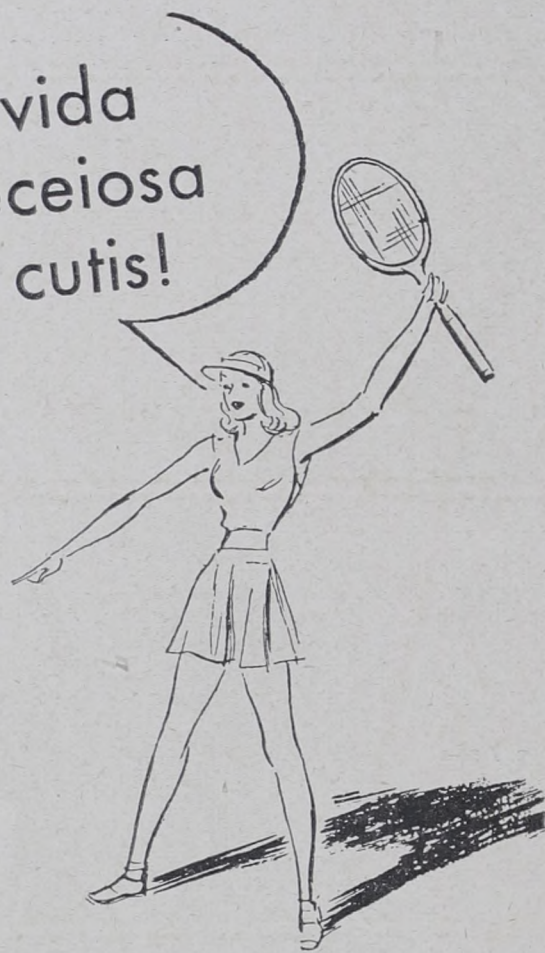
VIVEIROS

Moveis de aço para jardim

Rua do Cattete, 48

Telefone: 42-2707 — Rio de Janeiro

Não fuja da vida
ao ar livre, receiosa
pela sua cutis!



**Defenda sua pelle contra
sardas e manchas com
LEITE DE COLONIA.**

Não se furte ao prazer dos sports e da vida ao ar livre, receiando as inclemencias do Sol. Basta resguardar a sua pelle alva e delicada de queimaduras, sardas e manchas causadas pelo rigor do Sol.

Assim, sempre que sahir em excursões ou para a pratica do seu sport predilecto, faça uma leve massagem com Leite de Colonia sobre o rosto, collo e braços. Repita a mesma applicação quando regressar ao seu lar. De uso facil e commodo, o Leite de Colonia refresca e protege a cutis, neutralizando as injurias do Sol. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a pelle.

Leite de Colonia

STAFIX fixa o penteado e dá brilho ao cabelo de senhoras e cavalheiros.

SERENIDADE E FIRMEZA

○ Carnaval que passou deve ter sido a última concessão feita ao espírito despreocupado de nossa gente. Não é mais possível fingir ignorar ou desprezar a gravidade da hora que estamos vivendo. Poderíamos considerar-nos longe do conflito, situados numa região privilegiada de paz e bonança, enquanto a luta se desenvolvia fóra do nosso hemisfério. Desde 7 de dezembro do ano passado, isto é, desde o momento em que a soberania norteamericana foi atacada em suas bases navais do Pacífico — a guerra chegou ao nosso mundo e deixou de haver segurança e tranquilidade.

Não quer dizer que devamos nos entregar ao pessimismo e às lamentações. Não. Nossa atitude deve ser de serenidade e decisão. Devemos estar preparados para ser envolvidos pelo turbilhão, dispostos a sacrificar o nosso modo de vida, o nosso conforto — tudo o que nos é mais caro. Nada disso pôde prevalecer, nada disso tem sentido, depois que a guerra atingiu as águas e as terras desse hemisfério. Se nos apegassemos a essas coisas, nunca salvaríamos a nossa dignidade, e o nosso espírito estaria perdido. Numa época como esta, sómente aqueles que se dispõem a tudo perder, podem salvar alguma coisa do naufrágio geral.

Pôde ser que o temporal não nos atinja e que escapemos à sua furia destruidora. Mas seria um crime conservar o risonho otimismo em que temos vivido, quando o Governo, pela palavra do próprio Chefe da Nação — o mais calmo, o mais sóbrio, o mais sereno dos chefes de Estado — tantas vezes nos tem prevenido para que estajamos prontos a enfrentar tôdas as responsabilidades do momento, afim de que não sejamos surpreendidos pelo pior.



Retrato do Apostolo do Brasil, com a bandeira nacional, desenho de Bernardino Pereira: é o patrono do "Anchieta". Nos armários: à esquerda bonecas e brinquedos da Rússia, Polónia, Ticecoslovaquia, Hungria e Lituania; à direita, figuras regionais da Inglaterra, Irlanda, Escócia e País de Gales etc.

UM SONHO DE TERNURA PELAS CRIANÇAS Á SOMBRA DE ANCHIETA

Na tarde do dia dos Reis Magos o escritor Saul de Navarro, sob os bons auspícios do Departamento de Educação e Cultura do Distrito Federal, inaugurou, no Centro Cívico Ruy Barbosa, dependência do Parque Darcy Vargas, sediado na Escola Pedro Ernesto, uma exposição folclórica de bonecas regionais, da qual damos alguns de seus aspectos, e de livros, estampas, gravuras, desenhos, mapas e objetos de arte relativos à infância, como início e propaganda do "Anchieta", que, por sua iniciativa, se destinará



O MALHO

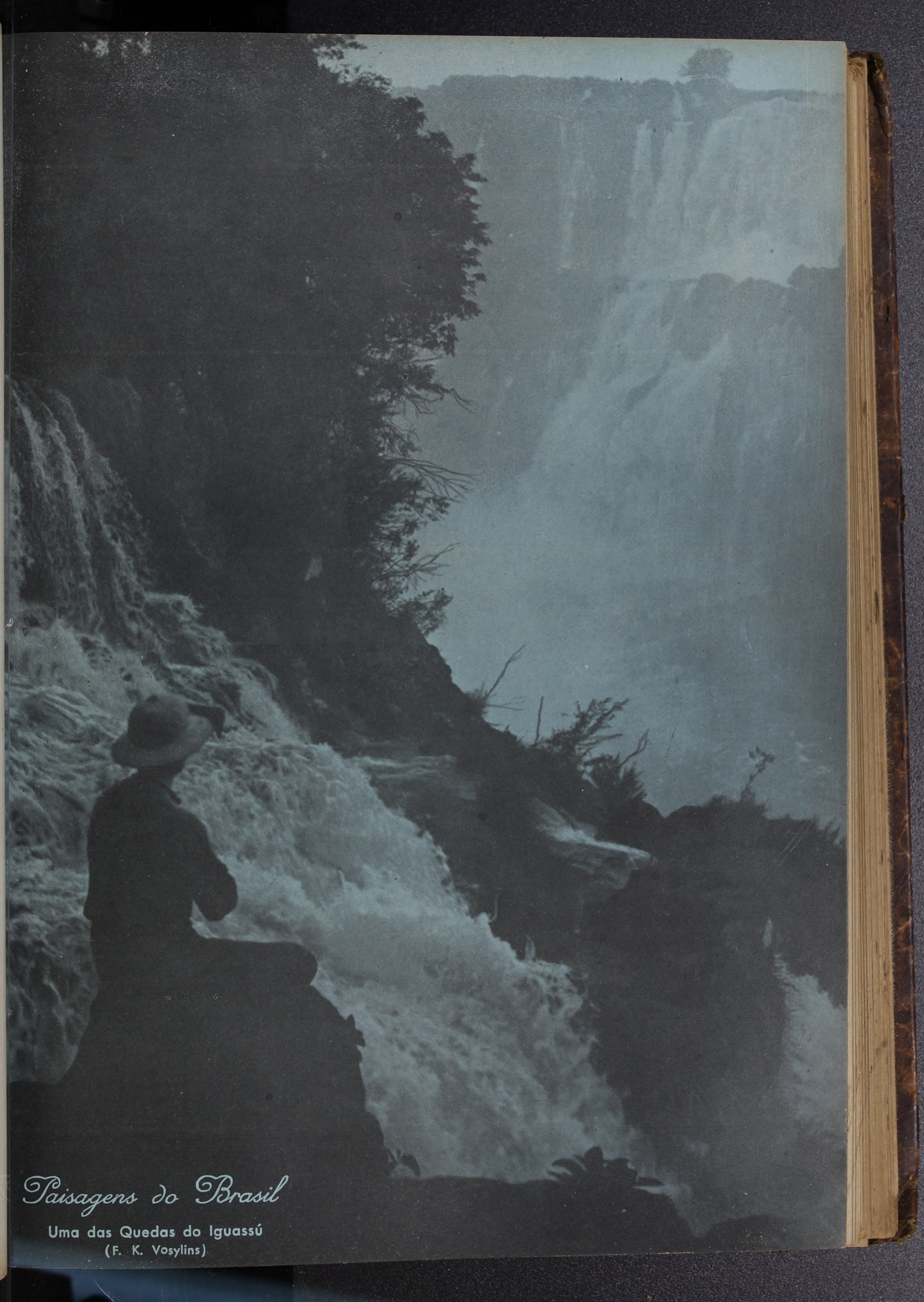


O escritor Saul de Navarro entre uma menina e um menino visitantes de sua Exposição Folclórica de bonecas típicas. Em baixo, da esquerda para a direita: um casal de flamengos, uma boneca italiana, uma russa, um casal de Pelas Vermelhas, em traje de inverno, e uma húngara.

a promover, numa ação conjunta da iniciativa particular com os poderes públicos, à defesa, proteção, educação e recreação das crianças.

Essa exposição tão original quanto oportuna despertou vivo interesse, sendo visitada por grande número de crianças, professores e pessoas de todas as classes.

Vitrina principal, vendo-se, no centro, bonecas brasileiras: uma baiana autêntica, uma rendeira do Ceará e bonecas do Rio Grande do Norte e Pará, à esquerda, uma boneca parisiense e três pequenas: um escocês e um casal grego; à direita: uma niçoise sentada, um casal típico de Nice e uma preitinha do Congo, ao alto.



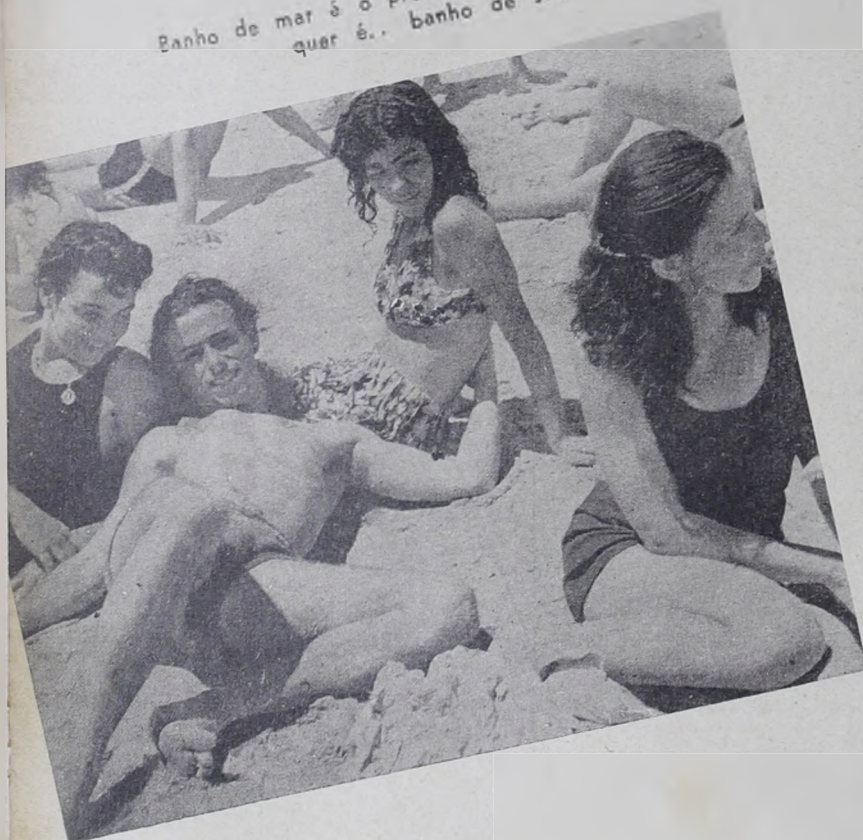
Paisagens do Brasil

Uma das Quedas do Iguassú
(F. K. Vosylins)



Este formigueiro humano se reúne todos os domingos, no verão, na praia do Flamengo, onde se torna verdadeira aventura uma excursão do fotógrafo.

Banho de mar é o pretexto... O que a turma quer é... banho de sol.



— Não faltam banhistas que o recebam com curiosidade, e até com ares de quem quer... brigar.

Assim se formam as "mo-
reninhas" cariocas, cuja
fama é universal.



O mar acolhe todos com
o mesmo carinhoso
abraço.



O RIGOR DO VERÃO NO FLAMENGO

Altas confabulações praianas...

É tanta gente que as pequenas até perdem de vista as companheiras...





Grupo feito na residencia do nosso fotografo Tiburcio Machado, na Ilha do Governador, onde O MALHO ofereceu um lunch aos artistas presentes.

Os pintores trabalham.



JÁ vai longe o tempo, em que os moradores e habituais de Copacabana conheciam a "Barraca de Virgilio", que se via armada, aqui e ali, e que reunia varios pintores para pintar paisagens e marinhas, todos os domingos e feriados de bom tempo.

Quadros diversos saíram dessa barraca para receber laureas no Salão de Belas Artes e até um Premio de Viagem à Europa — o do pintor Oswaldo Teixeira — foi conquistado com a tela "O pescador" nela pintada.

Com o tempo, desapareceu a "Barraca de Virgilio" e só uma vez por outra, aqui e ali, era visto um pintor isolado, interpretando a natureza carioca, com as suas surpresas e os seus caprichos incomparaveis.

Afinal de uns tempos a esta parte, começaram a aparecer, pelos arredores e morros da cidade, pelas praias, pelos suburbios, em Niterói, nas ilhas, grupos numerosos de pintores, que se reúnem para pintar ao ar livre.

E' o resultado da iniciativa da Sociedade Brasileira de Belas Artes, que instituiu as excursões domingueiras, dirigidas, a principio pelo inolvidavel José Del Vecchio, e presentemente, pelo entusiasmo e pelo grande carinho do pintor José Maria de Almeida.

A excursão do ultimo domingo de Janeiro foi, pela S. B. B. A., dedicada a O MALHO, que esteve representado pelo seu redator artistico, Tapajós Gomes. Dessa "domingueira", fizeram parte as pintoras Anna Paula Guimarães, Yára Ferreira Leite e Nair Brieger, e os pintores José Maria de Almeida, Paulo Guimarães, Rafael Logullo, José Rodrigues, J. Moraes, Antonio Barreto, João Medeiros e A. Meschessi.

A excursão teve lugar na Ilha do Governador. Escolhidos o local e os



Aproveitando a manhã.

"As Excursões de Pintura ao ar livre promovidas pela Sociedade Brasileira de Belas Artes"

Dedicada a "O Malho" a excursão do ultimo Domingo de Janeiro

melhores "cortes", passaram os artistas horas agradabilissimas do convívio e de camaradagem, tendo alguns trazido os seus quadros terminados.

O interesse pelas excursões de pintura ao ar livre cresce de domingo para domingo. E compreende-se que assim seja pelo que representa de grato aos olhos e ao espirito dos artistas.

Damos nestas paginas algumas impressões da "domingueira" dedicada a O. MALHO.

Ao longe, a paisagem.





O VERANEIO PRESIDENCIAL — Transferindo-se para Petropolis, onde passará o verão como todos os anos, o Presidente Getulio Vargas reiniciou os seus passeios matinais pelas ruas da cidade serrana, onde se compraz em travar palestra com as crianças que encontra em seu trajeto, o que é um dos seus habitos característicos.



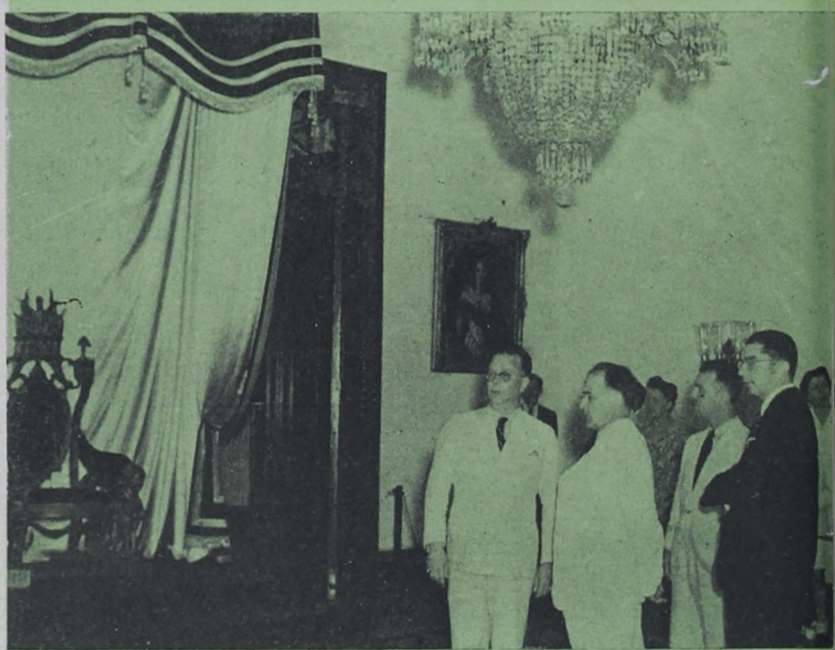
NA EMBAIXADA AMERICANA — Flagrante tomado quando o snr. Jefferson Caffery, embaixador americano, em nome do governo dos Estados Unidos, entregava a Tte-Cel. Ary Maurell Lobo o diploma que lhe conferiu o Departamento de Guerra assinalando a conclusão do curso desse oficial brasileiro, no "Army Industrial College".

DO MÊS QUE PASSOU



NO PALACIO RIO-NEGRO — Estiveram no Palacio Rio Negro, em Petropolis, apresentando despedidas ao chefe do governo os candidatos aprovados nos concursos promovidos pelo Ministerio da Aeronautica, em colaboração com a Embaixada Americana, e que farão estudos de aviação nos Estados Unidos, em virtude de bolsas concedidas por esse país.

JANTAR NA EMBAIXADA INGLESA — O adido de imprensa à Embaixada inglesa nesta capital, e Mme. Riversdale Stone ofereceram, no Copacabana Palace, um jantar às pessoas de suas relações. A fotografia nos mostra um flagrante do jantar.



VISITA AO MUSEU IMPERIAL — O Presidente Getulio Vargas visitou o Museu Imperial, recentemente instalado em Petropolis demorando-se em companhia do seu diretor e apreciando a organização que vem sendo dada àquela preciosa instituição.



ALMOÇO DE HOMENAGEM — Flagrante obtido no Itamarati, durante o almoço com o qual o Sr. Oswaldo Aranha homenageou o Sr. Caraciolo Parra Perez, ministro das Relações Exteriores da Venezuela.

D. QUIXOTE DE LA MANCHA

(A. SANCHEZ DE LARRAGOITI)

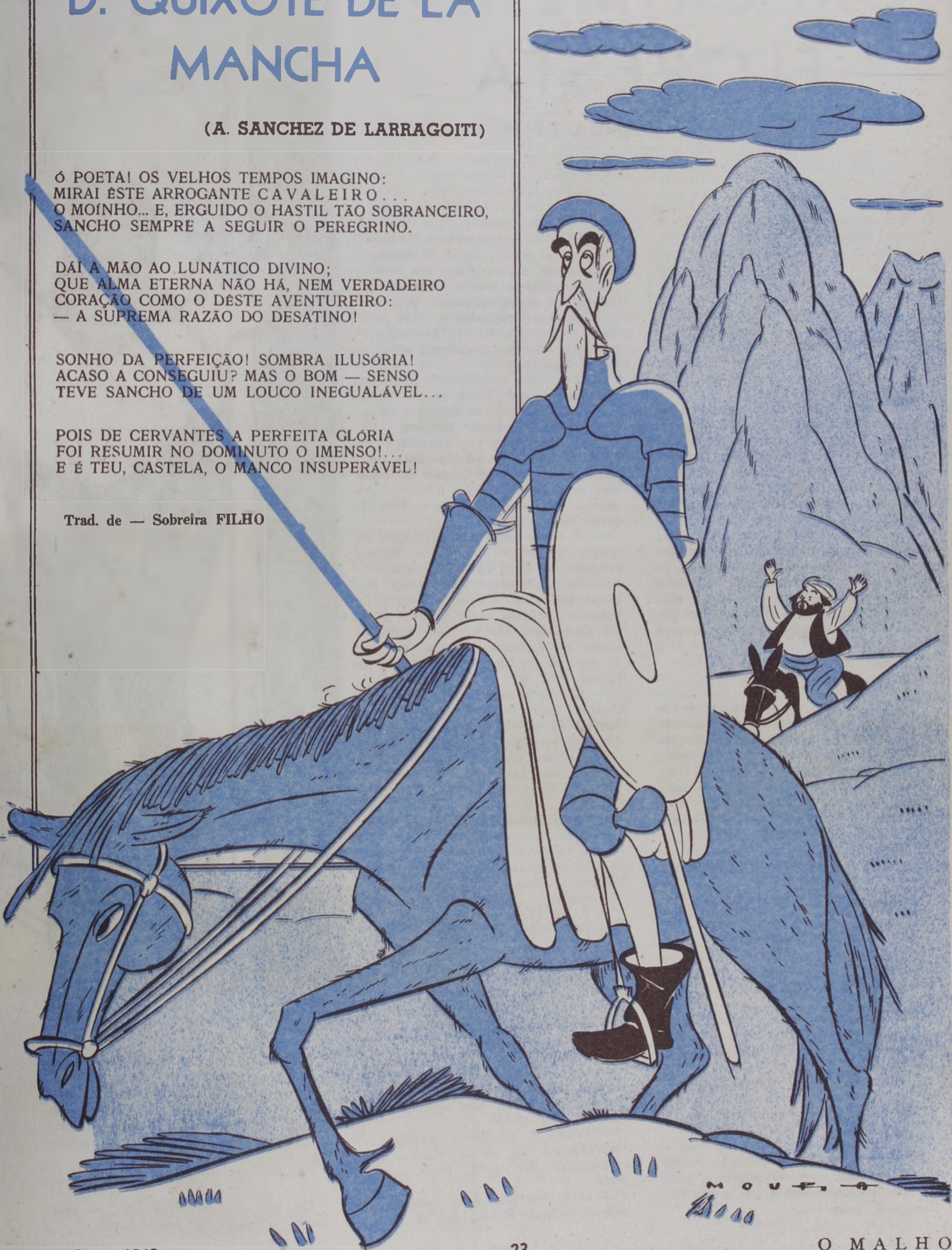
Ó POETA! OS VELHOS TEMPOS IMAGINO:
MIRAI ÊSTE ARROGANTE CAVALEIRO...
O MOÍNH... E, ERGUIDO O HASTIL TÃO SOBRANCEIRO,
SANCHO SEMPRE A SEGUIR O PEREGRINO.

DÁI A MÃO AO LUNÁTICO DIVINO;
QUE ALMA ETERNA NÃO HÁ, NEM VERDADEIRO
CORACÃO COMO O DÊSTE AVENTUREIRO:
— A SÚPREMA RAZÃO DO DESATINO!

SONHO DA PERFEIÇÃO! SOMBRA ILUSÓRIA!
ACASO A CONSEGUIU? MAS O BOM — SENSO
TEVE SANCHO DE UM LOUCO INEGUALÁVEL...

POIS DE CERVANTES A PERFEITA GLÓRIA
FOI RESUMIR NO DOMINUTO O IMENSO!...
E É TEU, CASTELA, O MANCO INSUPERÁVEL!

Trad. de — Sobreira FILHO



UM CRIME NA FLORESTA

Por WANDA DE ROYCEWICZ

Nos confins a éste da Polónia, os invernos costumam ser rudes, e as tempestades de neve abundantes, concorrendo para que o curso dos rios olivaceos se paralise por completo.

Nos dias de bom tempo, os contornos da paisagem hibernal esboçam-se: as colinas reaparecem, o horizonte mergulha na branca monotonia. Somente os crepúsculos vesperais e matinais atravessam-no com sombras violáceas ou douram-no com o brilho de radiosas auroras.

Mas essas visões caleidoscópicas não podem ser apreciadas pelos habitantes da floresta virgem: os massiços compactos das árvores, emergindo dentre espessos espinheiros, erguem-se em torno, com suas cimas assestadas para o céu, de que apenas algumas nesgas conseguem passar através da tensa rêde dos ramos.

O conjunto de tão diversas existências: desde o amplo e livre crescimento das árvores — titans até ao microcosmo, tímido e como clandestino de minúsculos e impotentes insetos — crea uma vida toda particular para a floresta, cujos hábitos eternos e imutáveis as segregam dos mortais.

* * *

Três dias faz que a tempestade se abate sobre as selvas polesianas. O guarda André Dzikout raramente deixa a sua cabana. Ele cuida sempre de sua espingarda e de suas botas, e acaba de fazer uma coleira para "Zouk", um cãozinho negro, que o acompanha às vezes ao mercado. Outro dia, escreveu a um de seus compatriotas, emigrados na América.

Ele se aborrece.

A gente acha-se mal nos quartos estreitos; os pulmões, acostumados ao ar puro, que, qual um gole d'água de nascente, penetra até no coração, sentem-se oprimidos.

E o vento hurta furiosamente, parecendo um lobo esfainado. Investe contra as árvores, dobra as cimas das árvores agitadas, quebra os galhos com violência, depois, semeando o terror, entra pela floresta ou se achata contra o sólo e, envolvendo-se no turbilhão de neve, eleva pirâmides de terra, cava trincheiras e precipícios.

Resfolegando, cai, um momento, e ouve-se, então, o leve rumor da neve que desliza, como se alguém batesse com panos molhados em ladrilhos.

Em dias assim, nem o homem nem o animal abandonam a sua pousada. André olhou, portanto, com incredulidade, para sua mãe que, preocupada com a marmitta fumegante, murmurou:

— Alguem chega... Vai abrir.

A velha Rahina, a maga e curandeira, popular na região, nunca se enganava. Com efeito, alguem batia com insistência na pequena janela, cheia de arabescos de prata, gravados pela neve.

Pela porta entreaberta, uma névoa branca passou e, depois, hesitante, entrou um homem corpulento com um fardo às costas.

— Boa tarde! — disse o forasteiro, num tom rouco. Perdi-me no bosque e, se não fosse a luz da vossa bicoca, por minha fé! cá não chegaria.

— Seja bemvindo! — respondeu Dzikout. Sente-se ao pé do braseiro, o "kroupnik" ainda está quente. E "Zouk" não será de mais, não é? — acrescentou sorrindo, retendo o cãozinho preto, que rosnava.

— E aonde Deus o conduz, com um tempo destes? — perguntou Rahina, cravando os olhos no desconhecido.

— Eu ando sosinho; não tenho ninguém por mim. Estou desempregado, procuro trabalho, andei Seca e Meca até topar aqui. Há uns seis meses já. Desde que fecharam a usina. Que vida de cão! Antes não tivesse deixado as fileiras...

— E onde o senhor era soldado? — inquiriu André — Não era em Groudziontz? Parece-me que já o vi em... Não me lembro...

O estranho ergueu a cabeça e, pela primeira vez, fixou firme Dzikout.

— Em Groudzionts... na Escola de Cavalaria... E o senhor também? Talvez mesmo fossemos camaradas... Não? E deu uma gargalhada.

— E' verdade! — exclamou André. Se não me engano, seu nome é Pedro Koleba... Não é? E chamavam-lhe "A navalha"... Enganei-me?

— E por que o apelidavam assim? — perguntou Rahina.

— Ah! é uma história comprida... — disse André.

— Imagine, mamãe, que ele fazia sempre das suas e na caserna — palavra! — não se brinca! Pois certa vez este idiota deu uma navalhada na perna do seu cavalo, pensando que, com o animal ferido, escaparia aos exercicios. Mas não deu certo... Fizeram averiguações, ouviram testemunhas. Nós tentámos salvá-lo, mas não adiantou. Deram-lhe outro cavalo...

— Puxa! — exclamou Koleba. — Nunca supuz que me destinassem uma cavalgada tão braba. Peior que a outra.

— O senhor recebeu o castigo que merecia — disse Rahina, que se afastou



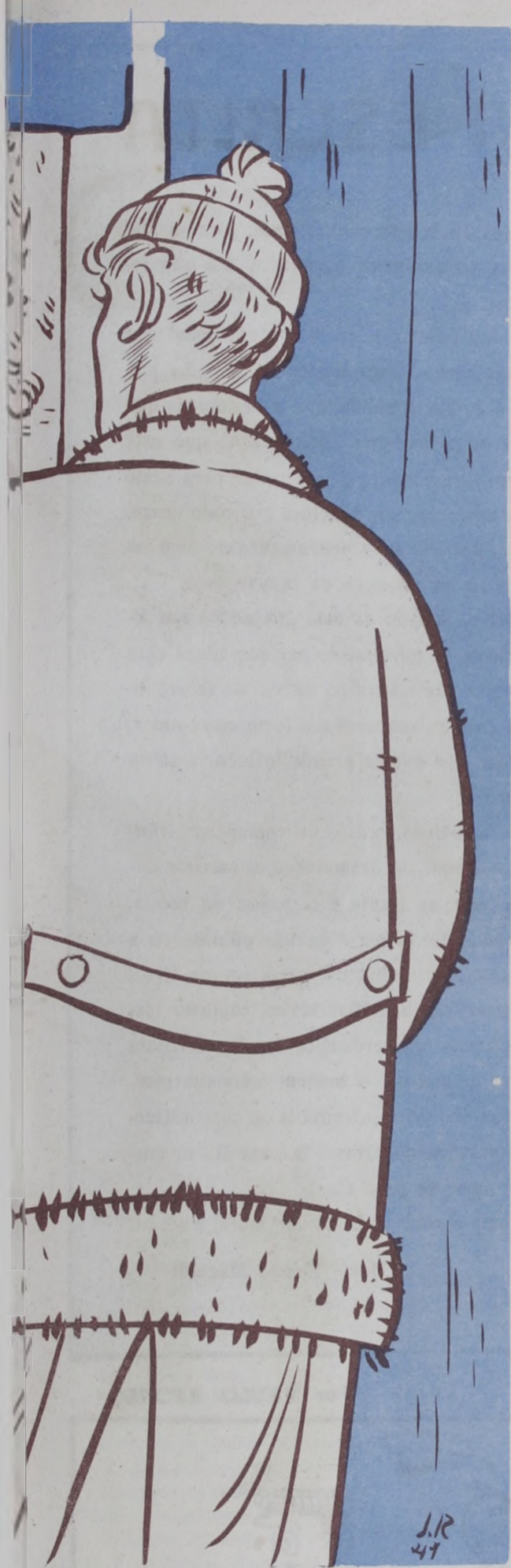
a resmungar para o fundo da isba, antes que o forasteiro pudesse retrucar.

O hóspede recolheu-se ao aposento que lhe indicaram na cabana. Agora, era tudo treva. Os grilos mesmo cerraram seu cri-cri monotono. Uma frase quasi imperceptível atravessou a escuridão...

— Que homem ruim ruim...

* * *

No dia seguinte, continuou o mau tempo, e Koleba não pode partir.



Via-se que ele queria ficar, e o mais tempo possível. Ele ajudava o guarda a cortar lenha, aprendia a manejar as tarafas, tratava de ser útil. As recordações do período militar prendiam-no a Dzikout. A velha Rahina era para ele uma estranha, que o considerava com a desconfiança instintiva dos selvícolas.

Assim correram os dias. Eis senão quando, no seio da floresta, produziram-se milagres: as neves fundiram-se, as ár-

vores começaram a reverdecer, a pulsação secreta das seivas vibrou sob a casca.

Cada aurora anunciava novos gorgueios da passarada. Os picanços martelavam nos troncos com energia, os melros assobiavam, os pintasilgos repetiam seus lindos trinados, as rôlas arrulhavam amorosamente e o glu-glu fascinante dos tetrazes propagava-se pelas clareiras. Os insetos mal despertados avançavam hesitantes pelos galhos e pelo chão, dir-se-ia indecisos ainda quanto a suas futuras intenções, pois o frescor das noites obrigava-os continuamente a ficar encolhidos. Mas sentia-se que eles esperavam a chegada dos dias cálidos quando, estimulados pela primavera, jorrarão no ar, turbilhonarão, sairão, aos milhares, de seus esconderijos.

Certa manhã, a geada envolveu a terra.

Uma lua imensa descia preguiçosamente do céu, como a contragosto, enquanto, do outro lado, triunfal, surgia o Sol, purpurino. Ambos se olharam face a face.

Os tetrazes ficaram loucos: seu canto tentador propagou-se entre o rumor da floresta. Dzikout sentou-se debaixo duma árvore. Atirou ao chão o seu fuzil. Era um caçador que nunca matara coisa alguma. Andava armado por dignidade e por decoro. Com os olhos fechados, ouvia.

— Cantam bem — murmurou.

Súbito, um tiro estrondou.

O guarda deu um salto, não compreendendo o que se passava.

Outro tiro. Dzikout seguiu em direção do atirador, depois, parou, petrificado: Koleba acabava de matar uma cerva. Quando o guarda o segurou pelo pescoço, era tarde demais: o animal expirava, e de seus olhos largamente descerrados saltavam as lágrimas.

O guarda não pronunciou uma palavra, cuspindo com desprezo no chão e retornou à cabana.

O dia tódo, manteve-se calado. Só à noitinha, aproximou-se do grande brazeiro, ao pé do qual a mãe costumava dormir, relatou o ocorrido, referiu-se à responsabilidade e à multa.

— Que fazer dêle minha mãe? — perguntou.

— Que se va embora o mais depressa possível!

— Ah! bem se dizia que não era um homem, mas a vergonha da cidade!

Desde aquêle dia, a tranquila morada do guarda começou a ser cenário de episódios desagradáveis. Koleba ausentava-se dias e dias, e quando voltava vinha as vezes embriagado.

— Eu ia ao povoado para trabalhar na ceifa — explicava. Quantas moças bonitas eu vi! A tal Handzia é um feitiço. Não acha, André? Elas prometeram aparecer por aqui.

Dzikout desviou a cabeça.

— Pois que venham! — disse. Mãe não enxota ninguém.

A velha Rahina, envaidecida, pôz-se a enumerar as pessoas que havia socorrido.

— E a Ewka, hein? Ela andava tão pálida, a pobrezinha! Ficou boa com infusão de consolda. O Matthieu é outro, graças à "Vigorosa". E um preparado, que rejuvenesce os velhos. Dei-lhe esse nome por achá-lo sugestivo.

— E ao Antoine mamãe fez desaparecer a corcunda — disse Dzikout. — E para conjurar a erisipela? Não ha outro médico — acrescentou, com ufania.

— E quem sabe se ela não conhece uma herva que faça brotar dinheiro no bolso? — perguntou Koleba, zombeteiro.

— Se conheço! — respondeu gravemente a anciã. Infelizmente ninguém quer plantá-la em suas terras e ela não nasce à tóa...

— Pois eu preciso de níqueis — disse lentamente Koleba. Depois, perguntou à curandeira: — A senhora deve ter ganho muito dinheiro com suas drogas, não é verdade?

Rahina não respondeu. Desceu o seu fichú até à frente, fazendo cair suas méchas brancas, e dirigiu-se lentamente para o fundo da sala.

* * *

A primavera resplendia. Nas noites amenas, as rãs coaxavam em côro, os rouxinóis não paravam de cantar, e os raros homens que habitavam a floresta postavam-se à entrada de suas cabanas, encantados.

Um canto triunfal de vida e de amor ecoava nas selvas. As plantas, os insetos, os animais, as árvores vibravam a fecundidade onipotente da Natureza, proclamando: *Eu existo. e não quero morrer!*

Uma tarde, vieram algumas raparigas bater à porta da velha Rahina, pedindo drogas e conselhos.

A visita foi demorada.

— Você compreendeu bem? — interrogou a curandeira.

— "Enterrar um morcego e, quando as formigas o tiverem roído, apanhar os ossos". Não é isso?

Rahina confirmou.

— Você terá que arranjar dois ossinhos, um comprido e outro curvo. Se quiser fazer-se amar de um homem, você o prenderá com o ossinho curvo, e quando não mais o quiser, basta tocar-lhe com o ossinho comprido, para que ele se afaste.

— E eu, e eu? — perguntou a esbelta Handzia, belo tipo de morena.

— Você — respondeu, sorrindo, a curandeira — terá que fazer vergar até o chão um pé de herva de São Pedro em flor, mantendo-a nessa posição com uma pedra. Você deverá repetir três vezes estas palavras: "Que ele me ame". Mas logo que o rapaz começar a amá-la, você terá que libertar a herva da pedra. Senão, você será castigada.

As moças partiram a deshora, levando cada qual a sua herva e rememorando consigo os preciosos conselhos da curandeira.

A certa altura, surgiu-lhes à frente Koleba, que se agarrou a Handzia com todas as suas forças, beijando-lhe a bôca com ardor. A jovem pôde desvencilhar-se, e, limpando os lábios na manga da blusa, gritou, fútila:

— Que não possa ouvir o cuco na primavera!

Mal pronunciava essas palavras, destacou-se da escuridão um vulto, que agarrou Koleba pelo braço, com tal violência, que o outro nada pôde fazer.

(Termina no fim da revista)

A FORÇA DA PALAVRA ESCRITA

A palavra é uma grande potencia no mundo. Encarnação do pensamento, melhor: expressão de todas as faculdades da alma, filha da luz, é, por sua vez, geradora de luz ela mesma; vinculo misterioso que, através das barreiras dos corpos, põe em contacto os espiritos, os une e funde a ponto de ser proclamada a dominadora do universo. Raciocine no templo ou na escola, discuta no fôro ou nos parlamentos, quando possuidora da luz que esclarece, do calor que acende, da electricidade que se comunica, espraia fachos luminosos nas inteligencias, desperta fremitos ardorosos de paixão nos corações, conquista as vontades, comove, arrebatá, eleva, arrasta as multidões.

A palavra é uma grande potencia; porém é escrava do tempo e do espaço; seu eco não perdura através do espaço após o tempo em que foi proferida.

Mas o genio do homem encandeou a palavra; deteve-a no seu curso, vinculou-a primeiramente às letras, depois fundiu-a no chumbo, eternizou-a, inventando a imprensa. E a imprensa é mais poderosa do que a palavra, porque é a palavra mesma que não pôde fugir, nem pôde morrer; a imprensa é a palavra que transpõe os umbrais do templo, da escola, dos parlamentos, e atua em toda a parte da terra; a imprensa é a palavra que a gente trás sempre consigo, nas viagens terrestres, maritimas ou aéreas; que se enclausura no próprio quarto; que se ouve antes de dormir, que se coloca debaixo do travesseiro durante o repouso; que se encontra ao primeiro despertar matinal, como uma bôa e solícita amiga que vem visitar-nos para nos aconselhar, para nos re-

velar mistérios que antes não conheciamos, para se oferecer como nossa companheira durante o dia que recomeça.

A imprensa é a palavra silenciosa e impessoal que se dirige às almas com a força misteriosa que lhe empresta o silencio e a impersonalidade; é a eloquencia que fala, dia e noite, sem nenhuma interrupção; que está sempre em viagem para o Norte e para o Sul, para Leste e para Oeste; é a máquina mais poderosa que tudo vence, tudo domina; é afinal o grande instrumento do bem ou do mal, da ruina ou da salvação da humanidade.

Por este motivo, ao lado da mãe que educa seu filhinho com a palavra de ternura, do pai que educa com o exemplo, do mestre que instrui na escola, do sacerdote que catequiza no templo, achamos um forte competidor, um émulo, um rival que exerce grande influência sobre o povo: o escritor.

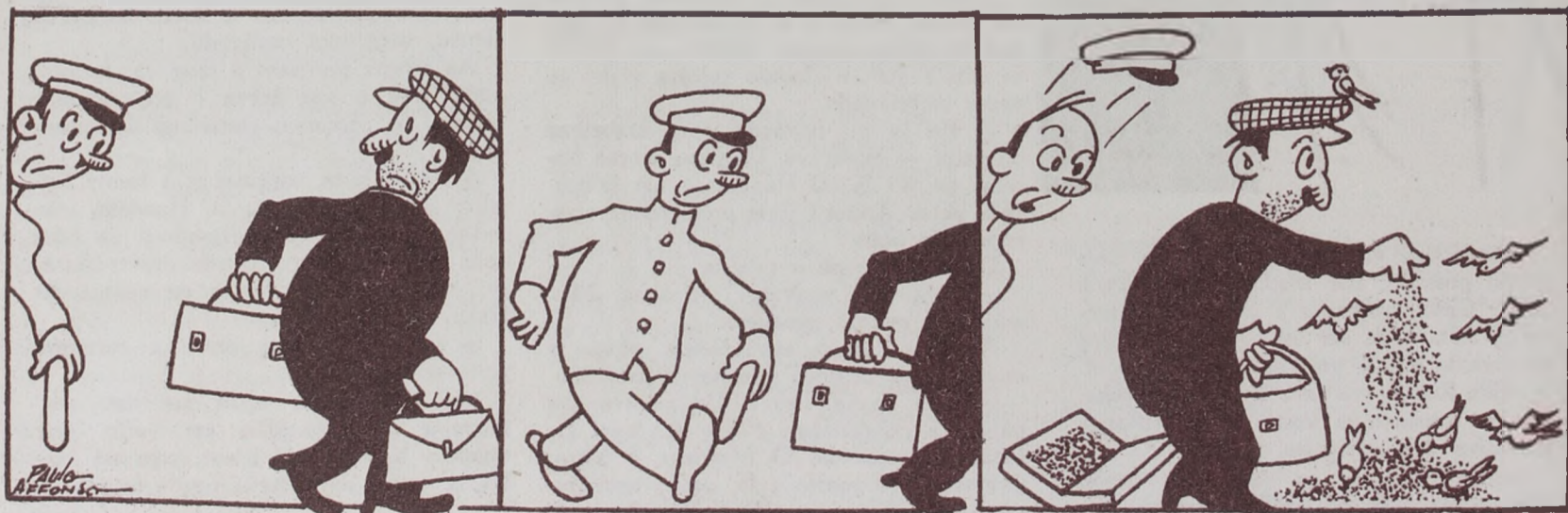
Publicista ou jornalista, crítico ou romancista, filosofo ou poeta, historiador ou dramaturgo, o escritor ensina como o sacerdote na Igreja e o mestre na escola. Sua palavra é ouvida; êle fórma a opinião pública, ou a dirige ou a combate. As multidões acreditam no livro, no jornal, no folheto; aceitam suas idéias, como se fôsem sempre a expressão da verdade, e é tal a corrente criada pela imprensa, que até o homem mais energico, custa a reagir contra ela, evita enfrentá-la ou contradizê-lhe abertamente, procurando arrastá-la para si, ou mudando de direção, levar-se para ela.

O escritor é uma potencia intelectual, moral e social.

Mons. Felicio Magaldi

PROVERBIO ILUSTRADO

Por PAULO AFONSO



QUEM VÊ CARA...

A FORMOSA MADAME LYNCH E O VELHO RIO BRANCO

Por GARCIA
JUNIOR

POLÍTICO inteligentíssimo, talvez mesmo um dos mais hábeis diplomatas dos que já teve o Brasil, o conselheiro José Maria da Silva Paranhos, ia a caminho do Prata, com a incumbência de assumir a direção dos nossos interesses na guerra com o Paraguai, quando batido por sucessivos revezes se viu Solano Lopes obrigado a embrenhar-se nos alagadiços do Chaco paraguaio. A esse tempo já as tropas da triplice aliança dominavam Assumpção, e Paranhos mal chegado, outra coisa não teve senão que se instalar no palácio até então ocupado pelo Ditador. Mal advinhava todavia o visconde do Rio Branco, que em menos de um ano de rude peleja, as nossas tropas poriam termo a luta que já durava quatro anos, e que tal desfecho iria ser alcançado em 1.º de Março de 1870 com a morte do próprio Lopez, nas ribanceiras de Aquidaban, e que um mês depois, em princípios de Abril, o transporte de guerra "Princesa de Joinville" abrigaria em seu bôjo, aquela que foi a grande animadora do Mariscal: Elisa Lynch! Entrementes, pôde-se dizer, é que José Maria da Silva Paranhos, se empenha — coordenador, como era o seu espírito — e assim o exigia a missão de que estava investido — a estudar de acôrdo com os nossos aliados, e com o governo republicano que se instalara no Paraguai, as bases de uma paz duradoura para a América do Sul. Há quem diga que a esse tempo, levado ainda pelo empenho de esclarecer certas duvidas, procurou José Maria da Silva Paranhos se aproximar de Elisa Lynch, animado talvez do propósito de arrancar da astuta irlandesa, algo que pudesse esclarecer alguns pontos ainda obscuros a seu entendimento. Tudo isto porém viéra à baila, porque falava-se, haviam secretos interesses em jogo, nações neutras envolvidas no caso... Mourejava-se até que a própria Inglaterra, instigada pela política de lord Palmerston, era quem melhor manobrava na sombra, tudo porque o lord não havia conseguido sopitar o seu descontentamento logo que soube o Brasil vitorioso na chamada questão Christie! Ele é que fôra a alma satânica, que por detrás dos bastidores insuflara Lopez contra o Brasil — dizia-se em Buenos Aires — e havia até quem dissesse como "The Standart" jornal inglês publicado na capital da Argentina, que Palmerston se carteva com Madame Lynch... Dêle é que a formosa amante de Solano Lopez recebia ensinamentos, insinuações, que eram por ela transmitidas ao Ditador e por êsse postas em prática.

Não parece certo que o velho Rio Branco tenha dado grande crédito as revelações, não só as veiculadas por "The Standart" como por outras fontes. Sabe-se todavia que de suas amiudadas visitas ao transporte "Princesa de Joinville", por vezes se deteve José Maria da Silva Paranhos em longas palestras com a gentil prisioneira... Estaria êle como a procurar colher na palavra da formosa Elisa Lynch, o vestígio, o traço daquilo que se propalava talvez sem fundamento? Nada se soube. Soube-se é que em certa ocasião, Elisa Lynch, teria revelado algo, que era talvez como o desvendamento de uma trama; foi quando se falou da inhabilidade revelado por Lopez, quando poderia se ter aproveitado de certas circunstancias oferecidas pela própria guerra, para ao menos evitar a pressão que lhe vieram a fazer depois as tropas aliadas. Nêste tocante, logo Elisa Lynch, interveio: Explicou que "El Supremo" (que ela tratava sempre de S. Exc. o snr. Presidente) poderia ter mudado a sorte das armas paraguaias, depois da passagem de Humaitá se quizesse ouvir os seus conselhos...

A explicação da astuta irlandesa surpreende. Há nêste instante duas dezenas de rostos que a fixam, a interrogam, e por fim alguém não sofre a impaciência, e lhe pergunta de chofre, como e de que forma poderia Lopez ter mudado o destino da guerra?

— "Muito simplesmente — teria respondido a amante do Ditador do Paraguai — comprando o Delfim, cuja probridade nos era conhecida... Três ou quatro mil onças de ouro e a fuga garantida chegaria... E assim S. Exc. o snr. Presidente teria os couraçados precisos para destruir a esquadra brasileira..."

J. Arthur Montereiro, de quem colhemos êste precioso informe, diz que nesta ocasião o decepçionamento de nossos oficiais de marinha que estavam a bordo do "Princesa de Joinville" foi enorme; chegou nêsmo a tal ponto que o capitão tenente Eduardo Wandenkolk, também presente, indignado com a revelação infame de Madame Lynch — revelação que era um insulto atirado sobre a honorabilidade do herdeiro de Inglaterra — revidou as palavras da Lynch com termos severos, profligou-a de mentirosa, de infame, a tal ponto que ela se retirou para seu camarim, banhada em pranto...

Tanto bastou chegassem entretanto ao Rio de Janeiro; notícias sobre a atuação de Rio Branco no cenário do Paraguai — inclusive algumas em que se veiculavam os seus galanteios à Pompadour de Solano Lopez, a quem Paranhos acenara a possibilidade de se instalar no Brasil — logo algumas vezes se levantaram no parlamento. Mas José Maria da Silva Paranhos ainda aí não é homem que se intimide diante de borrascas, e mal chega, dá a devida resposta a seus opositores.

Não é sem brilhantismo que Rio Branco, então na qualidade de Ministro dos Negócios Estrangeiros, sóbe à tribuna, na sessão do Senado, de 5 de Setembro de 1870, para responder por exemplo, as invectivas de Zacharias. Começa por dizer que reputa maliciosa a pergunta que lhe fez o antigo Presidente da Provincia da Paraíba, se na qualidade de Ministro dos Estrangeiros, seria também contra o desembarque de Mme. Lynch no Rio de Janeiro!...

E Zacharias sorrindo, mordaz, com certa veemência: — "Não usei de malícia, declaro..."

Então como tocado pela ponta de um florete — tanto parece o ter ferido o riso maligno de seu grande adversário — é que Rio Branco se defende das aleivosias que lhe foram assacadas. Diz que se bem a questão não seja própria à dignidade do Senado êle vai discuti-la, e logo numa torrente magnifica de oratoria explica toda a sua ação de diplomata, de delegado do Brasil. Explica que nenhuma importância dá as inverdades que atiram sobre o seu nome, e sobretudo quanto as "tais duras horas" que êle teria passado em conferência com Madame Lynch!... Tudo não fôra mais que uma estulta invenção, posto que êle bem sabia, nada se poderia colher da astuta irlandesa, de precioso, de util, de elucidativo, maximé porque de ha muito estava em poder do exército brasileiro o próprio arquivo de Lopez!...

E já como voltando ao ponto inicial do discurso — o dedo indicador em riste, erguido ao alto, como a querer levantar a própria idêia, que êle teme talvez não se aclare ou não dê a seus adversários uma fôrma exata de seu pensamento — "Me parece que o governo imperial, proibindo o desembarque dessa senhora, quando ela regressava do teatro de tais façanhas, praticou um ato de dignidade, louvou-se de um sentimento que podia ser exagerado, mas certamente era muito nobre..."

Com isto relegava-se para sempre ao esquecimento, talvez quem sabe? uma história de amor, igual a muitas outras que andam por êsse mundo a fôra, não fôra Elisa Lynch uma linda e formosa mulher e José Maria da Silva Paranhos um coração fragil ao bello sexo como todos os homens de espírito...



MÃOZINHA ABENÇOADA

Conto de NAYME BUSSAMARA

MARIA viu o rapaz algumas vezes, ao sair da fábrica, junto à esquina, justamente onde ela tomava o bonde. Mas só lhe pusera atenção uma tarde, em que ele lhe sorria acintosamente. Achou-o antipático. Magro, de perfil anguloso, vestia com apuro requintado, meio efeminado. Apuro de remediado, distinguiria de pronto o olho clínico de observador experimentado. O vinco da calça de flanela, côm de gema de ovo, impecavelmente sem uma ruga. O jaquetão azul-marinho irrepreensivelmente talhado, com o lenço branco a abrir-se em leque vistoso e berante na boca estreita do bolsinho esquerdo. Correntinha amarela prendia-lhe a gravata, de padrão branco com listas pretas, sobre o fundo da camisa alva. Estava sem chapéu e trazia o cabelo bastante negro, de ondas fundas, todo para traz. Ei-lo inventariado à maneira Zolaquiana . . .

Sorria acintosamente, insinuando. Maria nem assentiu e nem se mostrou contrariada. Enfrentara-lhe o sorriso audacioso e o olhar confiado com uma ponta de curiosidade ingenua e desdenhosa. Achou-o sumamente antipático. Afastou-se alguns passos, procurando entreter conversa com diversas colegas, que também esperavam o bonde.

À chegada do "Vila Maria", a confusão do assalto para a disputa de um lugar fez-lhe esquecer o moço. O bonde ia abarrotado, levando passageiros pelos dois lados dos estribos, aos cachos. No interior, os bancos tomados. E de pé, um lote de gente, entre os desvãos dos assentos, principalmente mulheres de fábricas, moças e outoniças. Fisionomias traindo cansaço, o cabelo esbranquiçado de poeira da tecelagem. As moças, sentadas nos joelhos de outras, que tinham conseguido lugar nos bancos, tagarelavam alto, gritando, como se estivessem ainda na fábrica, entre o marulhar ensurdecedor dos teares. Os homens, uns liam, outros olhavam vagamente por entre os pingentes as casas e a avenida, onde reinava paisagem violentamente confusa, de sons, de guinchos e de bulício. Do asfalto subiam os chiados e ruidos estridentes, agúdos, dos automoveis, dos onibus, dos bondes. Nos passeios, a trama humana cruzava incessante e apressada, aflita, em procissão sem fim. Businas vibravam. Pregões de jornais. Rádios escancelados em alta potencia a esganiçar canções e sambas pelas portas das lojas. Campainhas de bondes registando passagens. Vózes e brados que se baralhavam e se esfrelavam no ar da tardezinha.

Todos iam, porém, indiferentes àquela brutal sinfonia. Alheados, como se um silencio mórno pesasse sobre o ambiente, abatendo o animo e a vontade. Silencio tedioso, cansativo, enervante, vindo das coisas vistas e gastas. Vividas e revividas dias e dias, meses sobre meses, anos sobre anos, sem mutações. E' que as criaturas, por onde passam, vão deixando os sulcos de si próprias. Na paisagem, aqui e ali trapos escuros de suas angustias, reflexos das preocupações que lhes ensombraram a alma, vão se esgastando. O quotidiano forçado tira sempre o encanto. Nenhum lance consegue mais abrir, um palmo que seja, do nosso interesse, digno de admirações inéditas. Os caminhos que levam e que trazem o cidadão século-vente aos caixões de cimento armado, escritórios de hoje, ou a esses espantosos matadouros, as fábricas, onde ele vai consumir-se na peleja de cada dia — esses caminhos não dizem mais nada; são méros bagaços ressequidos de paisagens

O bonde ia furando o formigueiro da avenida Rangel Pestana, bem no coração do Brás, mundo largo,

um dos mais complexos cadinhos de nova raça. Brás. Ainda até ha alguns anos inhospita várzea dominava a baixada do Carmo, separando distintamente a colina da cidade e aquele mundo. E para além do rio Tamanduaté, tímido riacho, modesto e recolhido, desdobrava-se a planície; a civilização ali era ainda, naquele tempo, embrião. Mas a semente da urbe, lançada na colina, germinou células. As células cresceram, ao influxo de sangues nóvos, virís. E vida pujante domou o ambiente e esprou-se, como súrtio mágico. No brejal do Carmo, de famosa memória, não ha mais várzea. Vai por lá imenso jardim, recortado pelo canal, que faz leito a minguado curso dágua, dormente, tristonho, refletindo na face suja, poluída de mil produtos quimicos das fábricas, os arranha-céus da cidade. E para além, do disciplinadamente entaipado Tamanduaté, o cadinho de nova raça em ebulição, avassalando os limites . . .

O bonde varava o coração do Brás. Maria, perdida entre as companheiras, não se lembrava mais do rapaz. Quando foi pagar a passagem o cobrador passou para a frente e preveniu-a :

— Está paga . . .

E apontou num relance. Ela olhou. Era o tal. Fez um aceno de cabeça para a moça e sorriu. Maria perturbou-se. Voltou o rosto e não olhou mais para trás, naquela direção.

Ao descer e caminhar para a ruazinha quiéta em que morava, teve o pressentimento de que alguém a acompanhava. Logo sentiu um vulto alcançá-la. Era ele.

— Boa tarde. Está com pressa ?

Maria afobou o andar, intimidada, nervosa.

— Moço, não me acompanhe. A mãe não gosta.. E adiantou-se rapidamente. O moço alcançou-a:

— Preciso muito falar com você . . .

— Não posso . . .

Ela quasi corria. Afinal, deixou-o lá atrás, parado na calçada, vendo-a medrosamente tangida para casa, como uma corsa. Seguiu-a de longe. Passou-lhe pela casa. Guardou-lhe bem o número na memória. Voltou depois, lentamente, sem pressa, assobiando vadiamente como caçador certo da presa, e retomou o bonde, rumo à cidade.

Na tarde seguinte, a mesma cêna, já com algumas concessões menos esquivas, por parte da moça. Na terceira tarde, os dois desciam juntos, lado a lado, trocando prósa mansa, espichando manhosamente o trajeto. E a moça nem se recordava, mais tarde, ao tentar recapitular os acontecimentos, como decorreram as variantes seguintes. Só se lembrava que não demorou bastante e ele vencera a resistencia agressiva e desconfiada da mãe e vinha, todas as noites, namorá-la à porta da casa, até horas tantas.

A mãe de Maria, portuguesa forte, esplendidamente robusta, latagona desempenada, positiva, não tinha pápas na língua. Enfrentava qualquer situação, corajosamente. E tinha discernimento muito prático na resolução dos seus problemas, impondo-lhes resultados imediatos, racionais, objetivos. Razão grosseira, rude, quasi sempre, dado o seu nenhum lastro de instrução. Mas sempre logi-

camente utilitarista, desapegada de sentimentalismo. Passava o dia no tanque, no fundo do quintal, esmurando lençóis e que tais. O marido fôra tirador de areia no Tieté e trouxera a família para o bairro, logo que chegaram, recém-casados, da santa terrinha. Vieram se juntar a outras famílias lusas, formadoras da Vila Maria. O próprio Tieté, num dia de má agoiro, levou-lhe o marido para a morte. O golpe abalou-a. Mas não deu demonstração de desanimo. Chorou um bocado, lamentou-se outro tanto, relembrando o casamento na aldeia natal, os projéto de fortuna que ele trouxera, irremediavelmente tragados pelo lendário rio bandeirante. Chorou, é verdade, as suas lágrimas bem sentidas; tratou, porém, de arranjar mais fregueses que lhe ajudassem a prover o equilibrio economico, desfeito com a perda do marido. Tirou a filha da escola e botou-a na fábrica. Com o pecúlio que a "Sociedade Beneficente de Socorros Mútuos Flôr do Alemtejo" lhe proporcionou, pagou a primeira prestação para a compra da casinhola em que morava. A filha crescera. Estava agora com dezeseite anos, aparentando dezenove ou vinte. Atravessava essa fase da adolescencia feminina em que a natureza parece querer pôr todo o seu humus, num requinte muita vez perdulário. Esbelta, donairoza, fórmas harmoniosamente talhadas. Vestia-se com simplicidade, pobrementemente. A roupa ganhava distincção em sua silhueta esgalga. Loura, isto é, de tom ouro-velho. Usava os cabelos fartos repartidos ao meio, repuxados para trás, lisos, formando tranças, que vinham encontrar-se no alto, presas por uma fita colorida, geralmente vermelha. Brincos banhados a ouro atiravam chispas, fulgindo, ao encontro da luz, quando ela graciosamente movia a cabecita. Olhos largos, lustrosos, líquidos, de pupilas garças, entre as grades dos cílios



compridos. Lábios cheios, carnudos, dando contornos um pouco grandes à boca. Face rosada, sadia, fronte saliente. Não era bonita. Quando passava, todavia, os homens sentiam-se fascinados, presos, atraídos, voltados a contemplar gulosamente aquela flôr que desabrochava atrevidamente, exuberante, garbosa, meiga e grave, balouçando o corpo felinamente, como ser inconscientemente dominante. A fábrica desatara um tanto o seu geito arisco. O ir e vir para o trabalho políra-lhe a timidez. A sua experiencia era entretanto limitada, nula. Aquele moço estava sendo o primeiro namoro chegado, "falado". Os mais não tinham passado de furtadelas de olhares inconsequentes. Não simpatizara com o rapaz. Cedera, levada mais por espírito de curiosidade — a mesma tragédia que vitimou Eva. Ouvia quasi todas as colegas contarem proesas de namoros, de noivados e de casamentos. Encontros aprazados, encontros desfeitos, isto e mais aquilo, crearam-lhe na imaginação o sentimento de que a vida para ela não passava ainda sinão de sonhos. Que bom si ela tivesse um namorado, pensava, às vezes, quando encontrava um casal de jovens, no "mundo da lua", os dois agarrados sôfregamente um ao outro, como dois naufragos, perdidos num enlevo ridículo, dando a impressão de estarem carregando preciosos andores invisíveis . . . Como embevecidamente achava lindo! E embora não simpatizasse com o rapaz, fôra cedendo àquela convivência. Com o decorrer do tempo habituara-se a tê-lo sempre junto de si, todos os dias. A mãe, de começo, déra o contra. O moço foi-se chegando melifluamente. A velha resmungou lá suas coisas muito justas para a filha, de que o rapaz era "um sabemos lá quem era", que tinha geito de malandro e outro argumentos. Apesar de tudo, consentira, diante da defesa cerrada da moça e vencida pelos agra-

de cinema, bailes e outros exercícos afins. Afinal, um dia, o talzinho, posto na parede pelo pai ou pela mãe, não tem por onde: fica noivo. Passa a frequentar a casa. E tratam logo de casar porque a coisa perdeu toda a graça . . .

O instinto da mãe de Maria não a enganava. O rapaz era mesmo um malandro de raça. Tipo bom viver. Se alguém lhe vasculhasse a existencia não saberia afirmar de que vivia. Não tinha moradia demorada em lugar certo. Dum cinismo alvar furão, intelligencia agudamente desenvolvida no sentido unicamente de explorar os demais e tirar-lhes, da maneira menos sensível, migalhas aqui, nacádas acolá. Seu trabalho era inventar um meio de gosar a vida sem trabalhar. Fôra moço de bordo no Lloyd Brasileiro e sua juventude se fizera na escória. Tinha o que contar, olá se tinha . . . Dava a vida por uma hõa aventura sentimental. E sabia vêr longe . . . Escolado como que, abismava vê-lo conquistando as graças de pequenas de nível muito acima do que êle grimpava. Que estrategista astuto! Pacientemente, sem precipitações (Napoleão perdera a guerra porque precipitára os acontecimentos) — era a frase que um comandante pronunciava por dá-cá-essa-palha e que êle tinha como divisa), manobrava tal qual perfeito artífice . . .

O instinto, pois, da mãe de Maria não a enganara. O rapaz foi-se chegando. Maria, para êle, era café-pequeno. O diabo era a mãe, que poderia entornar o caldo, antes do tempo. Tantas e com tanto geito fez que acabou se impondo à confiança da velha. Em pouco tempo passou a ser considerado tanto quanto um parente. Entrava e saía quando desejava, sem cerimonia. Aos domingos almoçava na casa. Depois do vespéral de cinema não perdia o lanche reforçado da tarde. Um dia, porém, a coisa desabou. Um dia distante para lá de meses, depois. Deu sumiço de si, sem-tirte-nem-quarte. Voluvel, gosador, borboleta, enjoára decerto. Aquilo não tinha mais futuro. E bateu as asas . . .

Maria naturalmente foi a primeira que se alarmou, notando-lhe logo a ausencia. Guardou silencio e até defendeu-o, mentindo à mãe, que êle tinha viajado. As semanas correram. Certa tarde a mãe de Maria surpreendeu-a a chorar num canto do quarto.

Botou as mãos na ilharga, levantando o lenço na testa, e ficou espiando a filha silenciosamente. A suspeita de que qualquer coisa acontecera, travou-lhe o coração, numa angustia secreta, profetizando-lhe máus acontecimentos. Apertou a filha em interrogatórios. Entre soluços, já então desatados, confessou não ser verdade o noivo ter viajado. Não sabia ao certo por onde andava êle. Nada houvera.

Não haviam brigado. Ela achava que êle não voltaria mais. Por que? Não sabia. Mas tinha a certeza de que não reapareceria. Ora, e por que? Porque sim. E isso faria muita diferença? A moça, tendo a frente abaixada sobre os joelhos, soluçando, entrecortadamente, fez sinal que não. Não fazia diferença que êle não voltasse mais. Então por que tanto choro?

A interrogação ficou no ar, sem resposta. De mãos na ilharga, a velha espiava a filha. A menina sacudia-se em frêmitos sentidos. A quando e quando levantava o rosto e assoava-se na ponta da sáia de chita caseira. E voltava a gemer choro convulso, sem consolo. A mãe sentou-se ao lado da filha.

— Que raio de choro desamparado é esse, me-

nina? O que foi, foi, acabou-se . . . Ou tú estás a esconder outros motivos? . . . Hein? . . .

E forçou-a que levantasse o busto.

— Vamos! Dize lá o que houve! . . .

A moça alçou vagarosamente a face e olhou dum geito expressivo para a mãe. Olhar velado de lágrimas, sinceras, que vinham do fundo da alma. Alma em ruínas, devastada, crestada brutalmente, refletindo no semblante o drama irremediavel.

De princípio, a velha não compreendeu. Pouco-a-pouco é que leu claramente no olhar da filha. Sua face estacou, então. Depois alargou-se de espanto terrível, os lábios descerrados, sem fala, olhos um tanto esgaseados, absortos, pasmados, diante do inesperado. Largou a filha. Esta descaiu a cabeça sobre o joelho.

— Então . . . Então tú te perdeste, menina . . .

Sucumbida, varada por aquele imprevisto, o peso do corpo tombado sobre si mesma, debruçou o olhar para o chão.

— Tu te perdeste . . . Tu te perdeste . . .

O choque fôra enorme. Durante dias, a velha andou um tanto abalada, desorientada. Sua antiga resistencia venceu, em seguida. Largou a freguezia momentaneamente e saiu no encalço do rapaz. Para aqui e para alí, de indagação a indagação foi levantando-lhe o rastro, ao mesmo tempo que ia devassando, através dum rôl de pequenos nadas, a verdadeira personalidade do rapaz, que acolhera no lar, e espantosamente desconhecida para ela. Que desavergonhado perdido lhe entrara na casa, santo Deus! — censurava a velha, repetidamente, no intervalo daquelas longas caminhadas sulcando pelas ruas da cidade. Ah! quem dera encontrá-lo! Não para obrigá-lo a reparar a falta. Ah! isso é que não! Que a falta nunca poderia ser reparada por um tipo daquele . . . Ah! quem dera encontrá-lo para dar-lhe a lição merecida, bem viva, que lhe ficasse como ferrete em brasa na carne, chiando . . . E antegosava, prelibando esse instante, caminhando, caminhando, todos os dias, durante uma semana, várias horas, atrás do moço. Inutilmente. Porque perdera-lhe os passos.

Aconselharam-na que desse parte à policia. Parte à policia? Isso é o que ela não faria, que não era bôba. Que poderia fazer a policia? Prender-lhe o rapaz e obrigá-lo a casar-se? Ter um genro daquela laia? Isso é que não! Que a filha poderia muito bem, com o tempo, arribar de novo . . .

E a tormenta passou. As águas, que se haviam turvado, sacudidas, serenaram, tornando-se novamente límpidas. Maria voltou para a fábrica, emquanto pudesse. A velha retornou ao tanque, esmurrando lençóis.

Dois meses depois, aconteceu o arremate. Foi num sábado. A velha lavadeira vencia a rua Direita, vindo da praça Patriarca, rumo ao largo da Sé, para casa. Fôra entregar roupas em Higienopolis. Quasi quatro horas da tarde. A pouco direita via oferecia aspecto deslumbrante. De ponta a ponta, a turba ondeante, compacta, mole, vagarosa, vadia, indo e vindo, como ferteis trigais maduros, que um vento em febre agitava. Colorido variegado. Elegancia bizarra. A melhor, mais fina e mais rica louça da cidade — as mulheres — se exhibia, entre estudantes, janotas e velhos gaiteiros. Os que por necessidade rasgavam brechas naquele cipoal, distinguíam-se logo: nervosos, impacientes, raros, menos numerosos, caminhavam ofidicamente, desviando-se, trocando os passos, descendo e subindo nos passeios, abrindo ondas, coleando, negaceando . . .

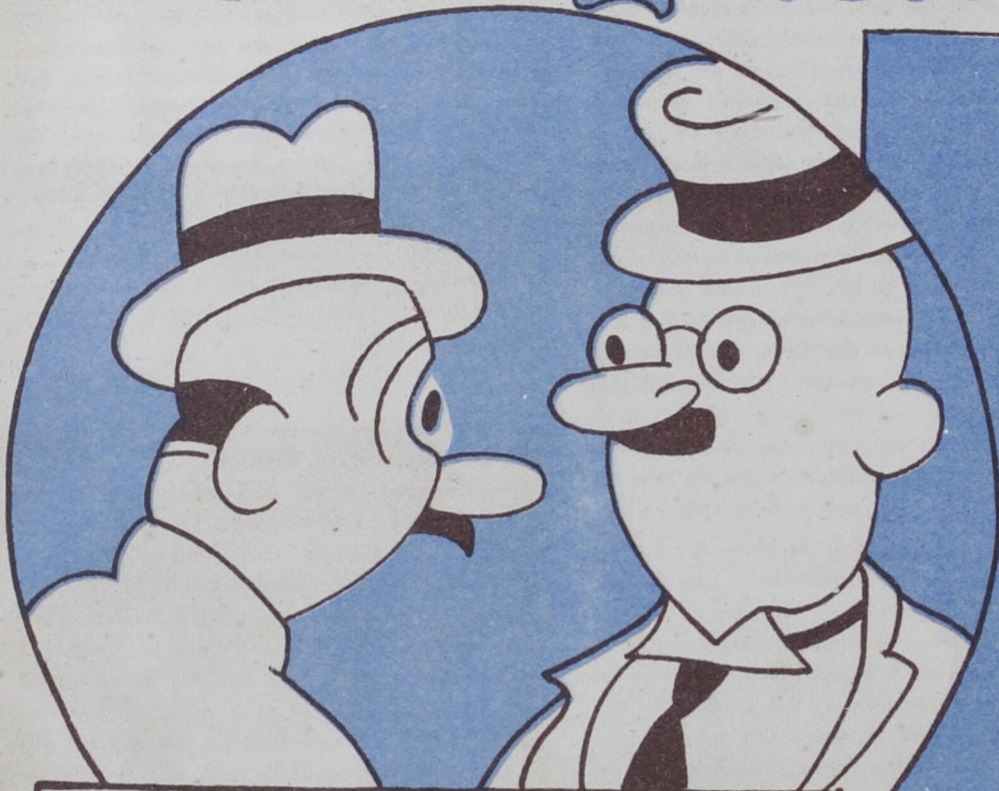
A velha lavadeira bracejava por alí, quando sinão quando parou deslumbrada. Não é que o marôto ia acolá agarrado com uma moçoila! Empurrou energicamente os transeuntes. Cortou a rua. Arre-

(Termina no fim do número).



dos dêle, que ambos se namorassem na porta, como é de uso no Brás e vizinhanças. Começa no portão. Passa depois para as viélas sombriamente mal iluminadas. Estágio longo de vesperais

Ria se Quizer...

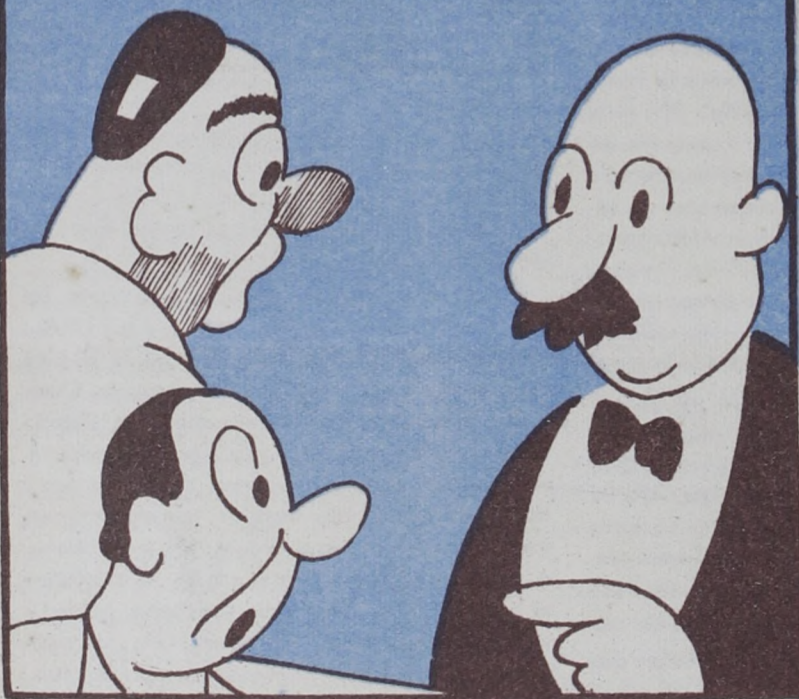


— E PORQUÊ TE DECIDISTE SER MEDICO ?
— PORQUÊ NOS PAGAM TANTO QUANDO O
NOSSO TRABALHO SAI MAL, COMO QUANDO
SAI BEM.

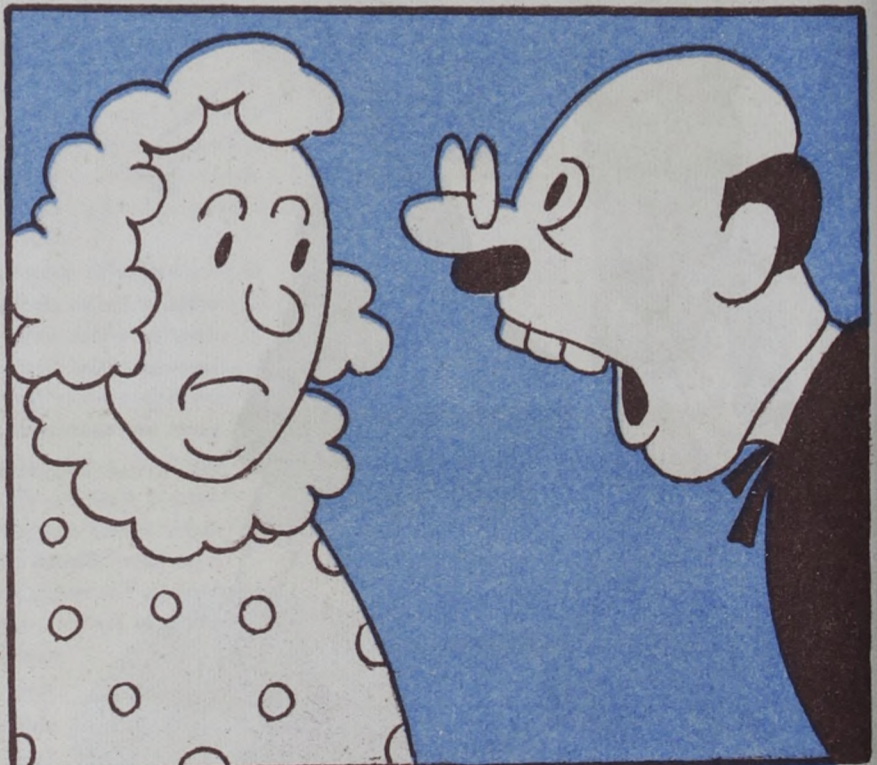


— APEZAR DE NÃO TER EMPREGO, EU AMO BAS-
TANTE O TRABALHO.
— E PORQUÊ NÃO ENCONTROU AINDA ?
— ORA MEU AMIGO ! BEM SABES QUE O AMOR
É CÉGO.

NA DELEGACIA



— ONDE É QUE VOCÊ MORA ?
— NÃO TENHO LUGAR CERTO SEU COMIS-
SARIO.
— E VOCÊ ?
— EU, SOU VISINHO DELE.



— SE DER AO SEU MARIDO PARA BEBER, QUAL-
QUER COUSA QUE NÃO SEJA AGUA, A SENHORA PODE
MATÁ-LO.
— DEUS DO CÉU DOUTOR ! SE EU LHE DER AGUA,
ÊLE É QUE ME MATA, NA CERTA.



Artilheiros russos preparando a munição de seus canhões.



Três soldados das unidades de "tanques" do Caucaso.



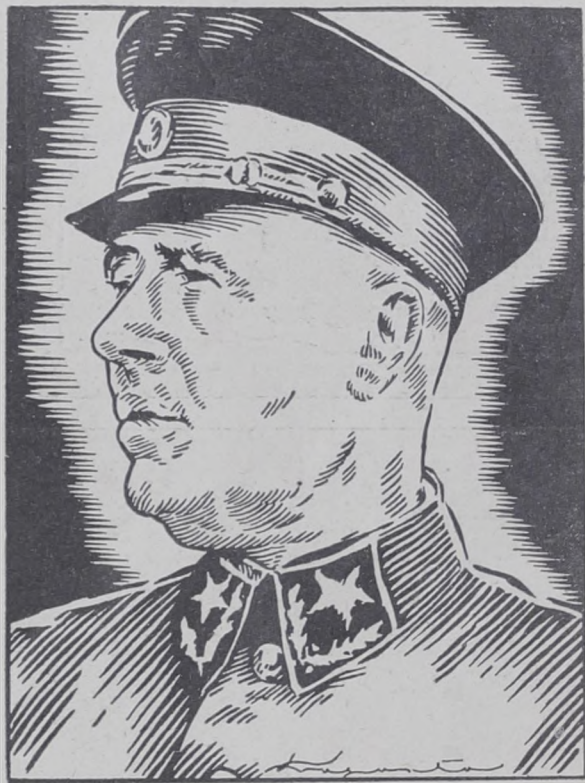
Ao alto: — Uma "charge" do periódico norte-americano "Richmond Times Dispatch" sobre o fracasso dos nazistas na Rússia. Em baixo: — Grupo de prisioneiros de guerra, os únicos soldados de Hitler que lograram chegar a Moscou.

DO MUNDO EM GUERRA

VOLTANDO de sua recente viagem aos Estados Unidos o Primeiro Ministro britânico discursando, em Londres, na Câmara dos Comuns declarou à certa altura, entre grandes aplausos e aclamações: — "Quando parti, o presidente Roosevelt apertou minha mão dizendo: Faremos essa luta até o fim, qualquer que seja o seu custo!"

As nações inter-unidas que defendem a causa da Liberdade e que compreendem mais de três quartos da população do globo estão assim empenhadas, dentro da mais íntima e leal cooperação, a combater até o aniquilamento final os invasores nazistas, fascistas e nipônicos, lançando nesse esforço — como disse Churchill — os seus últimos espasmos de energia.

Nesta página e nas duas seguintes, O MALHO apresenta aos seus leitores visões da guerra nas frentes russa, asiática e norte-africana.

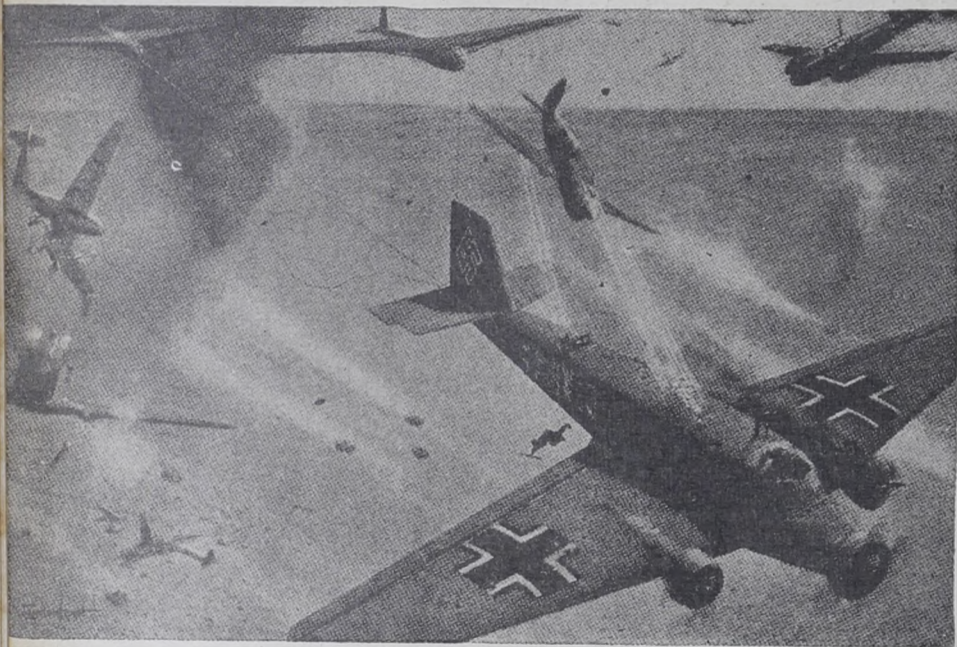


O marechal Simeon K. Timoshenko, reorganizador do exército russo e chefe supremo da frente central, em um desenho de Fragusto. Um oficial do antigo exército, o Coronel Markhine que não aderiu ao regime hoje vigorante, falando sobre os generais de sua pátria escreveu: "Uma das particularidades importantes desses oficiais em relação aos de outros exércitos reside na sua relativa juventude. De outro lado, sua origem nos meios operários e camponeses, constitui fator decisivo para a luta inflexível contra o inimigo externo cuja vitória significaria a destruição do sistema social que lhes possibilitou o acesso aos postos de comando".

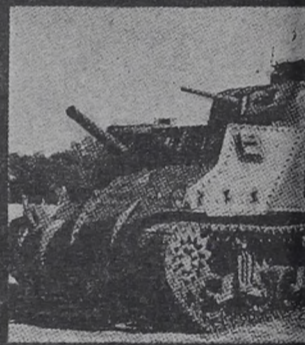
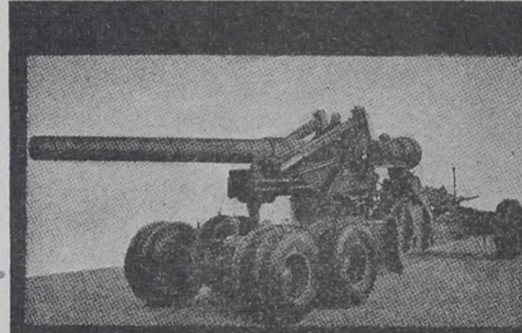
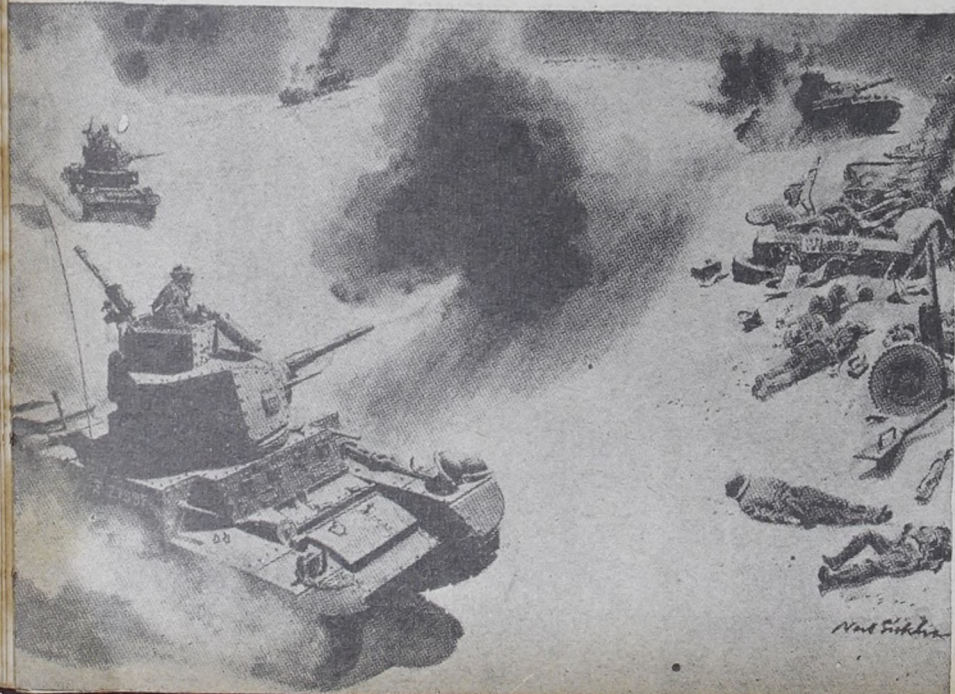




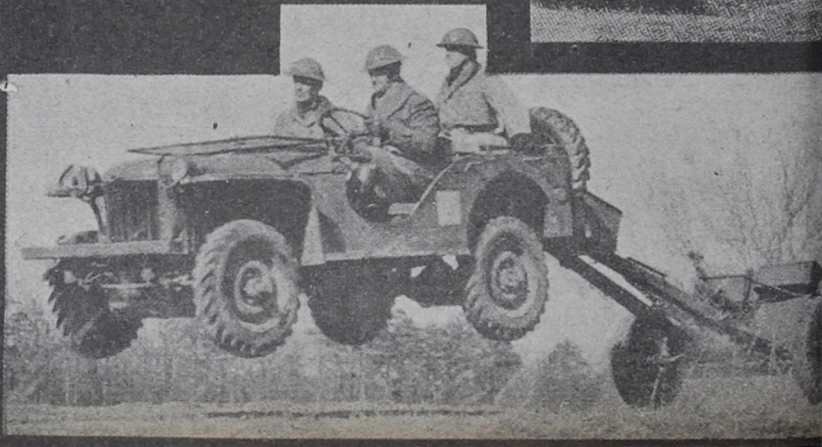
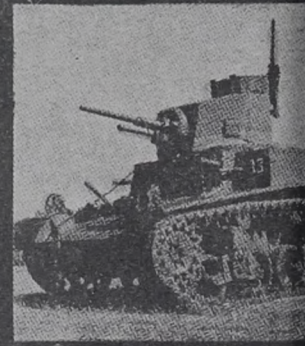
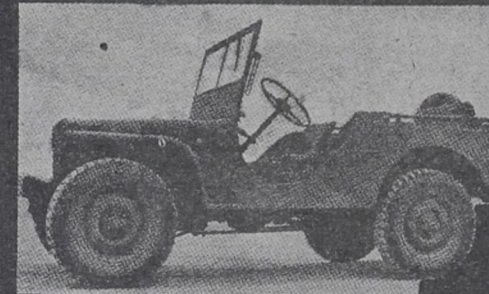
À esquerda, ao alto: — Guerreiros chineses armados de metralhadora em ação na chamada "China ocupada". Estes bravos soldados eram antes pacatos camponeses mas não vacilaram em trocar o arado pelas armas para a defesa da liberdade. Em baixo:—Chiang-Kai-Shek, o heroico marechal chinês, comandante supremo das forças aliadas de terra e ar que operam na China, em um desenho de Fragusto. Há 5 anos o indomito soldado oferece uma porfiada resistência à invasão dos japoneses que afirmavam, ao iniciarem a campanha na China, não durar a mesma mais de 6 meses... Chiang-Kai-Shek estudou outrora na Academia Militar do Japão, conhecendo em minúcias a organização de guerra nipônica. À direita dois aspectos da Estrada da Birmânia. Em cima, um caminhão militar atolado na saída de uma rústica ponte à beira de um precipício. Em baixo, operários chineses, equipados com varas, procuram melhorar as condições de tráfego da famosa estrada. A estrada da Birmânia é a única rodovia da China que ainda liga esse país ao resto do mundo amigo. E' —na expressão de um engenheiro de renome— como se fosse cavada nas montanhas pelos chineses com as unhas! Em ponto algum da estrada pôde o volante de um auto enxergar à sua frente mais de 200 metros e a velocidade máxima possível não atinge a 24 quilômetros por hora.

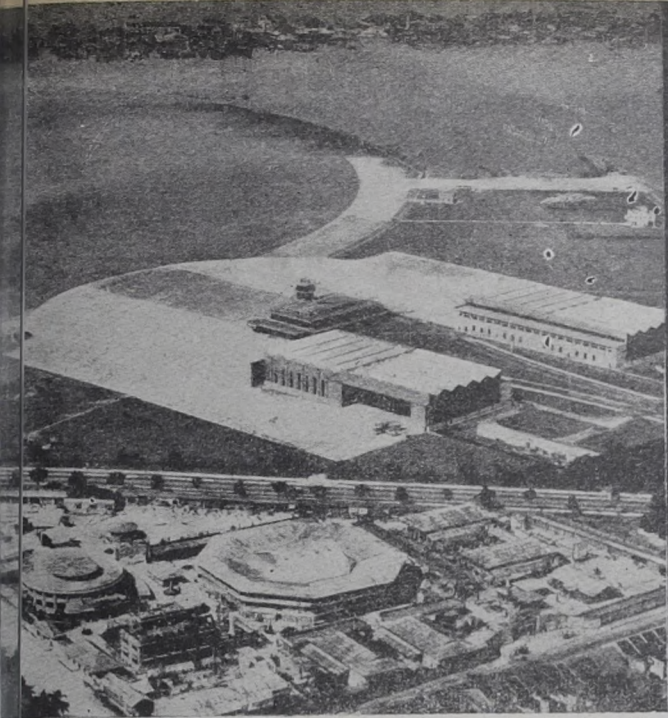


Na frente norte africana trava-se no momento uma batalha de grandes proporções. As gravuras reconstituem dois aspectos da luta travada em terra e no ar entre as forças nazistas do feld-marechal von Rommel agora servidas por reabastecimentos espanhóis e franceses e as forças aliadas das democracias.



Os Estados Unidos estão empregando toda a sua extraordinária potência industrial na produção do equipamento bélico para a defesa da Liberdade e da Democracia. Aqui estão alguns exemplares das modernas armas da guerra de fabricação americana. Ao alto, à esquerda, uma poderosa peça de artilharia pesada e à direita um carro combate médio com canhão de milímetros e 5 metralhadoras. Em baixo, à esquerda, um moderno carro Battam Q. T. (qualquer terreno), já em serviço também no Exército Brasileiro, vendo-se na fotografia inferior o referido carro rebocando um canhão de 37 milímetros.

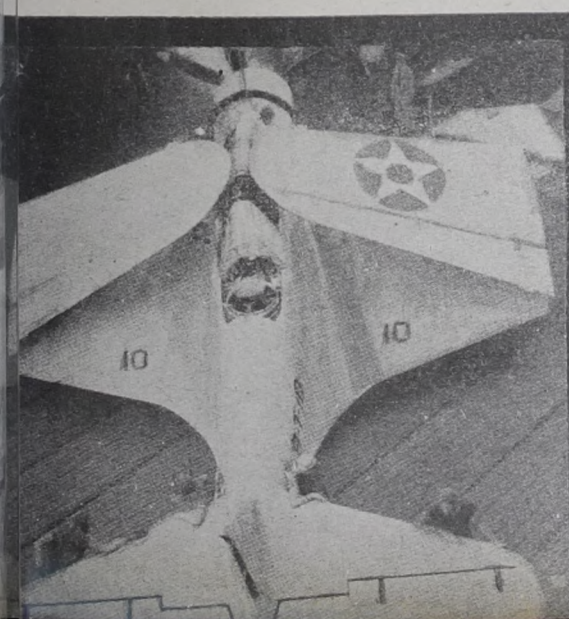




A direita um mapa da frente asiática. Ao alto um aspecto do moderno aerodromo civil de Singapura um dos pontos da ilha mais atingidos pelos bombardeios nipônicos. Em baixo o general Mac Arthur, o admirável herói da resistência aliada às investidas das hordas japonesas nas Filipinas e um aspecto dos valentes soldados do pequeno exercito filipino cruzando uma passadeira flutuante de bambús nos arredores de Luzon.



A Inglaterra mantém as suas tropas, em vigilância permanente contra os ataques nazistas. Ao alto um regimento da costa Sul, especializado em resistir às invasões de paraquedistas, acode ao primeiro sinal de alerta correndo para o penhasco do Canal da Mancha.



Um moderno e rijo avião de bombardeio da força aero-naval dos Estados Unidos. As asas são dobradiças para facilitar as manobras nas pistas dos porta-aviões.





EPITACIO PESSOA

Em seu retiro de Itaipava, faleceu, cercado do carinho e da assistência de seus íntimos, o Dr. Epitácio Pessoa, ilustrado jurista e antigo político paraibano que ocupou, entre outros cargos elevados, na política e administração do país, os de Presidente da República, Ministro do Supremo Tribunal e Senador Federal pelo seu Estado.

Possuindo sólida cultura e dono de qualidades de exceção, o Dr. Epitácio Pessoa desfrutava de indiscutível prestígio como jurisconsulto e seu nome era acatado tanto no país como no estrangeiro, onde teve ensejo de representar o Brasil, no desempenho de altas investiduras. Aqui vemos o grande estadista numa antiga fotografia, tirada em sua biblioteca.



MATRIZ DE SÃO PAULO APOSTOLO

Um aspecto parcial da magestosa matriz de São Paulo Apostolo, que está em vias de conclusão na paróquia de Copacabana e oferecido ao "O Malho" no primeiro domingo da Quaresma, pelo seu Virtuoso Vigário, Rev. Padre Agostinho.



LANGUIDA e gracil, num vale cingido por chapadões, repousando na lombada de uma colina mansamente estendida de norte a sueste, dormia a cidade de Campinas, aquela que se designa orgulhosamente por **Princesa d'Oeste**.

Já o sol vai espalhando a dourada poeira nas copas das seculares jataúbas, nas flechas floridas dos "cambarás", vai sorvendo o orvalho que ainda brilha no esmeraldino tapete da Praça Carlos Gomes... Passam moleques a correr, um punhado de jornais debaixo do braço, lépidos, anunciando com vozes cristalinas como o ar puro da manhã: "Dia-tiô!" e as carrocinhas de leite e verduras, num sapateado frenético, martelando as rodas de pau de encontro aos paralelepípedos, buzando nas esquinas e sumindo-se, indiferentes aos resmungos dos que bem-aventurados! — ainda tem sono depois de clareado o dia, e não têm obrigações que os façam satar cedinho da cama.

Campinas está de parabéns! Está comemorando o 1.º centenario... Fez as cidades, que contam sua idade pelos cem anos!

Por um decreto assinado pelo Barão de Mont'Alegre, a 5 de Fevereiro de 1842, foi elevada a categoria de cidade. Ha mais de cem anos, porém, vem sendo batejada pelas auras do progresso, vivendo sua vida simples e pacata sem ser indifferente às tormentas que toram ficando no passado.

Ha cem anos não existiam os lindos, graciosos predios de que hoje se orgulha: não se haviam erguido então os seus monumentos, marcos de impereciveis glorias, conquistadas pelo valor, pelo estro de seus filhos.

Campinas nasceu vendo passar as bandeiras que iam rompendo caminho, a desbravar o hinterland desconhecido. Mais parecia um sertão semeado de casinhas. Mas a fertilidade extraordinaria desse torrão abençoado designou-o para pouso de valentes trabalhadores, para cujos braços o solo úbere constitua possante atrativo, e o clima deleitoso, inexaurível manancial de força, de vitalidade. Desse "real consorcio do trabalho com a terra" nasceu Campinas.

Contam seus anais que em 1799 o logarejo recebeu fôros de Vila, sendo então privada do seu pitoresco nome, e batizada com o de Vila de S. Carlos não em homenagem ao gran-

A TERRA DOS TAPERÁS...

de b'spo de Milão, mas... à sra. D. Carlota Joaquina, esposa de el-rei D. João VI.

Narram ainda: "Uma casa de dois lanços, em a rua Direita, é alugada por 320 réis mensais. A vila tem três ruas que se podem qualificar; cada rua designada conforme a posição descrita no terreno acidentado: rua de Cima, rua do Meio, rua de Baixo". Atualmente, ruas Barão de Jaguará, Dr. Quirino e General Carneiro.

O solo sulcado pelo arado, ferido pelas enxadas, fecundado pelo suor dos seus filhos resolutos, é o livro aberto onde se vai traçando, da a dia, a historia de Campinas, que sempre resumiu seu ideal na simplicidade da vida operosa:

"mais val que a luz do incendio, a que
[ilumina;
mais faz que espada ou lança, escopro e
[serra;
mais que mil arsenais uma oficina.

Pois, é o trabalho o campo da batalha; a industria faz plantão, fachina, e guarda; soldado e general é quem trabalha; é mais condecorado o que mais faz; é-lhe bandeira a ciencia; a blusa, farda; e santo esent'a — d'ligencia e paz.

Em 1842, readquire a Vila o seu primitivo nome de Campinas. E o progresso marcha, num crescendo constante, imperturbado pelos entusiasmos do Ipiranga, pelo 7 de Abril, pela Abolição, pela Proclamação da República — marcha regular, enérgica, herdada dos seus bandeirantes.

Entre os mais notaveis estabelecimentos, Campinas apresenta o Instituto Agronômico que presta tão importante serviço à lavoura; a Camara Municipal, o Teatro Campineiro, de caprichosa arquitetura, condigna da boa música que aliás se faz; a Escola Normal, situada em frente à Casa das Andorinhas onde os campineiros assistem abrigar-se, to-

das as tardes, às centenas, o passaredo saltitante e ruidoso.

E ainda tem de que se ufanar! Do estro de um Carlos Gomes; do valor de um Campos Salles, presidente da República em 1898; do talento de um Francisco Quirino dos Santos, poeta, elegante jornalista, advogado, republicano sincero; das altas virtudes de um D. João Nery... e tantos, tantos outros que lhe enaltecerao o nome e o do Brasil.

Campinas, hoje pululante de industrias, conserva entretanto o aspecto delicioso de

cidade jardim, sendo realmente curioso o elevado número de "largos" dispostos quasi que de duas em duas quadras... parece assim viver em perene primavera.

E Campinas também reza em lindas Igrejas... Em frente ao Largo do Rosario — o "ponto chic" dos almofadinhas campineiros — ergue-se a igreja do Rosario, verdadeira obra de arte bizantina; a Matriz Velha disputa com o Clube Campineiro — o mais aristocratico dos clubes existentes — a praça onde se ergue o artístico monumento ao seu grande Carlos Gomes. A suntuosa Cathedral, interiormente decorada com ricos trabalhos de entalhe em madeira escura, feitos a canivete, externamente ergue uma elevada torre para o céu — para o céu azul sem nuvens, peculiar a Campinas, no dizer dos campineiros... aquele azul onde as azas dos Taperás traçam as mais caprichosas curvas, e quando cansadas vêm repousar na cabeça e nos braços das imagens dos quatro Apóstolos voltadas para as quatro direções; para depois recommear os volteios, irrequietas, com frêmitos felizes...

Mas... o dia já amanheceu. Campinas por certo acordou alegre no dia do seu 1.º centenario. Vai passar um bom dia de ações de graças, de descanso e de folguedos.

E quando a tardinha fôr caindo, um coração, neste Rio imenso, estará concentrado, cheio de reminiscências, esquecido do bulício carioca e vivendo, pela lembrança, nas Campinas dos seus Avós.

Sonha... Vê estremeecer no céu azul as azas dos Taperás... Vai sorvendo em sonho, profundamente, o hálito perfumado da brisa que desce do chapadão, acaricia os coqueirais, cheia de suaves aromas desprendidos dos troncos dos jequitibás... A alma extática bebe a hora mansa do crepúsculo. Os olhos semi-cerrados adivinham as estrêlas que se semeiam pelo céu... Fascinadora. Campinas, que deixas no coração de quem te viu uma só vez que seja, uma marca indelevel, deliciosa como uma carícia, donida como uma saudade!...

Alice Gérin Isnard Tavora



Uma das mesas mais animadas no baile de gala do Municipal.



Um lindo grupo que chamou a atenção dos que se achavam no baile do Municipal.



Grupo em que se vêem os membros da comissão julgadora das fantasias, da qual fazia parte o cineasta americano Orson Welles, que veio filmar o carnaval carioca.



Serherinha Ruth Amaral, com a fantasia de "Cancatúa" que foi classificada em 1.º lugar.

O BAILE DE CARNAVAL NO MUNICIPAL

O baile de gala do Municipal, que é a nota mais alta do Carnaval elegante do Rio, e o baile infantil, tiveram este ano uma característica excepcional: foram realizados sob os auspícios da Senhora Darcy Vargas, em benefício da Cidade das Meninas, instituição que vem merecendo todo o empenho e o maior carinho da primeira dama do país.

Um "Pele Vermelha" no baile de gala do Teatro Municipal.

A interessante menina Maria de Lourdes Lopes, fantasiada de "Carmen Miranda", premiada em 1.º lugar no grande baile infantil da terça-feira gorda.

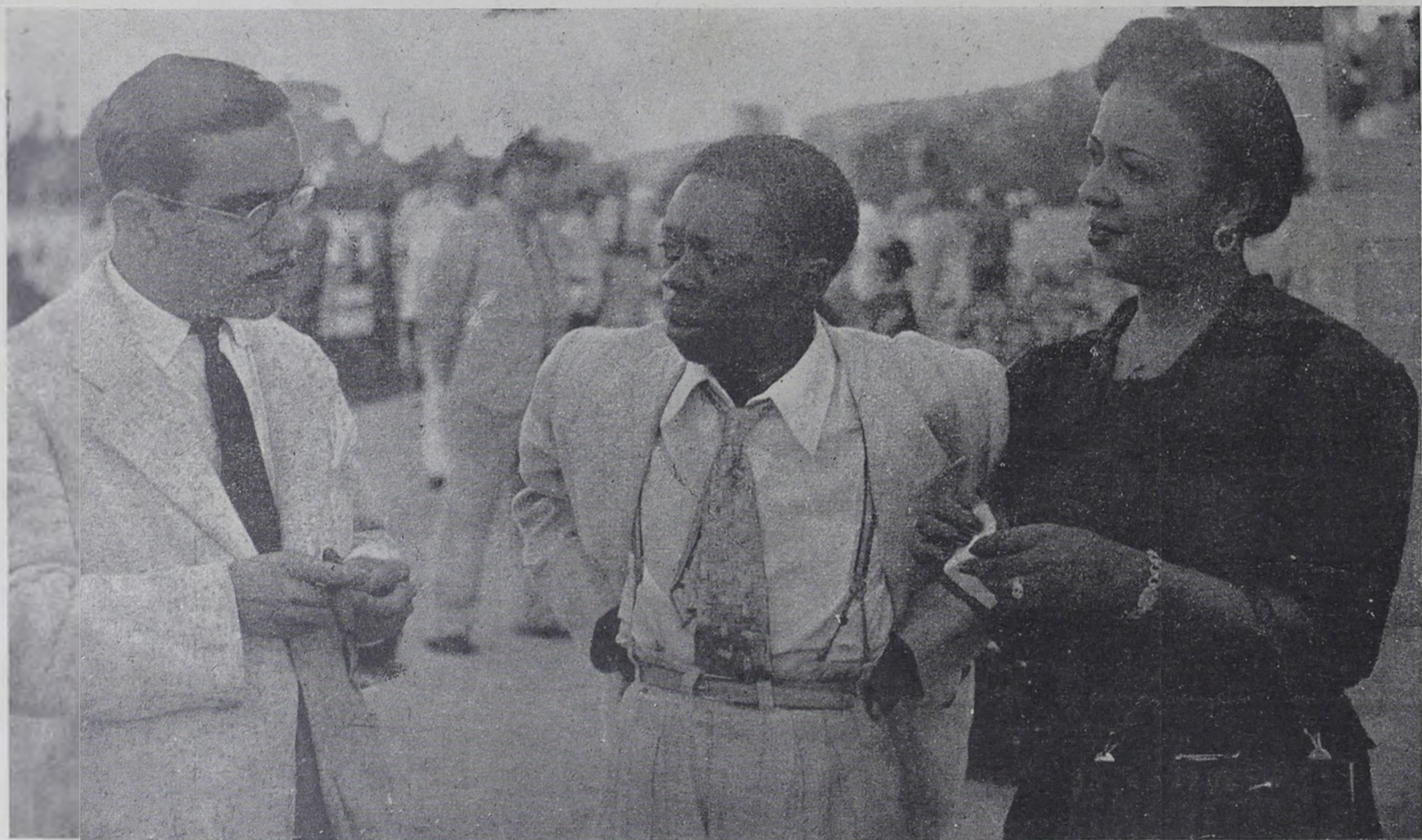


O "folião" José C. Machado Portela, cuja original fantasia de espantalho recebeu o primeiro prêmio masculino, no baile infantil.





Estes "peles vermelha" fizeram grande sucesso nos bailes da Urca



ROMPENDO O CARNAVAL NO HIPODROMO DA GAVEA

Em pleno sábado de Carnaval surgiram no Hipodromo Brasileiro, Déo Maia, a estrela da nossa música e Grande Othelo. Procuram pelo Théo, o *speaker* do "Jockey Club", bom amigo de ambos.

Déo Maia quer saber uma "barbada" e dirigindo-se a Théo, incúga:

— Qual é a "bôa" de hoje ?

Enquanto Grande Othelo procura decifrar o pensamento do "speaker-gentleman", este estuda a resposta.

Com a aproximação do nosso fotografo Théo silenciou.

Não sabemos por isso se sua informação correspondeu às aspirações dos dois astros ou mesmo à pergunta da querida sambista. Mas acreditamos que sim.

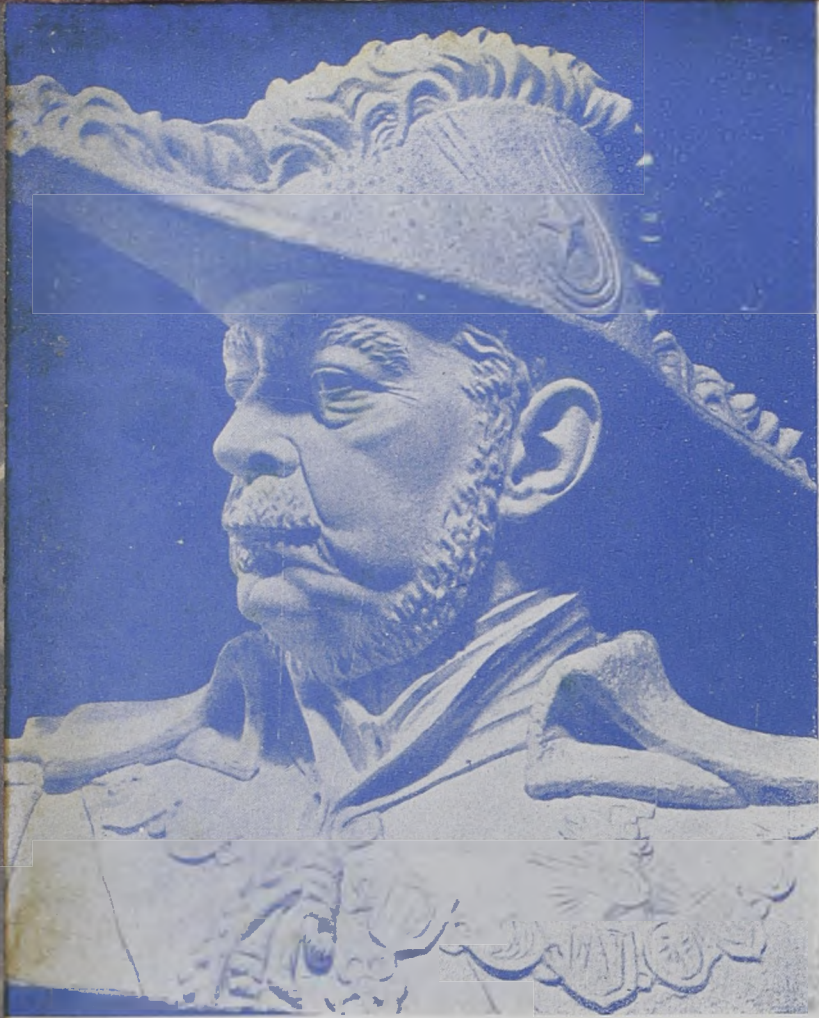
Théo não se atrapalha nunca.



MARINHA

TELA DE

Oswaldo Teixeira



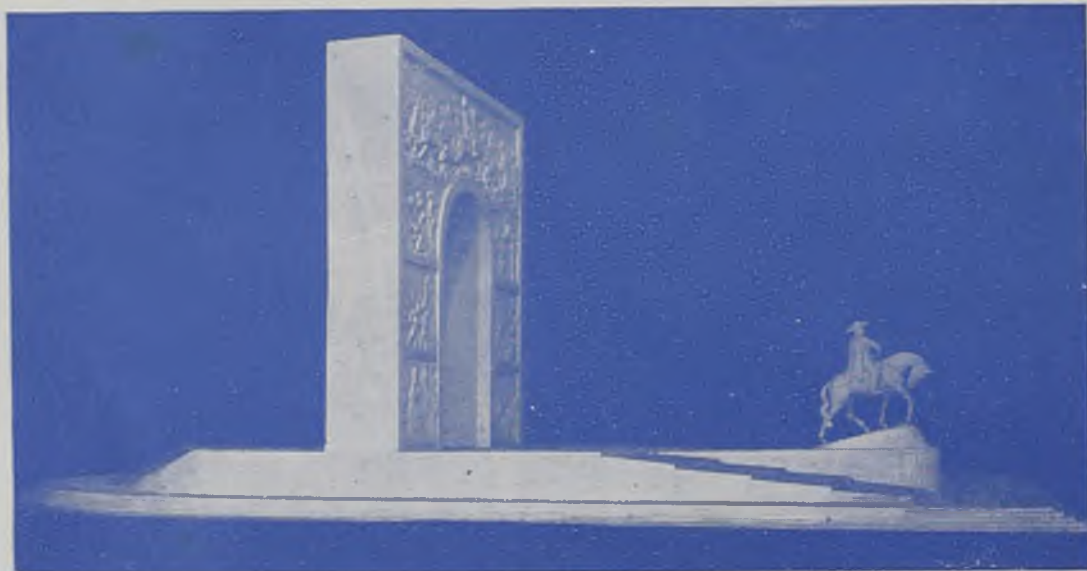
O MONUMENTO A CAXIAS EM S. PAULO

De estilo clássico-moderno, o monumento apresenta, fundida em bronze, a estátua equestre, e de granito o conjunto restante.

As proporções são grandiosas, dignas da estatura moral do homenageado e da terra bandeirante que lhe rende tal preito.

São da "maquette" vencedora os três aspectos que aqui reproduzimos.

N O concurso de maquetes realizado em S. Paulo, para o monumento a ser ali erigido à memória do Duque de Caxias, saiu vencedor o projeto apresentado pelo escultor sob o pseudônimo de "Duque de Ferro", concepção realmente interessante e moldada em linhas de grande imponência.





DENTRO DA MATA

No mato fechado, cheio de **sombra e humidade fôfa**,
 Vi jequitibás gigantescos, erguendo **para o céu as comas verdes**
 [e arrogantes;
 E admirei a **fôrça** e o vigor do seu desafio ao Sol, que flamejava
 [violento,
 Mas não conseguia penetrar, **sinão em escassos raios**, que fa-
 [ziam tremulos e ridiculos rendilhados, na terra.

Vi antas enormes, de dorso roliço e polido, pisando como **tanks**
 O chão escuro, atapetado de **fôlhas mortas, acamadas e ressu-**
 [mando água;
 E admirei a **fôrça** da anta demolidora, abatendo obstaculos à
 [sua passagem.

Vi teiús, de escamas duras e negras, brigando com jaracussús
 [ferozes e cascaveis chocalhantes;
 E admirei a **destreza**, a **audacia** do lagarto destemeroso.

O vento enraivecido torcia e retorcia os leques altos dos burí-
 [tiseiros e dos macaúbeiros;
 E admirei a **braveza** do vento e a **resistência heróica** das pal-
 [meiras erectas.

Mas, admirei mais as **formigas**, infatigaveis e fortes,
 Subindo resolutamente, como **invencivel exército invasor**, pelo
 [caule aspero da massaranduba,
 Para lhe cortar, uma a uma, as **fôlhas tenras**,
 e levá-las, **prêsas** acima das **cabeças erguidas**,
 Como **verdes pendões vitoriosos**, para os **celeiros providentes**.

Formiga! Tens dentro do teu **pequenino ser** as **fôrças miste-**
 [riosas que se encerram no **atomo invisivel**.
 Formiga! **Energia disciplinada e organizadora**, **tenacidade** que
 [não cança, **trabalho produtivo** no **silêncio**.

ALEGRIA

Alegria! Chama da Vida, que flamejas, aqueces
 E inspiras os pensamentos bons, tingindo de branco as almas;

Que abres o sorriso das crianças e desenrugas a face pergami-
 [nacea dos velhos,
 Pondo nos olhos dos pequeninos centelhas — vivas como sóes,
 E na visão quasi apagada dos velhos, clarões de mocidade, sô-
 [breviventes nas pupilas cinzentas.

Alegria! Alegria das árvores, das flôres, das manhãs frescas e
 [luminosas,
 Das avezinhas de Deus, das águas cantantes;

Alegria das noites cheias de estrelas e de silêncio,

Alegria de São Francisco de Assis.

Sem ti a Terra já estaria erma e vasia,
 Porque prêsa da furia esteril e devastadora
 Dos corações torvos e das almas retorcidas pelo ódio.



Godofredo Vianna

HISTORIA DE PAPAGAIO

DIANTE desse escritor, (Salvador de Mendonça) que foi um modelo de exatidão no cumprimento dos seus deveres de acadêmico, a Academia está ainda hoje em dívida...

Sim: todos sabemos que há algumas sombras gloriosas em nossa casa, diante das quais nos sentimos como em falta gravíssima. São aquelas para as quais não cumprimos o dever regimental de um elogio em sessão solene. Haverá quem ache ridícula a cerimônia com que são recebidos os que aqui chegam. Entretanto é uma das determinações rígidas do Regimento que diz: "O Acadêmico eleito só entrará no gozo das suas prerrogativas com ato da posse tomada em sessão solene". E logo estabelece que o novo Acadêmico deverá ocupar-se principalmente da obra do seu antecessor. Ora, esse dever a Academia nunca o cumpriu para com Salvador de Mendonça. Seu elogio ainda está por fazer. E não é um caso único.

Salvador foi aqui substituído por Emilio de Menezes. O poeta dos *Três olhares de Maria* esboçou um discurso, que submeteu à censura da mesa. Esta fez ao trabalho algumas observações, que parece, não agradaram a Emilio. Enquanto se resolviam as dificuldades surgidas, Emilio morreu. Seu discurso, introduzidas as emendas que a censura achára necessárias, foi publicado num dos números da *Revista da Academia*. Sucessor de Emilio de Menezes, Humberto de Campos prometeu fazer o elogio de Salvador de Mendonça. Não o fez, porém. De maneira que ainda está por ser realizada a homenagem por assim dizer oficial da Academia a esse que foi um dos elementos primordiais do seu primeiro prestígio diante do público brasileiro.

(1941)

MUCIO LEÃO

A ACADEMIA EM DÍVIDA

HA dias, conversando com minha querida tia Eugenia Teixeira Leite da Silva Teles, senhora de notável inteligência e grande conhecimento das tradições de família, relatou-me ela interessante e popular história de papagaios que em sua infância ouvira em Vassouras de seu tio, o Visconde de Araxá.

Vivia em S. João d'El Rei, berço do Visconde, e penso que na era colonial, certo negociante de pequena importância que tirava o melhor de seus ganhos como correspondente de grande comerciante do Rio de Janeiro. Era este personagem homem exigentíssimo nas prestações de contas e anualmente ia a Minas fechar os balanços de seus representantes.

Estava o capitalista a chegar e o seu agente trabalhava afanosamente na prestação iminente. Mas não conseguia saldar o deve e haver. Inutilmente fizera e refizera as contas, numerosas vezes. A véspera da chegada do terrível patrão já pela noite alta entregava-se a este labor infrutífero na presença da mulher, também angustiada ao último ponto.

Afinal, conseguiu esta que o pobre atrapalhado fôsse deitar-se e dormir para refrescar a cabeça escaldante. Pela manhã a aflita mulher, que não pudera conciliar o sono, levantara-se e fôra à cozinha preparar o café. De lá aos gritos, e no maior júbilo corrêra a despertar o marido!

— Olha! está descoberto o erro! Venha escutar o que o louro está berrando.

Assarapantado, levantara-se o marido, que dentro em breve ouvia um índice remediador, ou antes, removedor, de sua angústia: Esbofava-se o papagaio a gritar: quatro vezes cinco, vinte e um! quatro vezes cinco vinte e um!

Dentro de alguns minutos verificava o postergador da táboa pitagórica o erro em que tão repetidamente incidira e fechava o balanço com irrepreensível exatidão. Pouco depois tinha o prazer de apresentar ao soturno e exigentíssimo capitalista que, achando-o impecável, dignou-se em seu laconismo argentario a dizer ao respeitoso e intimidado correspondente: está certo!

Imagine o que não terá sido a gratidão do casal ao louro salvador! Se já vivia bem, passou a ser o lúculo de sua grei. E sua história correu mundo afóra pelas terras das Minas Gerais até os vastos e infundáveis sertões dos Currais da Bahia, os cerrados goianos, a Mata do Rio, enfim por toda a parte onde havia emigrados mineiros.

(1942)

AFFONSO DE E. TAUNAY

ANTOLOGIA PITORESCA

Seleção de FRAGUSTO

FAZIA FOSCAS...

A bastante tempo, quando o sangue da mocidade me esquentava as veias, certa vez, na Academia Brasileira, à hora do chá, um colega queixou-se de sua pessima saúde e, como eu o olhasse admirado, perguntou-me:

— Tu ainda não sentes nada, não é verdade?

Respondi que gozava uma saúde maravilhosa. E ele profetizou, melancólico:

— Aos quarenta anos começarás a frequentar os médicos.

Não comecei essa frequentação desagradável, perdoem-me os clínicos, aos quarenta; mas comecei-a aos quarenta e oito mais ou menos. Até então eu conservára uma *allure* que fazia foscas áqueles para quem a natureza não fôra prodiga em bens físicos. Pelo depoimento de seu filho, sei hoje que ela maguava a João Ribeiro, cuja feitura sergipana era um cofre de erudição. Maguava-o tanto que, respondendo a alguém qual o tipo mais elegante da Academia, hesitára entre mim e o contínuo Fidells... Em João Ribeiro, a grandeza de espirito realçava-se com estas mesquinhas, como os sinalzinhos negros aumentam a beleza das damas, na lição de D. Francisco Manuel de Melo, o das Epanáforas.

(1942)

GUSTAVO BARROSO

INFRAÇÕES...

A realidade os gêneros literários são produções efêmeras da moda literária. O poema, a tragédia, a comédia, a oração... para serem perfeitos, teriam começo, meio e fim e teriam regras de retórica, as quais seriam obedecidas, para atingir-se aquela perfeição. Daí, as três unidades de tragédia; o poema épico e a sua métrica específica; os metros variados para os diversos gêneros poéticos...

Entretanto, mau grado das regras, de quando em quando, uma infração. As obras de gênio são estas infrações. Pôde-se mesmo dizer que as grandes obras são as que aberram das regras... A um mestre-cantor que dizia — "a arte não permite isso", respondeu Beethoven, "mas eu permito..." O próprio da originalidade é sair fóra da fórmula. As obras primas são as obras sem gênero... A que gênero pertenceriam os *Ensaio*, de Montaigne? Ao gênero novo *ensaio*, que criaram. As *Fábulas*, de Lafontaine, são "ampla comédia em cem atos diversos", tanto como dissimulados *ensaio* de crítica social... Shakespeare, entre a comédia e a tragédia, cria o drama romântico, *avant la lettre*, mixto de sério e burlesco. O romance histórico é o poema romântico, poema em prosa, poema burguês. O lirismo combina-se ao épico nos poemas do Renascimento: *Orlando*, *Gerusalemme*, *Lusíadas*. *Don Quixote* é mais sátira ou piedade, do que narrativa ou crítica. Os *Sertões*, de Euclides da Cunha, não pertencem a gênero algum...

Na realidade não há gêneros literários imutáveis, nem mesmo com a fixidez relativa dos gêneros naturais... Há modelos criados pelos gênios, que provocam imitação... Esses modelos sofrem as variações da moda. E a moda as variações do gosto...

(1941)

AFRANIO PEIXOTO

A POROROCA

OSORIO NUNES

Os caboclos das redondezas acreditavam e Crecencio repetia que quando tudo era só mata e rio e ainda não havia gente na terra, as coisas do mundo eram bem diferentes. A água amava, como as mulheres e, como estas, eram, também, perigosas, muito mais perigosas do que hoje.

Foi nesse tempo que nasceu a pororoca, a onda grande que rebenta as margens. A água do rio era mansa e boa. Corria calmamente pelas terras, até se perder nas praias salgadas. Morena e bela, o luar vinha, à noite, fazer-lhe carícias. O sol, também, a tentava, todos os dias, com o esplendor de seu brilho. Mas se quedava, indiferente. Porque a água do rio amava, desesperadamente, o barranco alto e feio, que ela mesma cavara com suas ondas. Nos meses secos do verão, quando corria, diminuta, lá em baixo, ficava a namorar com mil olhos o amado distante. Beijava-lhe os pés, em murmurios humildes, acariciava-lhe a base informe e rude. E ficava gosando a delícia que lhe trariam as grandes cheias. As cheias vinham. A chuva, sua irmã do céu, decia a visitá-la. E ajudava na subida até o alto, espraçando-a por tudo. Enchia, então, de beijos o barranco severo e amante, que se entregava todo ao idílio, saudoso, também, do corpo ondulado da amada.

Muito tempo viveram os dois nessa felicidade, que parecia sem fim. Um dia, entretanto, quando a água estava toda feliz, à espera do inverno, sua irmã do céu lhe mandou um mensageiro. Trazia terrível denuncia. Durante os meses do estio, quando a amante estava presa ao leito de pedras, o barranco se entregava, inteiro, ao amor da floresta.

A água agitou-se de ciúme. De uma curva mais alta, contemplou o infiel. E viu a mata abraçando-o com seus galhos verdes, fazendo carícias, dançando ao vento e vindo até às bordas com a submissão de seus capins rasteiros, afagando-o com a ramagem das árvores menores. Furia selvagem a dominou. Quisera estar, agora, no esplendor das cheias, para castigar o ingrato e esfíxiar-lhe o amor. O barranco estava, entretanto, tão alto, tão distante...

Alucinada de ciúmes, contorceu-se num grande espasmo de ódio. Creceu. Creceu. O barranco, arrancado ao idílio, viu, com pavor, a amante traidora converter-se num monstro furioso e gigantesco, que vinha com uma enorme onda na frente. E chegou, imensa, avassalante, com a cabeleira revolta, destruindo o barranco, esmagando, levando-o no torvelinho, aniquilando a floresta. Foi assim que nasceu a pororoca.

Crecencio acabou de contar, enxugou o rosto na manga da camisa e acrescentou:

— Miguelinho, a mulher que tu tens em casa é parecida com a água do rio. Olha, que um dia, ela vira pororoca.

Miguelinho sorriu. Era sempre assim. Porque não havia de sorrir? Chica Maria era, mesmo, estourada, ciumenta. Quando ele saía para a vila, ela ficava ansiosa, inquieta, achando grande a demora.

— Éta, Chica! Deixa de besteira. Você nem parece mulher de canoieiro.

Chica Maria baixava os olhos selvagens e abraçava o companheiro. Era, sim, mulher de canoieiro. Mas não queria que ele demorasse muito lá fóra.

Lá tanta mulher fácil pelas vilas e ela era ciumenta, muito ciumenta. Filha de nordestinos, vinha para aquele recanto perdido do Acre, guardava nos olhos azues o atavismo do sangue ser-

tanejo. Quando se exaltava, a paixão vinha, vermelha, até aos olhos, endurecendo-os, fazendo as pupilas mais verdes e maiores. Eram esses olhos que tinham encantado Miguelinho. Atraído, não fora difícil a conquista. Chica Maria desejava-o, também, desde logo. Há um ano moravam na segunda curva do rio. E amavam-se perdidamente.

Nos últimos tempos, entretanto, Miguelinho parecia mudado. Chica Maria, em meio a cenas de ciúme, insistia nessa diferença. Tinha razão. Miguelinho estava, mesmo, outro. Queria, ainda, a mulher, desejando-a muito, sentindo prazer naqueles longos abraços em que o apertava, sempre sedenta de beijos e carinho. Mas conhecera Joana, que voltara da cidade cheia de colares baratos e vestidos espalhafatosos e fóra, logo, morar com o filho do coronel Raimundinho, no seringal próximo. Que mulher! E como sabia amar!

Miguelinho não nacera para constituir família. Seu pai tivera várias mulheres e possuía filhos por toda a região do Juruá. Era um dos rebentos de sua última aventura e safra, perfeitamente, ao pai.

Chica Maria desconfiava, percebia algo na distancia. Seu instinto feminino acordava dúvidas, armava suspeitas.

— Que é que tu tens, Miguelinho? Eu ainda não estou velha.

— Acaba com isso, Chica! Eu estou é cansado de remar.

Diariamente, o diálogo era o mesmo. Para, em seguida, rebentar a briga no casebre, com lamentos, gritos e lagrimas.

mas. Depois, Miguelinho, com habilidade, dobrava a explosão da companheira e fazia voltar a serenidade, falando maciamente e abraçando a mulher. Chica Maria ficava, entretanto, sempre com a dúvida remoendo o pensamento.

Somente a Crecencio, Miguelinho revelara tudo. Tinha confiança naquele velho sereno e amigo, que tantas vezes o advertira do perigo de sua situação. Sabia que poderia contar com o apoio e as sugestões do velho, que por ele tanto se interessava.

E Miguelinho saía para o trabalho, debaixo de mil recomendações da companheira. Na volta, enveredava pelo seringal do coronel Raimundinho. E, enquanto Chica Maria desesperava, olhando o rio, ele se esquecia de tudo nos braços de Joana, boa, quente e cheirando a novidade.

Naquela noite, Miguelinho não veio dormir. Madrugada alta, Chica Maria, com os olhos pisados, desganhada, cansada da longa espera, deceu ao pequeno porto, desamarrou a canoinha e remou para a vila. Não tinha mais que duvidar. Bentinho, entre dois sorrisos desejosos, insinuara, há dias, a causa das demoras. Miguelinho, certamente, estaria, agora, no seringal do coronel. Agarrava-se, ainda, a uma esperança. Poderia ser que tivesse acontecido alguma coisa... Uma festa inesperada na vila...

(Termina no fim do número).



IMAGENS:

O DEVOTO

(De CHRISTOVAM DE CAMARGO)



IA preparando, calculadamente, a sua situaçãozinha no céu. Ele não era tólo: se tudo estava em cumprir os preceitos, fazia-o metodicamente, minuciosamente, sem deixar margem a futuros equívocos.

Não vê! Então, por um simples descuido, uma bobagem, ia lá perder aquela bela segurança de um lugar entre os eleitos!

Não, senhor! Devia-se ir à missa? Ele ia à missa. Jejuar quando manda a Santa Madre Igreja? Ele jejuava. Dar esmolas? Ele dava esmolas. E assim em tudo.

Possuía um caderninho em que estava escriturada a norma de todos os seus atos e gestos. E tudo aquilo era seguido à risca. Mas era só. E que mais poderiam exigir? Conhecia meticulosamente a lei. E cumpria-a. Deus que fôsse tomando nota e o recompensasse depois, como era de seu dever. Palavra é palavra. Aliás, nenhuma desconfiança jámais lhe pairou no espírito sôbre o cumprimento das obrigações contraídas pelo Eterno com suas criaturas. Deus é Deus, que diabo!

Morreu tranquilo. Tinha pago, ia agora receber.

— Não, meu caro, disse-lhe Deus, ao vê-lo chegar, está enganado, isto aquí não é o que você pensava...

— Mas, senhor, sempre acatei vossas ordens!

— Não há dúvida, mas você era demasiadamente habil. Calculava com excessiva segurança. A sua preocupação de método, de pontualidade no cumprimento dos deveres punha-me nervoso. Palavra de honra, já era demais!

— Eu, porém...

— Você nunca pecou, olhe que isso é máu! Sempre foi muito frio, muito sistemático! Do que precisamos é de um pouco de alma. E você era um simples guarda-livros da virtude!

— Mas...

— Não há mas nem meio mas, o que eu quero são homens e você saiu-me um contabilista.

— Senhor, eu não compreendo...

— Não compreende o quê?

— Não compreendo vossas palavras, sinto-me confuso, atarrantado...

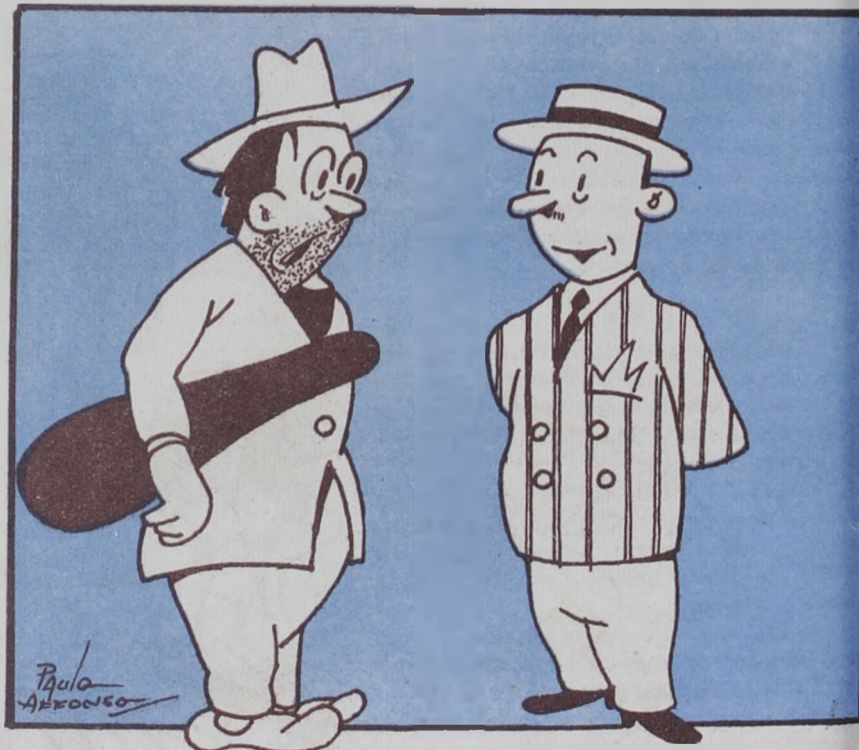
— Pois não podia têr sido mais claro. E vá saindo, que tenho mais que fazer. Passe bem!

— Senhor, Senhor, isso não póde sêr, eu, afinal, tenho direito...

O Padre Eterno voltou-se com os olhos chamejantes:

— Como é? Você tem direito? Olhe, quer saber de uma coisa? Vá para o diabo que o carregue!

HÁ MUITOS ASSIM...

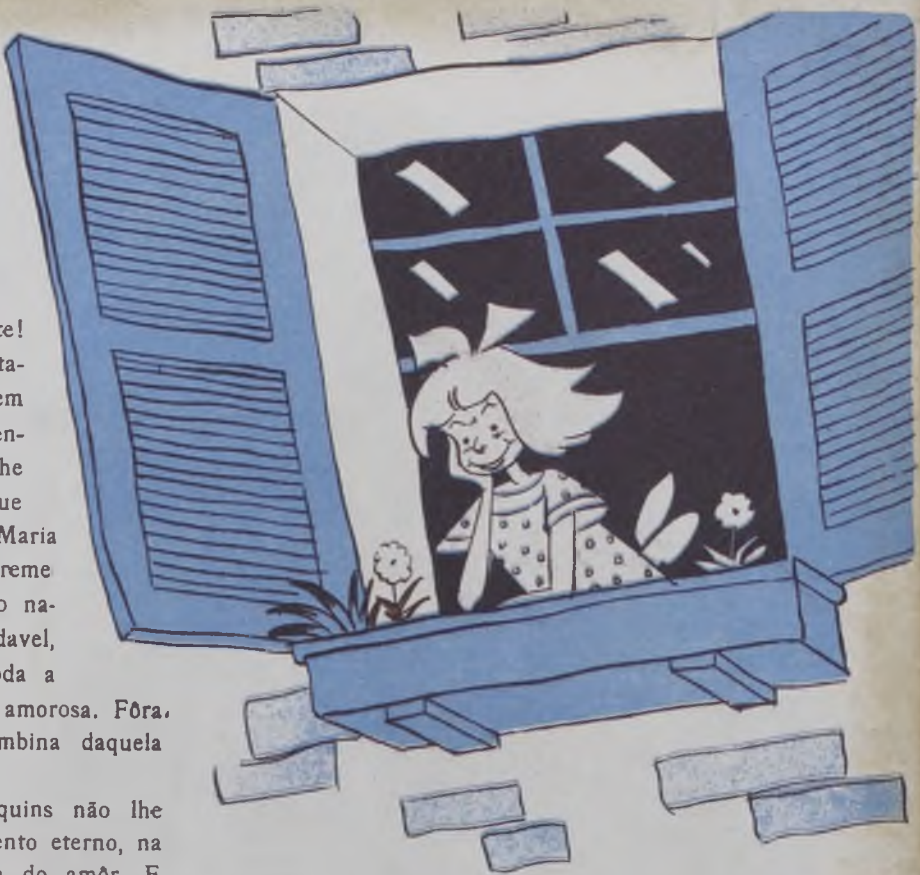


— Vou abandonar o rádio! Fiz um contrato para cantar e tocar num hospital...

— Num hospital?!?! Para que?

— Para anestesiá-los os doentes...

Adens, carnaval



MARIA RITA chegou à janela. Em grupos bulhentos, dedilhando pandeiros e roçando cuícas, passavam os carnavalescos.

Uma cantiga, a marcha em voga, partindo daquelas bôcas sorridentes, ecôou pelos ares em vibrações de guisos titilantes. Cabriolas aquí e ali; ditos chistosos, gestos cheios de momice...

Maria Rita sorriu docemente.

O Carnaval... êsses três dias de abençoada loucura como fôra por ela esperado ansiosamente!

O pensamento de Maria Rita perdeu-se na lembrança não muito distante da sua meninice.

Dêsde cêdo, no domingo, de roupinha mudada, punha-se à janela no desejo de vêr o primeiro fantasiado.

Um garoto do vizinho, cara pintada a carvão, cavalgando uma velha vassoura, roupa do pai, surrada e cheia de buracos, um autêntico Pai João, enchia-lhe os olhos ávidos e curiosos e fazia-a gritar para dentro alvorotada, batendo palmas:

Um mascarado, Mamãe, um mascarado!

Mas, se por acaso o minúsculo Pai João vinha-lhe sob a janela, tímida, a pequenita ia se encolhendo, encolhendo, até fugir ao pobrezinho mascarado...

E a primeira fantasia?

Nítida, com todo o brilho de suas lantejoulas, Maria Rita repassou-a na mente.

Folia... Um corpete lantejoulado, tremeluzindo ao brilho daquele domingo ensolarado.

Fitas de tôdas as côres, terminadas em guisos formavam-lhe o saióte.

E, pequenina, diante do espelho, ela só tinha olhos para aquela fantasia que a mudava tanto e a tornava tão linda...

Depois a recordação de um salto.

Via-se moça, preparando-se para o primeiro baile de mascarar. Baile de mascarar... A quanto tempo fôra êle o

seu mais acalentado sonho de adolescente!

Um baile a fantasia... O mistério em todos os instantes, envolvendo-a, pedindo-lhe que o descobrisse, que o decifrasse... E Maria Rita, vaidosa ainda, rememorou o seu sucesso naquêlê baile inolvidável, baile que decidiu tôda a sua vida de mulher amorosa. Fôra, a mais bela Colombina daquela noite!

Pierrots e Arlequins não lhe faltaram num juramento eterno, na tentação encantadora do amôr. E ela, rodeada, amimada, distribuía sorrisos sob o loup de sêda, numa boquinha deliciosa feita de caricias e para beijos.

E, sem saber como, sentiu-se, pouco a pouco, prêsa do mistério de uns olhos profundos e negros que entreviu numa mascara ferina de Mefistófeles.

Colombina louca, prêsa de Mefistófeles... Onde a lenda filigranada dos amôres de Pierrot e Colombina, com o eterno Arlequin pondo um véu nessa felicidade, virando a cabecinha frívola da amada de Pierrot?

E Maria Rita riu gostosamente dessa evocação.

Depois... dois corações que se uniram ao caírem as mascarar para o deslumbramento de dois pares de olhos que se completaram e compreenderam.

Três anos de noivado, um afastamento involuntário e forçoso, o enlace sob todos os pontos de vista felicíssimo e, como uma corôa de rosas, o rebento dêsse amôr reciproco, o filhinho que dormia no seu bercinho azul...

A lembrança do filho como que iluminou o olhar dôce de Maria Rita.

Carnaval... Três dias de loucura, de folgêdos, de tentação e de belêsa...

Acaso ainda existiria para ela, embora moça e linda, maior encanto, maior belêsa que êsse que ela encontrava naquêlê bercinho azul?

Haveria maior tentação e maior delicia que aquela fruída nos braços do bem Amado?

Não. E Maria Rita respirou fundamente.

Nem saudade lhe deixára o Carnaval!

Como avezinha ela esvoaçára tonta, inebriada, nos dias alegres de Carnaval e cantára de amôr. Como avezinha, também fizêra seu ninho.

Agora tudo que lhe chega fica muito aquém daquêlê ambiente de que se rodeou, de muito amôr, de muito carinho, de muita felicidade.

Na rua, em grupos bulhentos, dedilhando pandeiros e roçando cuícas, passavam os carnavalescos...

Do bercinho azul partiu um chôro leve, dôce, mais dôce que o pipilar de um passarinho.

Maria Rita correu para êle. Tomou o pequenito ao colo. Apressada, feliz, desabotoou a blusa e um seio alvíssimo, redondo, pojado saltou de entre as rendas caras. Em pouco, uma boquinha ávida se pôs a sugá-lo.

Sonhadora Maria Rita ouvia como que de muito longe o barulho do Carnaval que lhe subia ao quarto pelas janelas abertas

O filhinho, o seu amôr, techára para ela o ciclo das tentações e dos sonhos.

Abdicára da sua pessôa no orgulho imenso do seu desdobraimento: Era Mãe!

LEONOR POSADA

O MALHO





Pericles

O ARTISTA DA POLITICA

PERICLES, um dos mais belos genios de Athenas e de tôda antiguidade grega, orador, homem de Estado, guerreiro e administrador, nasceu no ano 494, antes de Cristo, de uma familia illustre. Teve por mestre, os homens mais notáveis da Grécia, entre outros o celebre Anaxagoras, filosofo da escola Jonia, o primeiro que professou a filosofia em Athenas. Nos seus estudos filosóficos, tinha colhido uma elevação de espirito, um desdém pelas superstições da multidão, gravidade e conhecimentos que o punham bem acima dos seus contemporaneos. Antes de se ocupar dos negócios públicos, havia se distinguido no exército pela sua coragem e pela sua capacidade. Desde que Pericles appareceu nas assembléias do povo, eclipsou todos os oradores athenienses, pela força irresistivel da sua palavra. Devia à natureza ser o mais eloquente dos homens e ao trabalho ser o primeiro dos oradores da Grécia. Força, veemência, elevação de pensamento, sobriedade de expressão, brilho e nobreza de estilo, poder de argumentar, beleza de fórmula e solidez de raciocinio, tais eram as qualidades principais dos seus discursos, cuja majestade esmagava os seus adversários e prendia os athenienses, fazendo-lhe dar o sobrenome de Olimpico.

Aristophanes dizia, que quando Pericles falava, relampagos e raios saiam da sua boca. Não era menos notável pela agilidade da sua dialética. Um homem illustre, Cimon, estava à frente do partido aristocrático. Pericles se declarou altamente pelo partido popular e adquiriu rapidamente uma influênciã, que aumentou cada vez mais e parecia uma espécie de fascinação. Mas não foi sómente o seu talento

da palavra, que o tornou o árbitro dos athenienses. Foi sobretudo seu genio universal, seu desinteresse, a simplicidade e a frugalidade da sua vida, sua coragem nos combates e seus talentos militares, sua probidade inalterável, habilidade administrativa, inteligência dos negócios, vasta capacidade de homem de estado, seu devotamento e sua fidelidade ao partido da democracia. E o crédito que obteve, não foi um favor passageiro, mas se manteve durante quarenta anos. Sob sua inspiração, a constituição de Athenas sofreu modificações importantes. Destruiu em parte, a autoridade aristocratica do Areopago, tirando-lhe algumas das suas prerrogativas, notadamente a inspeção do tesouro, para a transferir ao povo. Fez em seguida dar um soldo aos cidadãos, que ocupavam os tribunais, o que poz o poder judiciário nas mãos da multidão. Outra vitória que conquistou sobre a aristocrácia, foi o exilio de Cimon. Mas Pericles teve a nobreza de mandar chamá-lo, desde que acreditou a sua presença necessária aos interesses da República. Depois da morte de Cimon e do banimento de Thucydides, que a aristocrácia suscitára para o opôr ao possante demagogo, Pericles tornou-se inteiramente mestre da situação. Extinguiu a facção oligarquica, reconduziu a unidade e a paz a Athenas, exercendo uma ditadura quasi absoluta, dispondo das rendas públicas, exércitos, frótas, das ilhas e do mar. A fórmula republicana foi conservada. Era sempre o povo, que nas suas assembléias, decidia todos os negócios. Pericles era como a cabeça e o braço. A liberdade era tão pouco tolhida nessa ditadura popular, que os pretos levavam impunemente à cêna, os seus sarcasmos contra o ditador. Foi um grande pensamento, que lhe inspirou o decreto, pelo qual todas as cidades helenicas eram convidadas a enviar deputados a Athenas, para deliberar sobre os interesses gerais da Grécia.

Pericles não se illustrou menos pela brilhante proteção, que concedeu às letras, às belas-artes, à filosofia e à construção de admiraveis monumentos, cujas ruinas a nossa época admira ainda e que fizeram de Athenas, a mais bela cidade da Grécia. O Parthenon, o Odeon, os Propyleus, o Templo de Eleuses, executados sob a direção do immortal Phidias, os maiores nomes na poesia, filosofia e artes, obras primas incomparaveis em todos os ramos da atividade humana, justificam o nome de século de Pericles — dado a mais brilhante da história de Athenas e do mundo. Em Pericles encarnava-se o genio do povo atheniense, que êle colocava em condições sociais as mais felizes, para produzir as obras que lhe fizeram a glória. Pericles foi o artista político dos Athenienses

Julio Ticiano



AS TENTATIVAS DE INVASÃO JAPONESA NA CHINA

A ocupação da China pelo Japão vem sendo tentada há quasi meio século. Mas os niponicos não conseguiram penetrar profundamente no território chinês, conforme se vê neste mapa, onde as partes negras assinalam as anexações, indicando as respectivas datas em que se efetuaram.



Humorismo dos CELEBRES



Próximo a guerra entre a Rússia e a França, Rachel, atriz de fama mundial, achava-se em São Petersburgo. Estava ela numa reunião social a que compareciam oficiais russos. Brindando-a e aludindo à esperada guerra disseram-lhe:

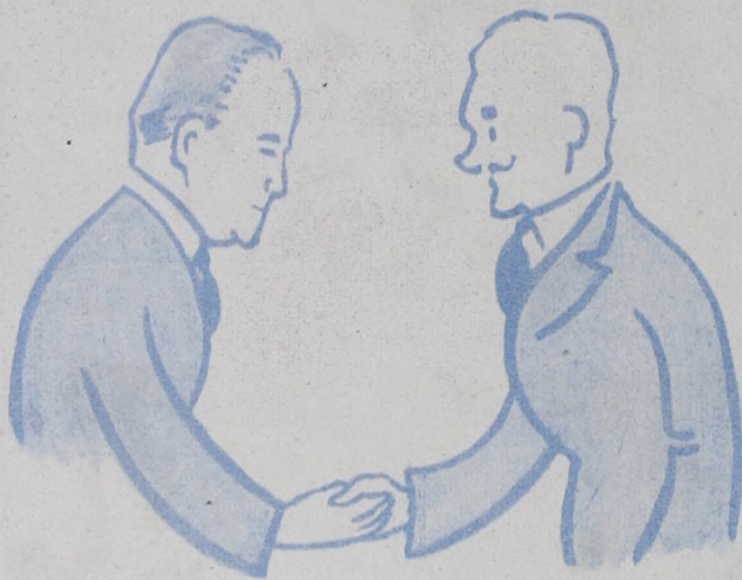
— Estaremos em Paris, em pouco tempo, tomando champagne convosco!

— Champagne? — Não é possível! Não servimos vinhos finos aos nossos prisioneiros, ponderou Rachel sorrindo...

Na Academia Francesa discutia-se muito sobre a entrada de determinada pessoa para aquele lugar.

A maior parte mostrava-se contrária ao presidente, e Guizot fez a defesa do candidato:

— Ele é educado, apresenta-se bem e é condecorado... E o mais interessante: não tem opinião. Que querem mais? Sei que não escreveu nenhum livro... mas não se póde ser perfeito...



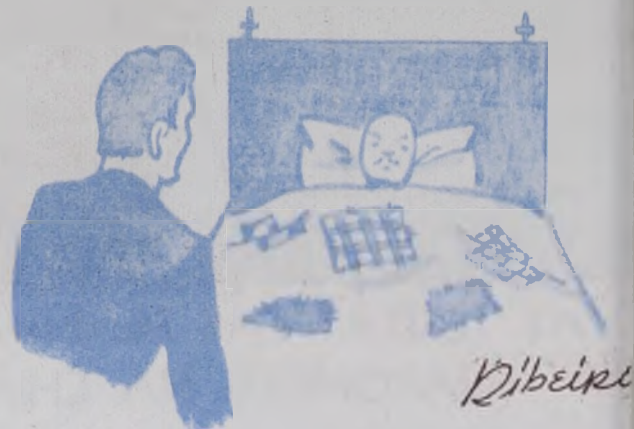
Na época em que o Dr. Getúlio Vargas era presidente de seu Estado, dava audiência pública. Exausto de ouvir pedidos de toda natureza de 150 pessoas, atendeu por último um senhor que desejava apresentar-lhe os seus cumprimentos.

Intrigado o Dr. Getúlio indagou quem era o tal homem. Era um pobre louco que não fazia mal a ninguém. E o Presidente:

— “Engraçado, — atendi 150 pessoas e o único que não queria nada... era doido”.

Achava-se José Bonifácio enfermo quando um amigo foi visitá-lo, e ficou penalizado pelo ambiente, sobretudo por causa dos remendos no seu lençol.

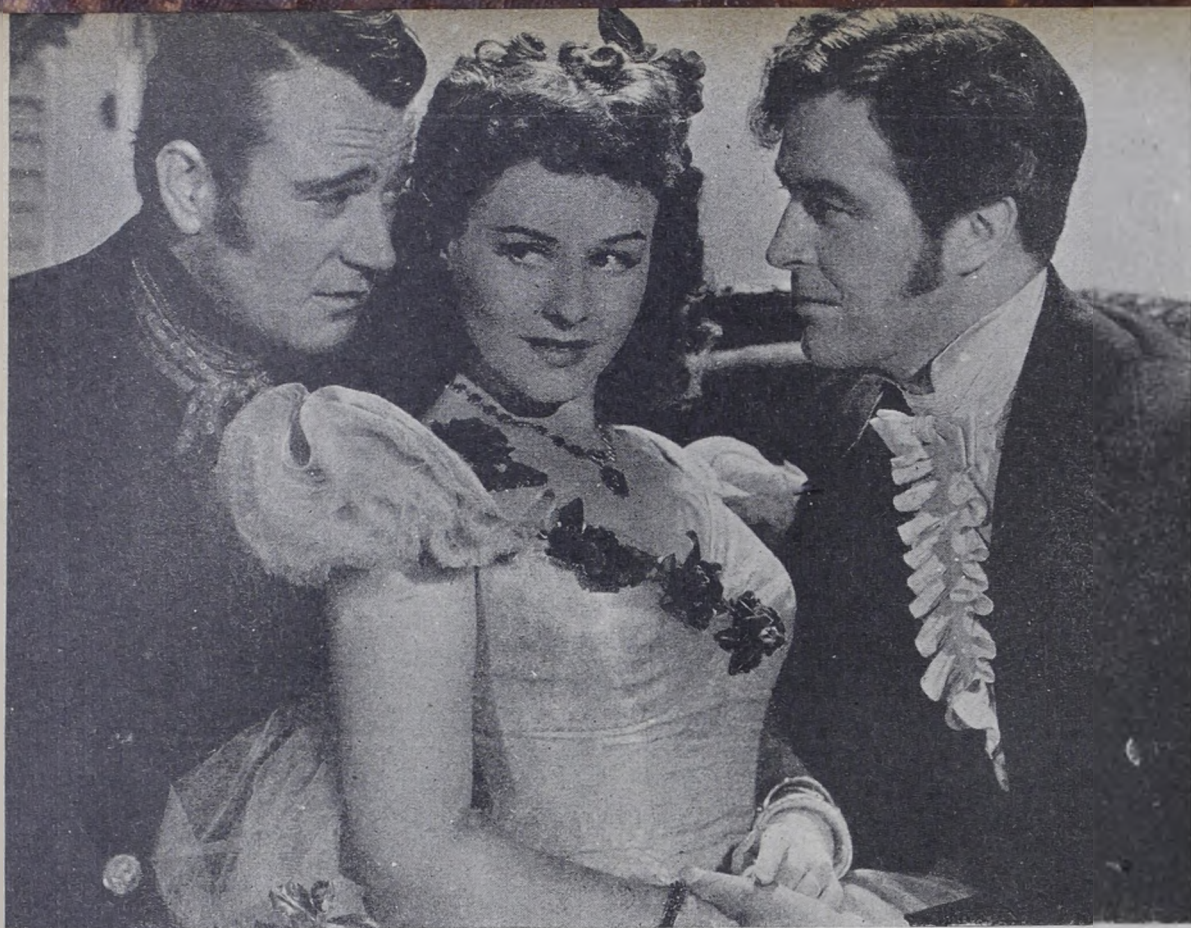
— Não repare, desculpou-se o patriarca: — O que tira a beleza dos bordados é apenas a irregularidade do desenho...





DE CINEMA

Orson Welles é hoje a maior figura do cinema americano. Ele revolucionou o cinema, produzindo, escrevendo, dirigindo e interpretando "Cidadão Kane". Veiu agora ao Brasil realizar um de seus novos filmes — "Tudo é certo" — tendo Joan Crawford a seu lado no principal papel. Orson Welles que ainda não fez 27 anos, é o que se pode chamar um verdadeiro genio, e dele é licito esperar-se cousas ainda mais artisticas que o seu film de estréia.



O Conde e a Condessa CASSINI, no célebre Hollywood Brown Derby, numa fotografia de Bob Livingston, exclusiva para "O MALHO". Como o leitor já reconheceu, a Condessa não é outra senão Gene Tierney, a interessante intérprete de "O renegado", "A volta de Frank James", "Caminho áspero" e "A formosa bandida"...

PAULETTE GODDARD, a esposa de Charlie Chaplin, foi escolhida outra vez por Cecil B. De Mille, para um dos principais papeis, do seu novo ténicolor — "Reap The Wild Wind". Aqui está Paulette entre John Wayne e Ray Mil-
— land, os dois galãs do filme. —

HA 30 ANOS

Março de 1912 teve o seu grande filme (apesar de sua metragem não ir além de duas partes...) no drama histórico-romântico do Cav Liguoro — "O centurião São Jorge" — o "maior acontecimento do dia", como diziam os anúncios do velho Cinema Odeon, da Empresa Zambelli. Era uma produção da Milano, fábrica que havia ficado famosa com a filmagem de "O Inferno de Dante". O protagonista era interpretado por R. De Crescenzi, sendo a seguinte a "distribuição" (que naquela época só aparecia nos anúncios quando se tratava de filmes excepcionais...): — A bela Angisa (A. Barbaroux), Rei Ozillio (A. Pirovano), Tullia, a escrava liberta (A. Zaggia), Calvia (M. Brioschi) e o Pretor romano (G. Menichelli). O episódio com o Dragão Ismuth devia ser muito bem feito, porque o filme fez grande sucesso... Nada menos de cinco filmes históricos foram exibidos naquela mês: — "O fim de Robespierre", "Beatriz D'Este" e "O Duque de Guize", todos da Pathé-Frères e coloridos; "Napoleão e seu consórcio com Josephina de Beauharnais", da Cines; e "A batalha de Trafalgar", da Edison, de Nova York, respectivamente, no Paris, na praça Tiradentes (os três primeiros), Odeon e Avenida. Este último cinema apresentou também uma versão de "A feira das vaidades", de William Thackeray, feita pela Vitagraph, em três partes. Depois de



GEORGE STEVENS, que se distinguiu na R K O, foi escolhido pela Metro para dirigir o segundo filme de Katherine Hepburn — "Woman of the Year" — no qual a grande estrela tem por galã o admirável Spencer Tracy. E aí vemos, Stevens, com seu inseparável cachimbo, dirigindo Kat e Tracy, numa cena do filme citado. Esperamos que o novo celulóide de Kat não seja tão teatral como o foi o primeiro, "Núpcias de escândalo"...

NORMA SHEARER voltou ao cinema em "We Were Dancing", dirigida pelo Robert Z. Leonard, o veterano realizador, que deu fama à sua ex-esposa Mae Murray e tem o seu nome ligado à história do cinema americano, como intérprete de saudosos filmes em série, como a célebre "Chave Mestra", em que trabalhou com Ella Hall, então sua esposa... Esta fotografia de Leonard e Norma, num intervalo da filmagem de "We Were Dancing", é também das primeiras que chegam até nos.

"São Jorge", a Empresa Zambelli estreou outro filme sensacional, este francês, da saudosa "Gaumont — "O morto vivo", reunindo Julien, Navarre, Manson, Aymé, Renée Carl e Yvette Andreyor . . . O "Pathé", do pioneiro Arnaldo, que era o único cinema da Avenida Central que mudava de programa três vezes por semana e tinha o privilégio dos melhores filmes policiais, exibiu "Nick Carter contra Zigo-mar", da Eclair. Outros programas do mês de Março de 1912, foram: — "A Gioconda" e "Traição da amiga", ambos de D'Annunzio, edição "Série de Ouro", da Ambrosio; "Ingratidão de mulher" ou "A má planta", da mesma Ambrosio, filme que apresentava um simbolismo para dar ao espectador a compreensão do entrêcho (uma planta que empoçoada por um réptil simbolizava a alma que vasada em certo círculo vicioso, a ele voltaria numa dada época da vida . . .), "Amor d'além túmulo" (Poema da saudade), da Itala, com Dora Baldanello, todos no Parisiense; "Ouro que queima", filme holandês, por Lonys Bowmeester, "O encanto das flôres", com a Napierkowska; e "A Dama das Camélias", com Vitoria Lepanto, no Paris; e três filmes com a dupla Mary Cleo Tarbarini-Alberto Capozzi — "A rosa vermelha", "Assassinio de uma alma" (ou "A vingança do marido") e "Amor e loucura de mãe", os dois primeiros, da Pasquali e o último da Ambrosio, no Ideal, da rua da Carioca . . . Essa dupla, que hoje faria rir, naquê tempo era das mais queridas do público carioca e seus dramas emocionaram muita gente. Por sinal que Capozzi foi destes raros artistas de cinema que não perderam a popularidade, vindo também trabalhar no teatro, em nossa capital . . .



Lembram-se de "Rio Rita", que foi um dos sucessos do cinema falado em sua infância? A Metro acaba de refletar aquele argumento, com Kathryn Grayson e John Carroll nos papeis românticos, que na versão anterior foram interpretados por Bebe Daniels e John Boles, e a cena acima é das primeiras que nos chegam. É neste filme — que a nossa Eros Volusia faz sua estréia, em Hollywood . . .

BIOGRAFIAS RELAMPAGO



JOHN WAYNE (Marion Mitchell Morrison), nasceu em Winterset, Iowa, no dia 26 de Maio de 1907. Começou sua carreira como "footballer", estreando no cinema escolhido pelo diretor Raoul Walsh, no filme deste "A grande jornada". "Cow-boy" e galã muito popular.



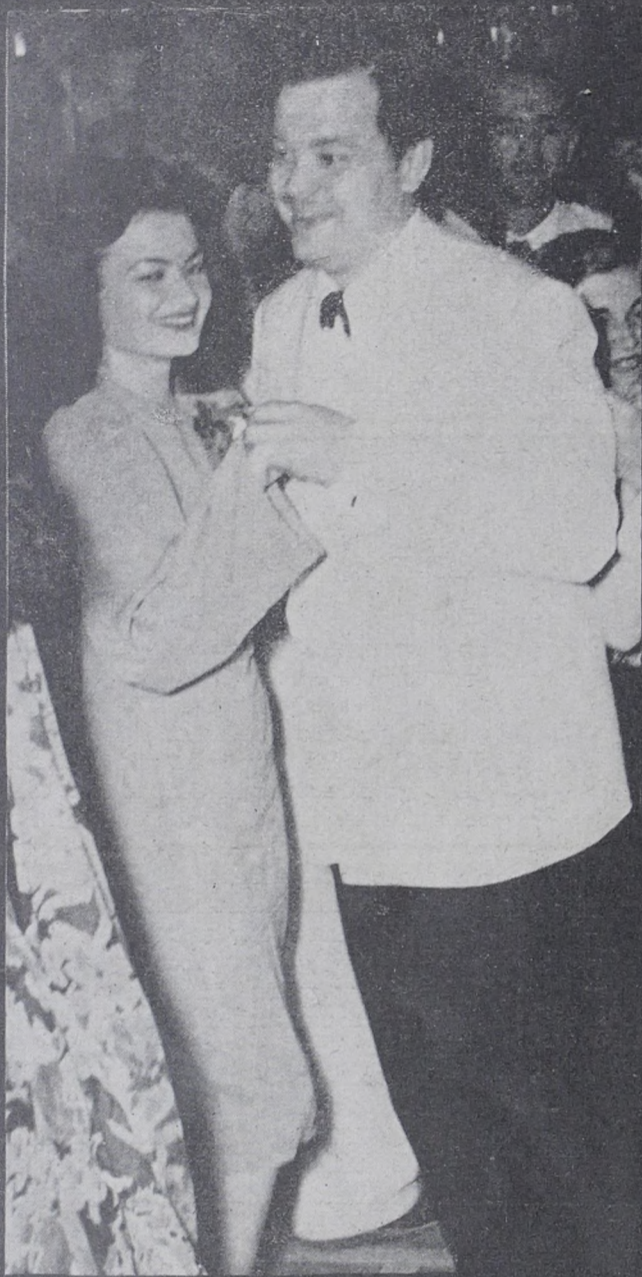
VIVIEN LEIGH, nasceu em Darjeeling, India, no dia 23 de Novembro de 1913. Estreou no teatro, em Paris. Começou no cinema no filme inglês "Things are Looping Up". Ganhou fama em ". . . e o vento levou . . ." Casada com Lawrence Olivier.



ROBERT YOUNG, nasceu em Chicago, num dia 22 de Fevereiro. Estreou no cinema em "Camelo preto", da velha Fox, um dos primeiros filmes da série Charlie Chan, com o saudoso Warner Oland. Uma das figuras mais populares da Metro.



MYRNA LOY (Myrna Williams), nasceu em Helena Montana, no dia 2 de Agosto de 1905. Cabelos vermelhos e olhos azues. Foi dançarina antes de entrar para o cinema. Estreou num filme de Natacha Ranbova Valentino, chamado "What Price Beauty".



ORSON WELLES NA URCA

O famoso interprete de "Cidadão Kane" tornou-se um assiduo frequentador do "grill" da Urca, onde, aliás, passou suas quatro noites de carnaval carioca. Nas gravuras que ilustram esta pagina vemos Orson Welles perfeitamente integrado no ambiente elegante do "grill" da Urca.

OS GRANDES MUSICOS

Massenet



Entre os sucessores de Berlioz, na escola francesa, Massenet é o mais fecundo e popular.

Nascido em Montand, perto de St. Etienne (Loire), a 12 de Maio de 1842, e morto em Paris, a 13 de Agosto de 1912, Massenet deixou uma obra enorme, personalíssima, testemunha de uma poesia intensa, sensual, que exerce sobre as multidões uma influência extraordinária, como nenhum outro músico jámais o conseguiu.

Aos vinte e um anos, com a cantata *David Rizzio*, conquistou o Prêmio de Roma do Conservatório de Paris. Em 1878 foi nomeado professor de composição do mesmo Conservatório, cargo que exerceu até 1896, quando pediu demissão, depois de ter regeitado o lugar de diretor do Conservatório, que lhe foi oferecido. Apesar dos seus deveres do professorado, entregava-se com ardor à composição e dirigia as suas próprias obras, por toda parte.

Massenet é o tipo do músico poeta, sonhador, cuja inspiração é a mais evocadora e expressiva que se póde imaginar.

Caracterizou-se espiritualmente o gênio do autor de *Manon* nestas palavras encantadoras: "*Massenet est un fleuriste; il a de jolies roses chez lui; il sait bien faire les bouquets.*"

Os triunfos conquistados por ele no mundo inteiro, são incalculáveis. Ele sabia que o amor era e é o grande segredo do teatro, de modo que se tornou um especialista na expressão desse sentimento.

Continuando a obra de Gounod, com um pouco menos

de grandeza e de lirismo melódico, mas, em compensação, com uma sensualidade extremamente tocante. Sobre os que o antecederam, apresenta uma enorme evolução na orquestra, que se torna um muito importante elemento de drama, ao invés de se limitar ao simples papel de acompanhamento. Nêle já se encontra o *leit-motif* de Wagner.

Sua melodia póde-se dizer que é uma verdadeira melodia amorosa. Seu estilo é inconfundível e cheio de belezas. Não quer dizer que tenha sido apenas o músico do amor, pois fóra do gênero teatro, deixou páginas sinfônicas maravilhosas, entre as quais as três *suites* de orquestra *Scènes napolitaine*, *Scènes féeries* e *Scènes alsaciennes*.

Suas óperas exerceram grande influência no espírito dos compositores de seu tempo, que, abdicando de sua personalidade, se apossaram de suas fórmulas e segredos de técnica.

Nas temporadas líricas de todos os teatros do mundo, o nome de Massenet, como o de Verdi, Puccini, Wagner e outros é obrigatório. A bagagem que deixou para lhe imortalizar a pessoa através dos anos é enorme: *Herodiade*, *Manon*, *Cid*, *Esclarmonde*, *Werther*, *Thais*, *Le portrait de Manon*, *La Navarraise*, *Cendrillon*, *Safo*, *Le jongleur de Notre-Dame*, *Thérèse*, *Don Quixote*, *Roma* e outras menos conhecidas.

Massenet foi o músico do amor, o músico da mulher. Por isso mesmo foi místico, carnal, idealista, romântico, sonhador, sensual, poeta.



Maestro SILVIO PIERGILE

Música

COMEÇA - SE, desde já, a pensar na temporada oficial: teatro lírico, concertos, bailados, teatro de comédia. E que nós, por enquanto, ainda podemos distrair o espírito com coisas belas e emotivas, inventadas para compensar as lutas e os amargores de todos os dias. E é justo que aproveitemos a situação em que nos encontramos em face do mundo convulsionado e procuremos esquecer um pouco as realidades da guerra.

Quando estas linhas forem lidas, já se conhecerão os resultados das viagens empreendidas à Argentina e aos Estados - Unidos, pelo maestro Silvio Piergile, diretor da temporada oficial do Teatro Municipal. Figura de destaque nos meios teatrais, o maestro Piergile procura, no momento, entender-se com os responsáveis pelas temporadas do Metropolitano e do Colon, visando tirar partido para nós e oferecer vantagens para eles, mediante troca de elementos artísticos, que possam integrar os elencos dos três teatros em foco, aos quais se reunirá, sem dúvida, o Municipal de São Paulo.

A perspectiva é, pois, a melhor possível. Estão em jogo os interesses de quatro grandes centros musicais, que têm tradição brilhante em matéria de cultura artística. Esperemos, por isso, que os males da guerra não nos privem de uma temporada, tanto quanto possível, à altura das nossas tradições.

A NONA SINFONIA de Beethoven teve mais uma edição brasileira. Regueu-a, em São Paulo, o maestro Armando Belardi, num concerto sinfônico oficial, de cujo programa constavam, mais, a Primeira Sinfonia do mestre, e o "Andante Patético", de Enzo Soli. Foi possível, pois, no mesmo programa, apreciar o gênio musical de Bonn, através de uma evolução que se processou entre a primeira e a última sinfonia, distantes, uma da outra, uma porção de anos de lutas e sofrimentos.

CANTORES que compõem a Associação Brasileira de Artistas Líricos formaram um conjunto e contrataram uma pequena temporada na cidade de Campos, a iniciar-se no corrente mês. A frente da iniciativa, encontra-se o barítono Ernesto de Marco, secundado pelos maestros Santiago Guerra, Martinez Grau e André Vivante. Entre outros, farão parte da companhia os seguintes artistas: Germana de Lucena, Lourdes Perlingueiro, Rachel de Souza Pinto, Haydée Brasil, Helena Pimentel, Demetrio Ribeiro, Adolfo Tomassini, Guilherme Damiani, José Perrotta, Mario Turasso e Tomas Lorenzo.

O repertório inclui a "Boêmia", a "Tosca", a "Moema", de Delgado de Carvalho; "Traviata", "Rigoletto", "Cavaleria", "Butterfly", "Barbeiro" e outras.

ATENDENDO a uma série de pedidos que lhe foram endereçados, a grande pianista Maryla Jonas adiou para Outubro o concurso por ela instituído entre os nossos pianistas. O adiamento, longe de prejudicar, só pôde ser favorável aos candidatos, que dispõem de tempo para estudar.

OS PROGRAMAS das Ondas Musicais de Fevereiro foram confiados ao pianista Frutuoso Viana. O público apreciou um artista correto. Apesar da luta que representa a sua vida intensa de professor de piano, em São Paulo, Frutuoso Viana não abandonou o seu instrumento. Por isso desenvolve sempre as suas aptidões de compositor e a sua virtuosidade de pianista. Suas interpretações são empolgantes, agradáveis pelo brilho e pelo frazeio.

O MAESTRO Francisco Mignone, acompanhado de sua esposa, seguiu para os Estados - Unidos. A viagem foi feita a convite do Departamento do Estado e durará dois meses, durante os quais o artista brasileiro regerá concertos sinfônicos e percorrerá alguns centros musicais dos Estados - Unidos.

EM BUENOS AIRES, há, também, uma hora do Brasil, para cuja parte musical acaba de ser contratado o maestro Ernani Braga. Aí está um nome querido. Acompanhamo-lo sempre entusiasta e sempre trabalhando, desde os tempos em que cursava o antigo Instituto Nacional de Música. Vimolo, depois, em São Paulo, crítico musical e professor, depois em Recife, onde fundou o Conservatório Musical da capital, e, por fim, viajando, sem parar, por todo o Brasil, de Norte a Sul, cantando motivos musicais interessantes, para estilizar e exibir por toda parte. Ernani Braga, compositor que conhece o *metier*, possui arranjos encantadores para coros e pequenos conjuntos vocais, todos inspirados em assuntos brasileiros. Sempre lutando! Sempre pro-

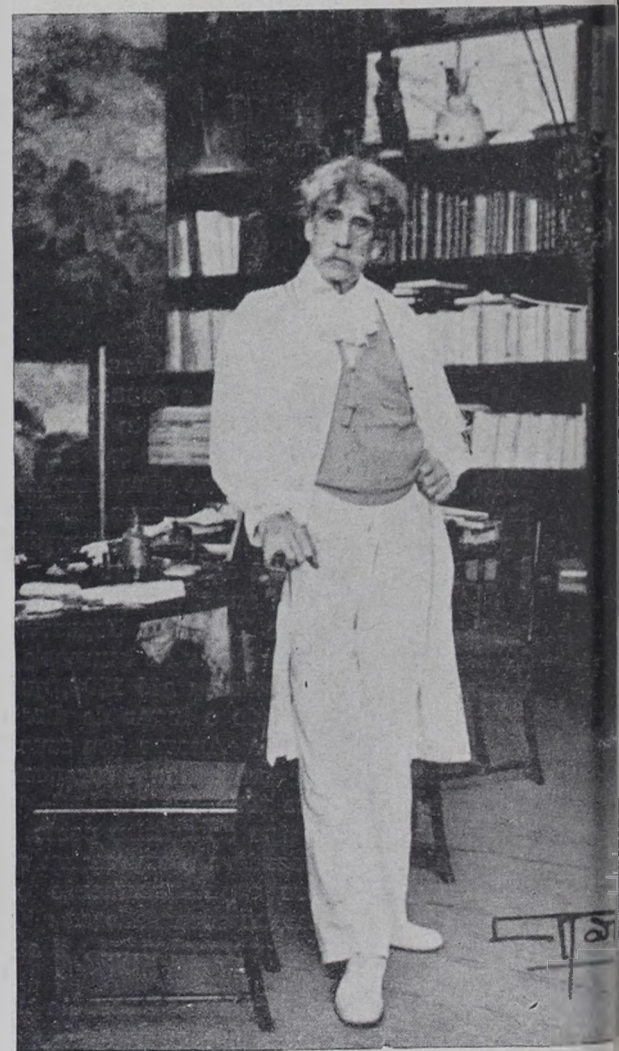
duzindo! Si não lhe falharem recursos e outros elementos, verá Buenos Aires que preciosa aquisição representa Ernani Braga!

O ANO MUSICAL principiou com uma promessa sensacional: Brailowsky virá ao Rio! Foi contratado por Viggiani e virá para o Municipal. Brailowsky é o pianista predileto dos cariocas. Costuma revolucionar a nossa platéia, alucinando as "fans", que se contam por milhares, entre nós. Pois que venha, que todos o esperamos ansiosamente.

Pintura

A INAUGURAÇÃO do Museu Antonio Parreiras foi uma das notas sensacionais deste começo de ano. Quer dizer que se tornou uma realidade a providência que, meses antes, um decreto do Interventor Amaral Peixoto nos prometera. Houve, naturalmente, dificuldades, e, principalmente, muitas más vontades a vencer. Mas foram todas dominadas e o Museu inaugurou-se na data exata do aniversário do grande artista: 21 de Janeiro. Infelizmente, porém, obedecendo a uma orientação, sem dúvida, extravagante, a organização do Museu causou surpresa a todos. Mais do que surpresa, decepção. O Museu é apenas uma casa como outra qualquer, em cujas paredes estão pen-

ANTONIO PARREIRAS





durados alguns quadros de Parreiras! Nada mais. Das salas e quartos foram retirados todos os moveis, roupas e objetos de uso do artista. Dir-se-ia que houve o propósito de afastar do ambiente a figura daquêle que deu motivo à criação do Museu. Tudo quanto poderia lembrar Parreiras foi retirado. Como êle foi pintor, deixaram, por favor, alguns dos quadros que êle pintára.

Evidentemente, como já foi dito, não foi êssa a intenção do decreto do illustre Interventor Amaral Peixoto. Criando o Museu, êsse decreto visou perpetuar a residência, ou melhor, o ambiente do glorioso artista, a exemplo do que se faz na Europa e do que se fez com a *Casa de Ruy Barbosa*. Por que, pois, não teria sido mantido o ambiente de Parreiras? Evidentemente, por uma má compreensão dos intuitos do ato do govêrno fluminense que creou o Museu. Mas isso, sendo, embora, deplorável, não é, todavia, irremediável, porque os moveis, as roupas e os livros e objetos de uso pessoal do artista estão em poder da viuva, que os recolheu ao seu apartamento. Nada, portanto, mais fácil do que reconstituir o ambiente de Parreiras, para que sejam realizados os intuitos do illustre Comandante Amaral Peixoto, e que não foram verdadeiramente compreendidos.

O PINTOR Castro Filho, presidente da Sociedade Brasileira de Belas-Artes, esteve fóra desta Capital, em gôso de férias, assumindo a presidência o pintor Armando Viana, membro do Conselho Fiscal, uma vez que o cargo de vice-presidente, vago com o felecimento de Vicente Leite, em homenagem à memória do malogrado e saudossíssimo artista, não será preenchido durante o período do mandato da atual diretoria.

ESTÁ MARCADA para o próximo dia 25 do corrente, a inauguração do Salão de Belas-Artes de São Paulo, cuja Comissão Organizadora ficou constituída da seguinte maneira: João Batista Ferri, presidente; Teodoro Braga, José Maria da Silva Neves, João del Neri e Vale Junior.

J. B. Ferri e José Maria da Silva Neves estiveram nesta Capital em via-

gem de propaganda, conseguindo que vários artistas do Rio de Janeiro se inscrevessem no Salão de São Paulo.

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE BELAS-ARTES resolveu criar um prêmio mensal para os sócios que frequentam as excursões de pintura ao ar livre. O prêmio é constituído por material de pintura e só pôde ser sorteado entre os sócios que tenham participado, pelo menos, de três excursões mensais. Em Dezembro, o prêmio coube ao pintor Rubens Pereira Guedes, e em Janeiro, à pintora Nair Brieger.

Teatro

CARLOS GOMES — O Carnaval esteve movimentado no Carlos Gomes. Foi *"A mulher do padeiro"* a peça de resistência. Muita verve, muita malícia, muita música. Defenderam-na Vicente Celestino, Durvalina Duarte, Itai de Pirajá.

AS CHUVAS DE VERÃO, de Luís Iglesias, fecharam brilhantemente a temporada de Eva Todor, no Rival. A vitoriosa atriz realizou a sua festa artística com a peça *"Colégio Interno"*. Teatro cheio, aplausos fartos, flôres abundantes, ambiente satisfeito. Isso só acontece a atrizes que, como Eva Todor, teem domínio completo sôbre o público.

NO RECREIO, fez boa carreira a revista de Freire Junior, *"Você já foi à Baía?"* O espetáculo passava depressa porque era defendido por Araci Côrtes, Oscarito, Jurema Magalhães, Maria Lincoln, Manuel Vieira e outros.

PALMEIRIM SILVA teve uma feliz oportunidade de divertir o público com *"O Maluco da Avenida"*. Peça despre-



FRUTUOSO VIANA

tenciosa, boa para rir, agradeu em cheio.

COM A PRÓXIMA estréia, no Serrador, da Companhia Procopio Ferreira, teremos algumas boas novidades. Uma delas é a apresentação da linda atriz Nelma Costa, que ingressou no elenco de que é principal figura feminina Bibi Ferreira, a grande revelação do teatro brasileiro dêstes últimos anos.

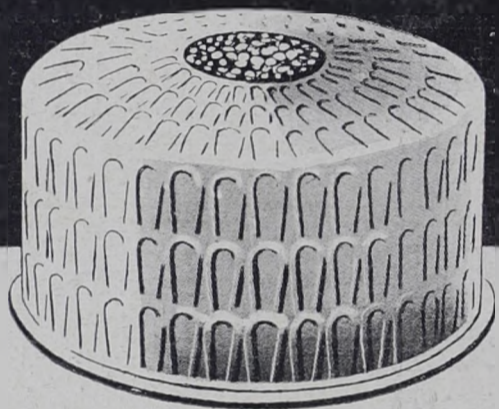
ALDA GARRIDO, que se acha em São Paulo, dissolverá a sua atual companhia de teatro musicado, e organizará outra, de comédias ligeiras, com a qual fará uma excursão ao Norte do Brasil.

IRACEMA DE ALENCAR e Manuel Pêra continuam agradando, no Serrador. Para breve, anunciam uma peça nova: *"Trunfo é páus"*, de Juan José Leonte, adaptada por Miranda Reis.

DEIXANDO Poços de Caldas, Dulcina e Odilon partirão para o Rio Grande do Sul, onde farão uma temporada para exhibir os seus últimos sucessos. Mais para o meio do ano, os dois simpáticos artistas estrearão nesta Capital, possivelmente no Teatro Regina, que ficou sendo o seu teatro.

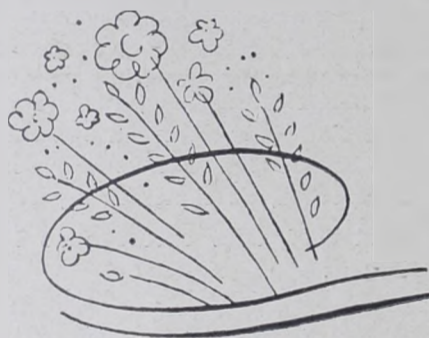


...o Encanto
e a Carícia do seu rosto...



...o Pó de Arroz L'Aimant
de Coty

em nova e luxuosa apresentação. O Pó de Arroz L'Aimant — soberba criação de Coty, o "Mago dos Perfumes" — tem agora nova e primorosa apresentação, inspirada no perfume—iman. A sua finura, obtida por processo exclusivo de Coty, possibilita a sua perfeita aderência sobre o rosto. E assim o Pó de Coty se confunde com a cor natural da sua pele... A Sra. encontrará também 12 tons diferentes no Pó L'Aimant de Coty... desde o Ocre — para os tipos exóticos — até o Rose Chair — para as louras graciosas. Proporcione ao seu rosto a carícia do Pó de Arroz L'Aimant e o encanto do seu perfume.



CONHEÇA O PÓ DE ARROZ

L'AIMANT

COTY S. A. B. — Dept. de Beleza - Caixa Postal 199 — Rio.

Desejosa de experimentar o Pó de Arroz "imantado" de Coty, peço enviar-me uma amostra do tom abaixo sublinhado:

TONS: Branco, Rosa, Natural, Ocre, Ocre Rosado, Ocre D'Orient, Raquel, Raquel Foncé, Raquel Nacré, Pêche, Noisette, Rose Chair.

1-111-147

NOME.....

RUA.....

CIDADE.....

ESTADO.....

SENHORA

SUPLEMENTO FEMININO

Por "Sorcière"



Dith Head desenhou para a formosa Barbara Stanwyck "star" da Paramount em "Hasta que muerte nos separe", este belo "dinner gown". Seu corpo é de jersey verde medio, a saia verde escuro com estamparia branca.



Blusa verde, de compridas mangas, saia preta listrada na barra com verde, tijôlo e ouro — eis o traje de Ann Shirley, "star" da RKO, em "Four Jacks and a Joll".

CARNAVAL... Quaresma...

Os dias vão passando, e depressa se irá também este ano, no qual ainda esperamos reconquistar a tranquilidade que o mundo perdeu.

Ainda ha calor, e muito.

Lá fóra, nas serras e nas estâncias de águas, permanecem os que puderam fugir à canícula, continuando, porém, a gozar dos mesmos prazeres: noites dansantes, jantares alegres, um giro até a rolêta, e, à manhã seguinte, a prática de esportes vários, aspirando-se todo aquê ar puro numa paisagem verdejante e luxuriosa, brilhando ao sol o rôxo vivo das "quaresmas".

Na verdade não se pôde deixar de ser um pouco sentimental em se vivendo num quadro inalteravelmente bello, como é o da nossa terra.

E aqui, cá em baixo no Rio, as praias regorgitam de mulheres bonitas, de homens, de crianças, formando as resumidas e coloridas vestes praianas, as barracas de lona e o ouro do sol um dos mais encantadores aspectos de produção tecnicolôr.

Se se dorme mal, alguns mergulhos no mar, na manhã seguinte, dão a esquecer que se poderia dormir agasalhada em cobertôres à uma hora da cidade.

Não ha, pois, como ter muita inveja dos de lá de cima, o que já é alguma cousa...

Dentro em pouco as montras principiarão a fazer saldos para dar logar às roupas de meia estação. Aliás elas já principiam a chegar. aguardando, porém, os logistas a época oportuna afim de apresentá-las.

Por enquanto vamos gastando as vestes estivais, ainda havendo bastante tempo para aproveitar um "short" de sêda ou de algodão, os "tailleurs" brancos e de tons pastel que fizemos encantadores e tanto nos assentaram à silhueta.

Hoje as ruas povoam-se de silhuetas claras, alácres, risonhas, viçosas.

Amanhã os estampados serão mais discretos de tonalidade, o rôxo, o vermelho vinho, o "marron", o marinho abrirão estrada ao negro tão elegante durante o frio, mesmo que este frio seja brando e polvilhado do ouro claro do sol.

Na meia estação aproveitaremos ainda alguns dos chapêus de agora, pois as flores andam em ordem do dia, e irão também enfeitar graciosamente muitos dos nossos fêltros de inverno.

Até lá vivamos a hora presente, pois não dá sossego aventurar o espírito pelo que há de vir.



O MALHO



BRENDA MARSHALL vestida para jantar na intimidade. A gola vermelha bordada de branco acentua a graça singela do traje verde amendoa.



MARY Jo James veste "short" de panamá de seda "beige", blusa estampada.

Como Vestem As

Uma grêga de tons alácres borda este encantador vestidinho de praia.



Para o chá em casa, Mary veste com muita "chic" este vestido de lã branca e preta, enfeitado com sequins negros. Córte estilo "tailleur".

Estrelas Do Cinema

E' verdadeiramente estival este "dinner gown" de Priscilla Lane.

(Fotos Warner Bros)



VESTIDOS



Aqui está uma das preferencias em matéria de roupa est.val: o "tailleur" de seda estampada que serve a qualquer circunstancia.

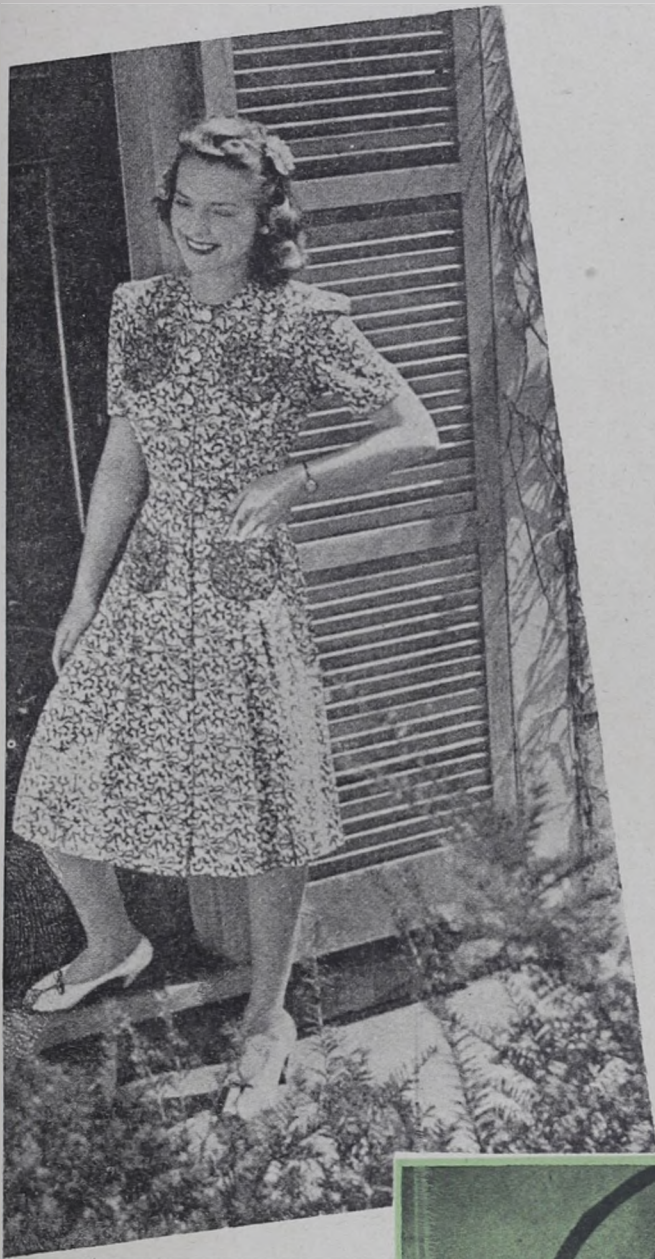


"Pois" foi e é a estamparia que não ransa. Ei-la em gracioso cóрте de traje para dias de sól.



"Tailleur" de "shantung quadrículado, essencia à elegante carioca.

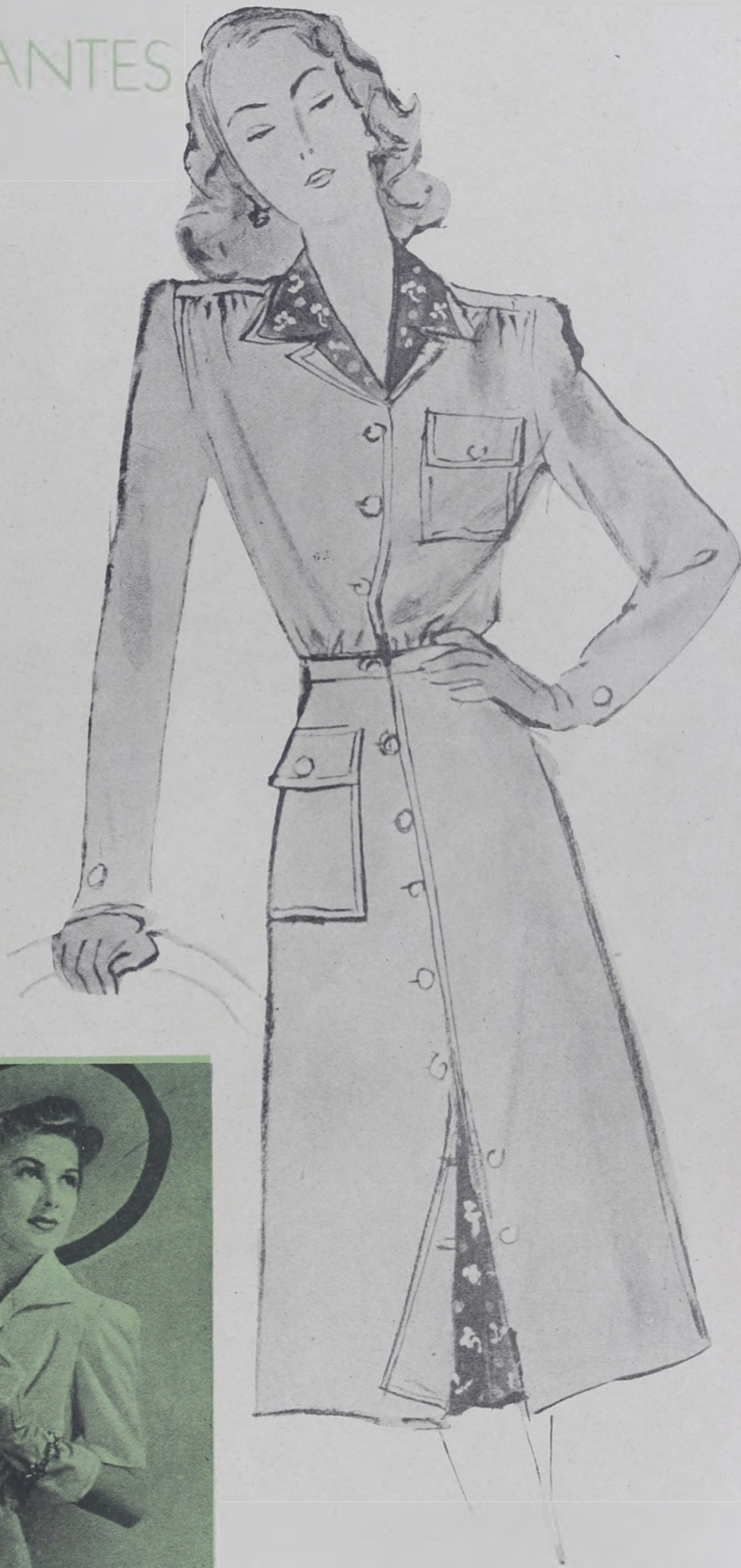
PRATICOS E ELEGANTES



Folhinhas franzidas guarnecem os bolsos deste vestido de seda branca estampada de escarlate.



Se a leitora é mesmo esbelta não vacile em copiar este "tailleur" de crêpe de seda azul.



Sobre um vestido estampado, um "robe manteau" de "shantung" liso forma nova "toilette". Assim: elegante e prático.

ANDE BONITA EM CASA



Edith Head desenhou para Frances Farmer, da Paramount, este "hostess robe" composto de blusa branca e longa saia havêna dourada.

Na rua ou em casa, numa recepção ou no casino, a mulher deve ser elegante, máu grado as preocupações sérias que a absorvem no momento. Isso porque, segundo os entendidos, mulher é graça, encanto, sedução. Assim vem sendo em todos os tempos, indo assim por séculos adiante. Aqui temos hoje, então, para a leitora amiga de oferecer, de quando em quando, um jantar íntimo, dois vestidos notáveis, a principiar por este de rico tom vermelho, bordados a ouro, desenhados especialmente por Addie Masters para Patti McCarty.



A PESAR do calor, da guerra e de outras cousas mais as mulheres aprenderam a tratar dos cabelos com o mesmo carinho com que idealizam um vestido novo. Assim é que as vemos caprichosamente penteadas a qualquer hora do dia, não sendo motivo de surpresa que com-



Cabelos soltos assentam em Rita Hayworth, a fascinante "Dona Sol" de "Sangue e Areia"...



PENTEADOS



Penteado para cabelos claros.

... Como assenta uma auréola de trunfa na primorosa cabeça da "glamorous star".



Dois penteados de origem francesa.

pletam um "short" ou um "maillot" com uma linda trunfa a salientar-se do "turban" multicôr.

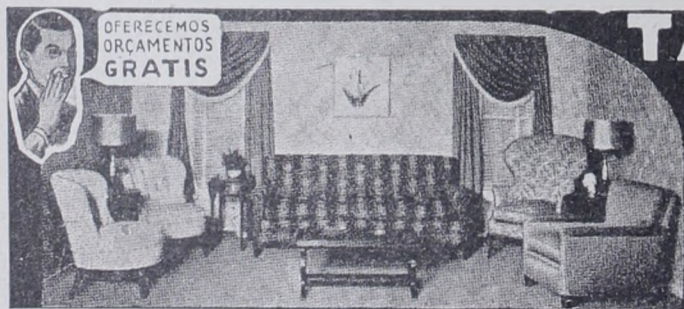
Nesta página a leitora apreciará alguns dos mais graciosos penteados da temporada, copiando os que lhe assentem ao "tipo", podendo assim e segundo exigência da Moda, variar de expressão...



Num "Studio" ou "living-room" cujas paredes sejam forradas de madeira escura, assentam móveis de couro de colorido mais suave, alegrando-se o ambiente com cortinas azues estampadas de vermelho, por exemplo, e, talvez mesmo uma "bergère" num dos referidos tons.

DECORAÇÃO DA CASA

As "estrêlas" de Hollywood adoram, e com razão, tapetes de alva lã de carneiro



TAPETES · MOVEIS · CORTINAS

· **GRUPOS ESTOFADOS** ·

ASA

UNES

AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA, · 67

Segredos de Beleza de Hollywood

Por MAX FACTOR, Jr.

MODOS BONITOS

EM posso imaginar que as minhas leitoras calculem a estatura Grete Garbo fazendo uma entrada de cena toda encurvada.

Ou que a linda Rosalind Russell se apresente de ombros completamente redondos, numa das suas películas dramáticas.

Ou a encantadora Gloria Stuart se mostre escabrida e retraída, em vez de exibir a sua jovial aparência.

Você, leitora, nunca viu qualquer das encantadoras estrelas de Hollywood com modos ou porte defeituosos, e, fique certa nunca verá tal coisa a menos que a atriz desempenhe papel característico, no qual tenha de ser muito idosa, ou tragicamente atingida por um defeito físico.

MOCIDADE

Apresentar-se encurvada não se associa à mocidade, à beleza, ao encanto; perfeição do porte deve ser evidente se as qualidades de "glamour" indicadas pretendem existir.

O porte perfeito deve ser real, e os artifícios de ilusão oferecidos pelo "maquillage" ou pela modista são impotentes para diminuir a falta daquele atributo.

Um porte defeituoso é um obstáculo à graça da aparência feminina em quasi todos os seus detalhes. Um penteado, por mais encantador que esteja, não pôde sobrepujar, não quando a cabeça que adorna se ba postar-se erecta. Os vestidos, não importa quão bem estejam tachados, jamais assentarão numa creatura que ande curvada. E mesmo um maquillage absolutamente perfeito não sobressaê quando o conjunto físico denota desencorajamento.

AÇÃO

Deve ser sempre lembrado que a perfeição no porte é mais que um assunto importante. Precisa evidenciar-se em todas as atividades ordinárias — estando de pé, andando e mesmo sentando.

No andar o corpo deve ser mantido erecto, e os passos ritmicos, dados com um decisivo movimento dos quadris. Os pés movimentam-se para a frente, os ombros inclina-

dos, para trás. A cabeça torna-se mais atrativa quando mantida erecta e o queixo um pouco saliente.

No sentar, será perfeita a posição do corpo. Para a mais atrativa aparência quando sentada, toda pessoa deve descansar completamente as costas no encosto da cadeira.

INICIATIVA

Frizei anteriormente que não sabia de uma só das encantadoras mulheres de Hollywood que não cuidasse da perfeição do porte físico.

Entretanto, enquanto muitas sempre possuíram esta perfeição, outras a adquiriram depois de precisar obter sucesso na respectiva vida artística. Aprenderam que uma apresentação elegante do corpo era essencial a qualquer artista que pretendesse êxito na profissão.

Digo que muitas senhoras só adquiriram perfeição de porte recentemente, para encorajar as leitoras cuja posição física não é das melhores, assegurando mas ser possível corrigir êsses defeitos.

A grande maioria dos erros de posição nas mulheres, provém do relaxamento descuidado e preguiçoso do corpo, transformando-o em curvas pouco atraentes. O remédio é muito simples: corrigir máus hábitos!

Podrá adquirir uma bela posição física se transformar tais cuidados num hábito.

DEFEITOS

As más formações do corpo, que vêm de longos anos e, assim, consequência de descuidados, não são dissipados tão facilmente. Precisam de observação regular, de exercícios continuos, embora rotineiros, prescritos por um médico ou um instrutor físico de comprovada capacidade profissional.

Sugro às leitoras que estudem as linhas dos corpos e as posições peculiares de frente de um espelho, em todos os seus

ângulos. Se se julgarem atraentes nas várias posições, a "mirada" ao espelho servirá para demonstrar a necessidade de conservar os hábitos adquiridos.

Agora, se defeitos puderem ser divisados, a reflexão pode inspirar um esforço firme de remediar a aparência feia, sem tratativos.



O traje à colegial é composto de saia marinho, casaco de seda flocada com estampas vermelhas e azues, do tom da guarnição da saia, blusa branca. Joan Leslie, a quem veremos em "The Male Animal", da Warner, veste-o graciosamente, e é assim que o indica à joven carioca.



Para uma das animadas cenas de "Suspicion", de Alfred Hitchcock, foi armada esta mesa com admiráveis objetos inanimados...

A COZINHA

Dize-me o que comes e eu te direi quem és."

Que autoridade maior, literariamente, para um capítulo sobre as reflexões que a cozinha provoca do que a de Brillat Savarin.

Hã, porém, pessoas que nada sabem de cozinha, e também nada sabem do autor da *Physiologie du goût*, embora façam empenho em mostrar que sabem de outras menos uteis.

Para taes pessoas é que vem trasladada a vernáculo aquela máxima das reflexões da gastronomia transcendental.

Que come uma grande parte da gente desta cidade?

O que o hotel; a pensão, em mesa ou em marmitas; a confeitaria; as conservas, em lata ou em vidros; lha fornecem.

E daí que se tira?

Que há muitas casas sem cozinha.

E' claro que a referência não é ao compartimento mas ao trabalho.

Raciocinando apressadamente, como é de uso agora, pode-se chegar a que a falta resultante da crise de donas de casa, que se transformaram em donas de empregos e donas de rua.

Se amanhã alguma ler, na sala de espera do cinema, estas mal cozidas e cosidas linhas, há de jachar que o desaforo é grande — querer que ela vá para a cozinha!!!

Mas, na verdade, nenhum desaforo existe, não só por que o que aí essa leitora encontraria, se lesse atentamente, é uma expressão nova para as sovadissimas "mal traçadas linhas" da sua correspondência epistolar, mas também porque cozinha tem uma significação muito mais elevada, muito mais intelectual que o vulgo lhe dá.

Na cozinha o cuidado do fogão e das panelas é secundário, como é num grande couraçado o dos foguistas.

Tão bom oficial é o de convés como o de máquinas.

O problema da cozinha não se limita ao ato de cozinhar.

Este pode ser desempenhado por qualquer pessoa com alguma prática.

Os outros, porém, exigem conhecimentos e talentos que pouca gente possui.

Começam na escolha dos alimentos, conforme o vigor ou a fragilidade do estomago, o apetite ou o fastio, as idiosincrasias e as preferências das pessoas a que são destinados.

Quantos conhecimentos científicos não são necessários para entrar nesta parte inicial!

Entretanto aquela leitora julga um desprimor cuidar da cozinha.

Se ella tivesse refugado a idéia por vê-la superior às suas forças intellectuais, à sua cultura seria muito louvavel a sinceridade da sua confissão; mas, por achá-lo deprimente, é, então, de se lhe pedir que vá mais de vagar com o andor.

Tem ela grande garbo em contar, entre suas amigas, uma que "é preparadora num laboratório de química, no entanto essa, para o desempenho de tal função precisa de menos ciencia do que precisaria para o da outra — a de cozinha.

Um creme é uma combinação obtida segundo formulas que a modesta caseira chama de receita, mas para temperá-lo na perfeição só um paladar finissimo.

Se no laboratório se fica na dosagem, na cozinha é preciso, pois, ir além, ir ao que não se aprende nos "Manuais" nem nos "Tratados".

Mas a cozinha não pára nêsse trabalho de laboratório, tem de subir até ao arranjo artistico e convidativo da mesa.

Foi tudo isso que aquela leitora, que tem uma amiga preparadora de química, não viu.

Talvez seja das muitas que se vangloriam de não saber fritar uns ovos.

Se é, não o confesse em público, porque pode dar com quem lhe pergunte: — se nem isso conseguiu aprender, que é, então que sabe?

A. de M.

Duas sobremesas

TORTA DE CERÊJAS CRUAS

Massa de torta:
150 grs. de farinha de trigo.
75 grs. de manteiga.
5 - 6 colheres de água fria.
1 colher de chá de açúcar.
1 pitada de sal.

Na farinha em monte fazer um buraco no centro. Aí se vai deitando a manteiga, misturar com as pontas de um garfo e esfarinhar com as palmas da mão. Borrifar com a água misturada com o sal e açúcar, amassar um pouco, formar uma bola, que se deixa repousar por uma hora em lugar fresco. Abrir com um rôlo sobre o comprido, dobrar em tres, deixar repousar 10 minutos.

Repetir esta operação tres vezes. Depois abrir, cortar uma rodéla, forrar com isto um prato ou aro-de-tôrta, picar o fundo com o garfo, para não estufar, e assar no forno. Quando fria desenformar e encher com uma compota de cerejas bem grossa.

Na hora de servir enfeitar com arabescos de creme chantilly.

"SOUFFLÉ" DE CHOCOLATE

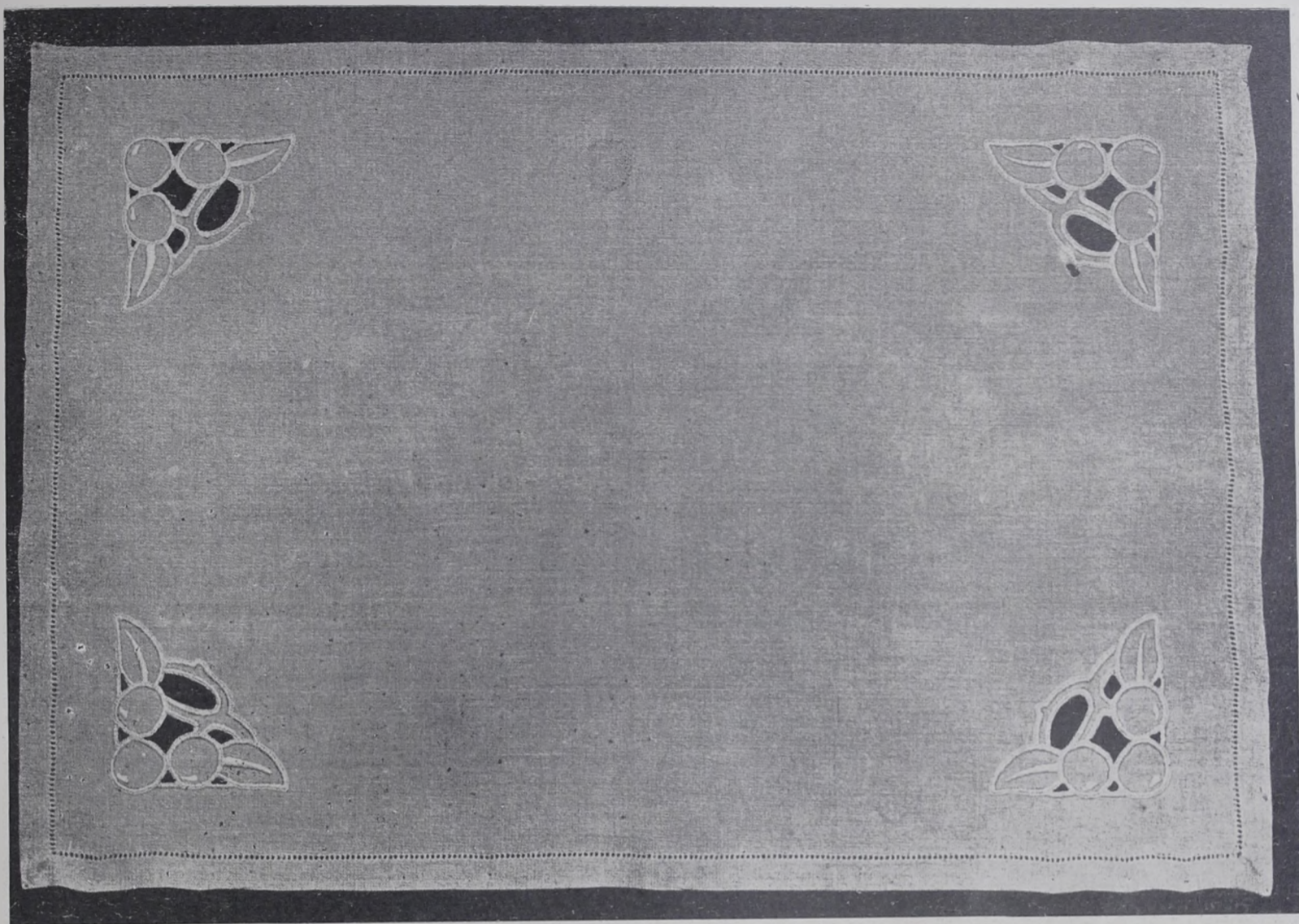
Ferver um litro de leite com uma pitada de sal e 250 gr. de assucar, juntar aos poucos, 120 gr. de chocolate e 40 gr. de fecula de batata, sem deixar encaroçar, 4 gemas e levar a ferver. Depois de frio adicionar as 4 claras em neve, misturar tudo depressa e deitar numa fôrma de porcelana, sem encher. Assar no forno durante 45 a 60 minutos. Alguns minutos antes de retirar do forno, polvilhar com açúcar, e terminar de assar. Servir na própria fôrma ainda quente.

Conselhos á dona de casa

Lembre-se que as escovas devem ser lavadas semanalmente com água e sabão, e postas a secar ao ar livre.

Os coadores devem ser limpos com um cabo de escova ou cerda. Coadores, filtros e passadores devem ser cuidadosamente lavados para não dar sabor desagradavel ao café ou ao chá.

As crianças precisam de mais calorías em cada libra de peso que os adultos.



TOALHINHA PARA BANDEJA

Material necessário: — 1 meada de linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "ANCORA" F 603 (crème).

Um pedaço de linho crème medindo 55 cms. x 38 cms.

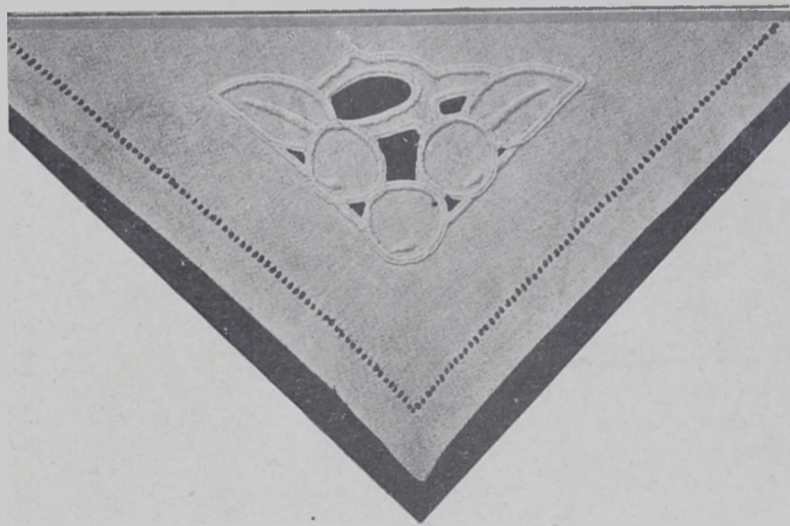
Uma agulha de bordar marca "Milward" n.º 6.

(Usar três fios de linha para bordar)

Fazer uma bainha aberta de 1½ cms. em toda a volta da toalha, depois em cada canto riscar um dos motivos, de maneira que cada lado do triângulo fique 4 cms. distante da beirada da toalhinha.

Trabalhar uma carreira de alinhavo entre todas as linhas duplas do desenho, depois casear sobre êle de geito que a beirada da cabeça do caseado fique voltada para as partes que devem ser cortadas mais tarde. Estas partes são indicadas no diagrama.

Trabalhar as nervuras das fôlhas em ponto cheio e também os ilhóses.



Depois de terminado o bordado, passá-lo pelo lado do avesso e cortar o fundo com uma tesoura de ponta fina.

Material necessário em linha Brilhante marca "ANCORA" n.º 8 (novelos de 10 gramas).

1 novelo F 603 (crème).

Material necessário em linha Brilhante Perola marca "ANCORA" n.º 8 (meadas de 40 metros).

1 meada F 603 (crème).

Vide o risco e a indicação do ponto na revista ARTE DE BORDAR no n.º de Março de 1942



LOLITA FRANÇA destaca se brilhantemente das demais intérpretes da música popular. Muita graça e muito "charme" existem na excelente artista que forma a dupla interessante com Murilo Caldas. — atuando na EDUCADORA. —

Notas

— E se o Casé quizesse contratar artistas bons da música popular para o seu brilhante programa dominical ?

— Há quem assevere que van os deixar de ouvir aquela gargalhada ridícula, em rádio civilizado, do Anestésio.

— Os "Anjos do Inferno" andam perdendo muito para o "Banda da Lua". Mas, com tudo isso, a pose do Léo Vilar, que, afinal de contas, não tem o mérito do homem do trombone pelo nariz, continua a mesma.

Mas a torcida é bem grande.

— Tem feito sucesso na Ipanema a cantora Maiú Atty, em gênero popular agradando muito.



NILSA MAGRASSI é uma das nossas figuras de rádio e cinema mais conhecidas. Bonita e viva, conta com um número ilimitado de admiradores de seus predicados de coração e de inteligência.

Radio-Teatro

Ninguém pôde negar que o rádio-teatro agrade e interesse o público. Ninguém. Mas vale a pena considerar que estamos em completa decadência no gênero, de tal jeito que algumas estações, reconhecendo o fato resolveram suspender os seus espetáculos pelo ar. E vão voltar, em breve, à atividade, pelo que nos apressamos a apelar aos seus dirigentes para que selecionem mais as comédias e queiram apresentar elementos artísticos que convençam. De outra maneira o ouvinte vai, pouco a pouco, perdendo aquele entusiasmo antigo, e abandonando aquele admirável recreio de espírito das audições rádio-teatrais.

Devem os diretores artísticos cogitar sobre o assunto com certa inteligência, pois vemos, de certo modo, bem ameaçado o prestígio destes programas, que eram bem interessantes. Os colaboradores, os artistas são bons, mas, sentimos como que um desalento no meio, uma perfeita falta de vontade para o melhoramento deste gênero de espetáculos.

E temos a certeza si fizerem um inquérito rigoroso sobre o que dissemos, ou seja, sobre a decadência do rádio-teatro, chegarão, com facilidade, ao resultado que apresentamos.

FRANCISCO GALVAO



XAVIER DE SOUSA, da RADIO CLUB, tem a sua personalidade. É ele quem fala "aos ouvintes do coração", enquanto a cidade trabalha. Os outros locutores, mais "granjas", preferem a conversa, ao microfone, à noite, ele gosta mais de atuar de dia...

VALSAS DE NAZARETH E
EDUARDO SOUTO

A pianista Carmen Eugenia voltou a atuar na PRD-2-Rádio Cruzeiro do Sul, tendo reiniciado sua atuação, na querida emissora, interpretando lindas valsas de Ernesto Nazareth e Eduardo Souto, melodias que não envelhecem e fazem a delícia de grande público.



Novidades

— Quem irradiará, com priviégio, os próximos jogos de foot-ball do campeonato sul-americano em 1943 ?

— Há quem diga que o Celso Guimarães está rindo menos ao microfone.

— Vai reaparecer no rádio, Rosina Pagã, com excelentes programas, o que trouxe alegria a seus milhares de "fans"...

— Waldeck Magalhães é agora o locutor romântico. Este rádio tem cada uma! Pois até existe um "speaker" com lágrimas na voz! Por causa dessas e de outras, é que o rádio anda sem prestígio perante o público...

— Espera-se que a Educadora apresente os seus artistas de estudio numa modificação completa...

— Lauro Borges poderia mudar o "espelho" da sua "Buzina". Tão inteligente como é, era fácil verificar que o seu jornal vem massando o público...

— E se o Paulo Roberto, na temporada deste ano, conseguisse quem o substituisse como galan de rádio-teatro, e escrevesse antes as lindas crônicas irônicas que ele sabe apresentar pela Cruzeiro do Sul ?

Comentarios

— Onde é que anda Carlos Galhardo que entrou em perfeita decadência ?

— Quem pôde dar notícias de Manuel Reis, que tendo uma voz bonita, preferiu imitar a Francisco Alves ?

— Fala-se muito que o Ladeira vem cheio de novidades de Buenos Aires.



BRITZ DIAS é, na EDUCADORA, um dos mais destacados elementos da rádio-teatro. Inteligente e viva, poucas artistas possuem, como Britz Dias, uma interpretação tão segura nas comédias policiais...

Será que êle trará de novo Mercedes Simone ?

— E para onde irá Pedro Vargas, que andou fazendo festas na Nacional ?

— Aqueia correspondência de fans de certa revista de rádio está simplesmente ridícula . . .

— Linda Batista deu uma entrevista, e como sempre, disse coisas originais, como, por exemplo, que desejaria ser datilógrafa.

Teria sido sincera ?

— David Nasser passou um Carnaval sem aquele sucesso de antigamente.

E por que ?

— Simone Morais é uma artista de mérito que canta na Mairink Veiga.

— E Odete Batista ? Já viram como ela vem progredindo na Tupi, no programa do Paulo Gracindo ?

— Benedito Lacerda podia resolver fazer uma orquestra bem curiosa, com os próprios elementos que tem no seu famoso conjunto.

— Andam dizendo que a Nacional e a Tupi pretendem apresentar programas de estudio de dia.

Será possível ?

Motivos

Está de férias, numa fazenda, Cinara Rios, que, ao regressar, promete grandes novidades.

Vamos vêr.

— Aguardamos que, de regresso de Buenos Aires, Cesar Ladeira queira apresentar novidades na Mairink Veiga.

— Candido Botelho resolveu fazer uma orquestra que tem feito sucesso.

— Podemos afirmar que Arí Barroso, ao contrário do que se anunciou, conti-



JORGE MURAD é um velho artista de rádio. Contador de anedotas sírias, dentro de pouco tempo conseguiu obter -- uma perfeita admiração do público. --



Os ouvintes da PRA-9 ouvem, sempre, no Programa do Almoço da "sua" estação, uma voz agradável, interpretando sambas e marchas: a voz de ALBA LUCY. Aqui está ela, a "garota" da MAIRINK VEIGA, parecendo zangada . . . mas podemos garantir que não está, não . . . Ela não se zanga com ninguém . . .



LOLITA NOVARRO, além desse sorriso cheio de malícia, possui uma voz agradável e bonita. Lolita canta melodias portenhas com muito agrado, através dos microfones da PRB-7 e da PRD-2 — Rádios EDUCADORA e CRUZEIRO DO SUL, desta Capital, possuindo um sem número de "fans".

nuará, em 1942, a irradiar os jogos desportivos na Tupi.

— Agora que Dircinha chegou, vamos aguardar a sua apresentação no rádio.

— "Bazar de Rítmos", que, aliás, nada tem dêles, é um programa interessante da Tupi pela voz de Paulo Gracindo.

— Léa Delba é uma intérprete de folclore conciente da Rádio Inconfidência de Belo Horizonte.



JOEL e GAÚCHO, a dupla admirável do rádio

Uma entrevista com Joel e Gaúcho

Joel e Gaúcho é uma velha dupla de rádio. Dupla abafante e bem cotada. Tem o seu cartaz; tem o seu mérito. Reparámos que de há muito a publicidade se tem esquecido dela. E talvez por isso fomos ouvi-la.

— O rádio, em 1942 ?

— Vai melhorando muito. Esperamos que ande mais para a frente — diz-nos Joel. Creia que este ano esperamos novos studios, ondas curtas, e muito mais novidades. Somos otimistas. O Gaúcho está comigo. Si não fizemos mais, em matéria de rádio, é porque, em verdade, ainda é bem cedo. Progredimos bem. E uma questão de se dar um balanço nos acontecimentos. Você não acha ? O artista de rádio hoje é cotado, ganha bons ordenados, depois de fazer o seu cartaz. Não se póde queixar do nível de vida.

Naturalmente, que êles demoram na fama. A demora é justa, pois temos poucas estações. E êles se consagram com facilidade.

— Com facilidade ?

— Repare bem nos artistas novos que temos ? Veja como êles progrediram. Público, meu amigo, público, êle é quem faz os artistas, além de vocês, jornalistas . . .

E saiu, chispado, para tomar uma cajuada gostosa com um fan na porta do Nice.



WILSON DE ANDRADE é uma figura das mais credenciadas do rádio, que se fez em São Paulo, mas que conta nos meios cariocas as mais vivas simpatias.

RETA L H O S S E N T I M E N T A I S



DORINHA — Rio — Grata pela participação. Sinto não poder visitá-la; meu tempo é todo tomado. Se continuar a agir sempre assim, como me disse em sua linda cartinha colorida e perfumada, será sempre feliz. Aceite os meus parabens, graciosa Dorinha.

ARROGANTE — S. Paulo — Se fosse menos escrupulosa, aceitaria a sua intervenção bombástica. Por ora, concentre-se em seus planos.

LUCIA — Rio — Começaram num barco a vela acabando na pretoria. Da's meses depois, concordaram ambos em uma separação amigável. Se acho que seja isso uma loucura? Não resta a menor dúvida que seja um caso um tanto extravagante; mas, Lucia, há amores de variadíssimos tipos... Uma vez trabalhando e relativamente independente, de um temperamento assim, indiferente, acho bom ir você procurando distrair-se nesse meio-tempo, pois de uma hora para outra tenho quasi que a certeza de que um procurará o outro ao mesmo tempo, com o único fito de um novo passeio em um barco a vela...

NEUSA — Rio — Ainda uma vez as estatísticas norte-americanas provaram que o maior número de casamentos é feito entre rapazes de pouca idade com moças mais velhas e homens trintões com mocinhas novas. É a tendência do século. Sabedora disso, Neusa, não vejo mas razão para temores, uma vez que ele a estima assim mesmo. Se houvesse muita diferença de idades sim, mas, dois anos apertados, sendo você a mais velha... A menos que você não o estime...

MAIUCA — Rio — Tive um romance antigo que durou três anos. Houve infidelidade da parte dele, havendo você até adoecido de tristeza por causa disso. Agora, depois de muito tempo, quer ele voltar, nada mais sentindo porém você do que sentia. Sincera por demais que é, sem confiança nele, viverá em dúvidas eternas. Deve baní-lo de sua vida e ficar com o segundo que lhe apareceu; isso de largas visões em se tratando do primeiro, estou quasi que a apostar que está você colocando isso desde já em plano muito secundário, tanto mais que o segundo também não deixa muito a dever...

CORINA — Rio — A causa da sua infelicidade conjugal é, segundo a sua maneira de se expressar a respeito dele, proveniente da sua tendência para o domínio. Se ele vive a buscar conquistas fóra do lar é porque dentro dele não encontra o carinho necessário. Deve ser um homem um tanto sentimental e deverá você procurar agir com ele mais sabiamente...

Não é só ter uma casa bem tratada e filhos bonitos; isso não basta. O essencial na mulher é sobretudo ser bastante feminina e dócil. Procure ser menos áspera (perdô-me; é para o seu bem) para com ele e observe calmamente os resultados...

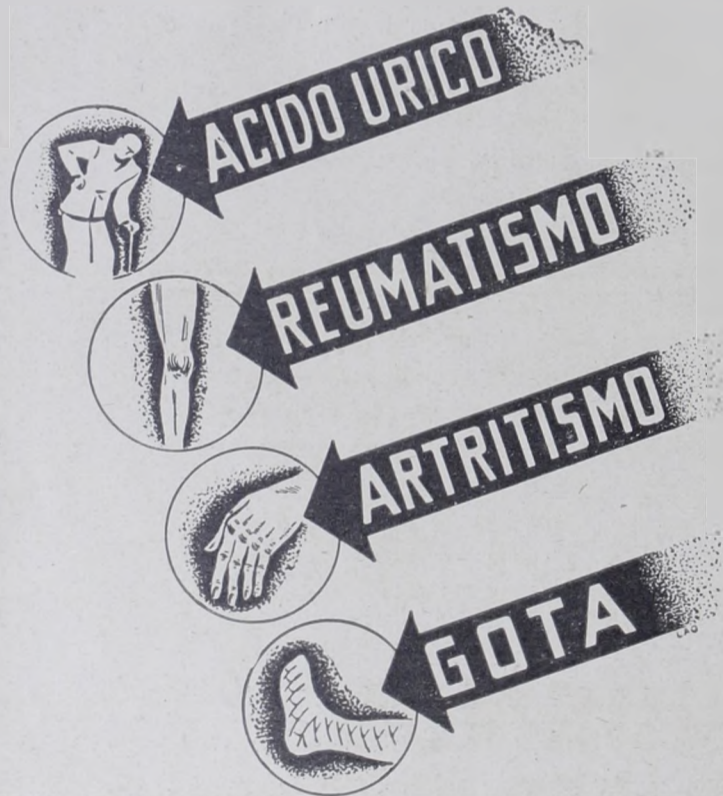
CREUZA — Rio — Não acho que deva abandonar preconceitos por um desconhecido que a atraí com promessas vãs. Essas paixões repentinas passam logo, ao passo que é bastante difícil fazer passar, um ato mal praticado. Sem carater algum, ele não nada zela por você. Ainda não estamos na época de fazer experiências nesse sentido. Se todos fossem assim, não haveria a família. E se a experiência der em um resultado contrário; irá você tentá-la com outros? Retroceda e reflita Creuza; o modernismo ainda não chegou a esse ponto. Esqueça-o. Afaste-o mesmo. Reconheça-o como um elemento perigoso para a sua vida calma e relativamente feliz...

VAIDOSA — Minas — Como deverá vestir-se para atrair novos amores? Dirija-se a uma secção de modas e não a mim. Gosto de fazer estudos sobre corações e almas e não sobre pompons e babados. É claro que uma mulher deve cuidar bem da sua aparência. Mas, vaidosa, além da indumentária, há coisas que valem muito mais. Há pequeninos nadas, sem bordados nem missangas, que valem ouro numa conquista...

PÁSSARO AZUL — Rio — Ele é aviador rico. Tem avião, automóvel, lancha. Durante o namoro, torturou-a com suas leviandades, e, porisso, sua família procurou afastá-los um do outro. Por você, sofreria sempre, contanto que o tivesse aparentemente seu. Idolatrava-o assim, inconstante, insentado. Hoje diz ser uma descrente do amor, conservando ainda na lembrança aquele sonho de afeição irrealizada. Conquistas outras tem-nas tido, mas vir a gostar de outro como gostou dele, diz que "nunca"! E se disser-lhe eu, passarinho enamorado, que o seu romance não passou de um sonho dourado engendrado por um coraçãozinho muito joven? Seus ideais de moça embeveciam-se diante da vaidade de vê-lo ora num avião, ora num automóvel, ora numa lancha. Se você tivesse antes de tudo procurado estudar-lhe os verdadeiros sentimentos, teria tido, o que é fato, um retorno decepcionante. E é nisso que deve você pensar. As ilusões amorosas passam; fica depois somente uma afeição bem cara, quando se tem uma agradável convivência. Isso não teria você; e quando despertasse, não seria pior? Mais vale às vezes, uma forte comunhão de idéias, uma grande atração de sentimentos (junto a um certo conforto material, é claro, uma vez que o seu sonho dourado foi tão alto) do que muitas lanchas, muitos automóveis e muitos aviões. Reflita e veja se vale ou não a pena tentar nova conquista, abrir de novo o coração, já que está em você mesma o lindo pássaro azul...

NARA

Correspondencia: NARA — Retalhos sentimentais. Travesa do Ouvidor, 26 — Rio.



LYTOPHAN

**EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS**

MÃOZINHA ABENÇOADA

(Conclusão)

gaçando decididamente as mangas do vestido justo, alcançou o biltre. Este ia todo entregue à pequena, descuidadamente, quando sentiu violento empuxão. Qualquer coisa parecida com um guindaste soergueu-o nas pontas dos pés, atanzando-lhe o peito. No ar, suspenso, pesada manopla vibrava-lhe nas faces. As bofetadas cantavam sonoramente. Era música estupendamente nova. O povo juntou, gozando sádica-mente o raro espetáculo. Risos e piadas borbotaram logo. O rapaz, tão violentamente arrastado do sétimo céu para a terra, esperneou dignamente. Arrojou tôdas as suas forças numa retirada estratégica, que o salvasse da sarai-vada. A velha sacudia-o rijamente, tendo o cabelo em desalinho, fóra do lenço, caído sôbre a testa, blasfemando:

— Ah! seu coisa ruim! Para tú aprenderes a respeitar gente honesta! Seu cão vadio: Toma! Mais esta! Guarda! Toma!... Leva mais esta!...

Afinal, o rapaz, num arranco decisivo, enquanto a velha tomava folego para nova investida, desgarrou-se das tenazes. E pernas para que vos quero! Escafedeu-se entre a plateia, batido por assuadas. Ofegante, as faces congestionadas, tôda desalinhada com o fervor da luta, a lavadeira ficou no meio da rua atirando gestos, freneticamente. Beijava a mão, depois sacudia o punho fechado bem alto e bradava, exultante:

— Aí mãozinha abençoada... Aí mãozinha abençoada...



Saudamos **A SOLIDARIEDADE** *das Américas*

JAMAIS na história de um continente, houve maior exemplo de solidariedade humana e de respeito aos principios da justiça e equidade, do que o que nos oferece a América unida e coêsa. Filhos de 21 nações livres, reúnem suas forças morais e materiais para, como um único e indissolúvel blóco, viver livre hoje, independente e feliz no futuro. Kosmos Capitalização S. A., organização genuinamente

brasileira, para servir a economia do público, proporcionando-lhe por meio de seus títulos um pecúlio para um futuro tranquilo e feliz, homenageando as nações livres do continente, fará reviver, em uma interessante campanha publicitária, os vultos mais destacados no passado de cada nação americana, que pela sua coragem, pertinácia e inteligência, emprestaram personalidade marcante ao Novo Mundo.

**KOSMOS**
CAPITALIZAÇÃO S.A.

Capital 2.000:000\$ - Realizado 800:000\$
Rua do Ouvidor, 87 - Rio de Janeiro

Tupan



Senhorita Margarida Gomes, graciosa irmã do nosso companheiro Randolpho Gomes.



Bettina Barretto Lauper, no dia de sua primeira comunhão, na matriz da Gloria.



Eurydice, filha do Casal Guilherme Marques da Silva, quando fez sua primeira comunhão na matriz da Tijuca.



Armando Sergio, filhinho do casal Armando Costa e Ernestina Costa



D. Isabel Rodrigues de Araujo, esposa do snr. Octavio Augusto de Araujo, nosso agente em Brasilia, no Acre, cujo falecimento, em Outubro ultimo, causou o maior consternamento em Brasilia.

A POROROCA (Conclusão)

Chegou. O casario tosco, adormecido e quieto, parecia abandonado. Nem uma luz nas janelas. Tudo em silencio. Procurou a casa de Bentinho. Bateu. O homem veio atender. Surpreendeu-se. Não. Ignorava onde devia estar Miguelinho. E, perversamente, ajuntou que o dia fora ruim, não chegara o "gaiola" esperado, trabalho não houvera para os canoeiros.

Chica Maria não quis ouvir mais nada. Correu para a canôa. O seringal era proximo. Entrou a remar, furiosamente. Não sabia bem o que ia fazer. Sentia, apenas, uma enorme necessidade de surpreender o amante nos braços da outra. Venceu a distancia. Saltou a correu, desabaladamente, pela trilha. Alcançou a casa de Joan, que lhe era bem familiar, pois ali passara a infancia. Havia luz no quarto de traz. Parou pera respirar. Subiu a uma arvore baixa. E viu Miguelinho arrumando a roupa amarrotada, pressuroso, sob o olhar terno de Joana.

Eu não sabia que era tão fácil costurar!

AGULHAS SINGER PARA COSTURAR

Todas as agulhas e peças Singer legítimas trazem a marca registrada SINGER. Cuidado com as imitações.

Facil... E agradável, até... Mas com uma Singer... Famosas em todo o mundo há mais de 80 anos, tendo atingido a uma perfeição mecânica admirável, as máquinas Singer fazem da costura um verdadeiro passa-tempo. E com a economia que proporciona, você poderá enriquecer o seu guarda-roupa. Si deseja ampliar os seus conhecimentos na arte de coser, dirija-se a uma das Lojas Singer, que estão sempre ao seu dispor para esse fim.

Singer

Q - 7 2

Um bellissimo livreto SINGER, GRATIS! Envie-nos este coupon e receberá um magnifico manual ilustrado, contendo interessantes sugestões sobre a ARTE DE COSER e DECORAÇÃO DO LAR.

SINGER SEWING MACHINE CO.
Caixa Postal, 2967 — São Paulo

NOME

RUA

BAIRRO

CIDADE

ESTADO

Saltou ao chão, barafustou pela casa e entrou, desvairadamente, no quarto. Miguelinho surpreso, reconhecendo a mulher, fraquejou e quiz rugar. Não o pode fazer. Chica Maria, apanhando uma acha de lenha que, alucinada, vira no chão, avançou para o amante e abateu-lhe a massa sobre a cabeça. Miguelinho caiu, ensanguentado. Joana, atordoada, quiz enfrenta-la. A outra não lhe deu tempo. Baixou a madeira duas vezes, esmagando-lhe o craneo, partindo os ombros, enchendo-se de sangue.

Miguelinho gemeu, os miolos fugindo pela testa aberta. Chica Maria assestou outro golpe e mais outro. Depois, partiu para Joana e acabou de liquidar a rival, dando-lhe tres pancadas na cara hedionda. E, completamente louca, fugiu para a mata.

Crecencio, prevenido á pressa por Bentinho, que, temeroso de uma vingança, se arrependera da denuncia, chegou, em seguida, acompanhado do outro. Vinha esperando uma fatalidade, mas queria evita-la. A luz mortiça do lampeão de queozene iluminava o quadro que Chca Maria deixara atrás de si, os cadaveres ensanguentados e o quarto em desordem.

— Foi a pororoca, murmurou.

— Hein? perguntou Bentinho.

— A pororoca, homem, a pororoca que rebentou no peito da mulher.

Bentinho não compreendeu.

MUSICAS SELECIONADAS

OS PROGRAMAS

"Ondas Musicais"



ESTÃO NO AR

das 13 às 14 hs. nas seguintes estações

TODAS AS TERÇAS-FEIRAS NA:

Rádio Nacional PRE-8 R. M. Veiga PRA-9
Rádio Tupi PRG-3 Rádio C. do Sul PRD-2
R. J. do Brasil PRF-4

NAS ANTE-PENULTIMAS SEXTAS-FEIRAS NA:

Rádio Nacional PRE-8
Rádio Club PRA-3 Rádio Vera Cruz PRE-2

NAS ÚLTIMAS SEXTAS-FEIRAS NA:

Rádio Nacional PRE-8 Rádio Vera Cruz PRE-2
Rádio Club PRA-3 R. Educadora PRB-7

LIGA BRASILEIRA DE ELECTRICIDADE

"SIRVA-SE DA ELECTRICIDADE"

CAIXA POSTAL 1755

TELEFONE 22-1676

UM CRIME NA FLORESTA

(CONCLUSÃO)

— Cuidado! Não persevere no crime! A primeira falta que cometeu foi-lhe perdoada...

E o silêncio voltou...

Chegando o estio, o guarda recebeu vários papéis: relatórios, notas, requerimentos, informações, etc.

Teve de ausentar-se por alguns dias.

— Estarei de regresso dentro de três dias — confiou a Koleba. Tome conta de minha "velha" e da casa.

E partiu.

Acidade, para êle, foi tumulto, poeira. Tempo perdido, atmosfera irrespirável.

Seu chefe mostrou-se bastante satisfeito com seus serviços. "As planta-

ções prosperavam — dizia o relatório — não se verificaram atentados contra as árvores, as caçadas eram raras...

Dzikout trouxe para a mãe um grande chale de cachemir e para Handzia um colar vermelho. Anoteciã, quando êle chegou à cabana. "Zouk" veio-lhe ao encontro, latindo.

— Meus presentes vão agradar, por certo — pensava consigo Dzikout, exultante.

À porta da cabana, topou numa trouxa.

E bruscamente um terrível pressentimento fê-lo estremecer.

Depois, o que parecia um sonho, transformou-se numa realidade.

As palavras que saíam a medo dos lábios trêmulos de Koleba, a navalha ensanguentada que jazia por terra e, estendido na alcôva, o corpo, ainda quente, de Rahina, o casquinho em pedaços.

Rápido, Dzikout apanhou uma corda, amarrou as mãos e os pés de Koleba e deitou-o de costas no velho leito estreito.

Saiu, a correr, e voltou, trazendo uma escada de mão.

Dzikout estava pálido qual um cadáver e suava abundantemente.

— Mate-me! — pedia Koleba.

Dzikout dardejou sobre êle os olhos alucinados, e nada disse.

Foi à alcôva buscar o corpo de sua mãe e estendeu-o sobre a escada. Feito isso, depôs o precioso fardo na cama, ao lado de Koleba.

Ao deixar a cabana, fechou a porta. O assassino e a vítima ficaram sós na lúgubre morada.

Alguns dias após, um individuo andrajoso e mal encarado, apresentava-se ao posto policial dos arredores. Era o guarda florestal Dzikout.

— Uma cêrva — dizia o pobre homem — eu vi uma cêrva na floresta. Tinha um colar vermelho em torno do pescoço e longos, longos, longos cabelos brancos...

Dr. Telles de Menezes

CLINICA DE SENHORAS

Diatermia, Ultra-Violeta, Infra-Vermelho, etc

Rua Gonçalves Dias, 84, 5º s. 504-5

Das 15 às 18 horas. — Tels: Consultório 23-3147. Res. 42-1948



CENTRO LOTERICO

distribue verdadeiras fortunas em bilhetes e apolices vendidos

em seu balcão,

na TRAVESSA DO OUVIDOR, 9

Vae casar feliz,
sem preocupações,



porque teve o melhor conselheiro para
os detalhes de confecção de seu enxoval
e da ornamentação de seu lar,

O "Guia das Noivas"

a excelente publicação que
oferece ás jovens, antes e
depois do matrimonio, conselhos, sugestões,
ensinamentos, alvitres, inumeros riscos e modelos
para bordados, lingerie de corpo, cama e mesa,
decoreção de interiores, organização de menus
para "lunches", almoços e jantares, tudo isso em
lindas paginas cheias de arte e bom gosto que
fazem de

O "GUIA DAS NOIVAS"

o verdadeiro livro de cabeceira das noivas e recém-casadas.

Uma publicação da
BIBLIOTHECA DE "ARTE DE BORDAR"

PREÇO 10\$000

Pedidos, acompanhados da importancia, á Bibliotheca de
ARTE DE BORDAR, Travessa do Ouvidor, n.º 26 --
RIO DE JANEIRO

E encontrado á venda em todas as Livrarias do Brasil